

Sâmia Marreiro da Silva Pedrosa

**Práticas de gestão e modos de inclusão de alunos com necessidades educativas especiais numa escola multisseriada no município de Santana do Maranhão: um estudo de caso**

—

MESTRADO EM ESTUDOS PROFISSIONAIS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO: ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES EDUCATIVAS



Sâmia Marreiro da Silva Pedrosa

**Práticas de gestão e modos de inclusão de alunos com necessidades educativas especiais numa escola multisseriada no município de Santana do Maranhão: um estudo de caso**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRE

Orientação

Professora Doutora Paula Cristina Romão Pereira

— MESTRADO EM ESTUDOS PROFISSIONAIS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO: ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES EDUCATIVAS



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço imensamente a Deus que em sua infinita bondade não me permitiu fraquejar ao longo dessa jornada.

Agradeço aos meus pais, Silvio Marreiro da Silva e Marinez da Conceição Firmino da Silva, por serem minha base e jamais me permitiram desistir, pelos conselhos pertinentes, e pelo amor incondicional.

Agradeço a meus irmãos Antônia Maria Marreiro da Silva de Araújo, Silvane Marreiro da Silva e Antônio Marreiro da Silva Neto, por me fortalecerem na caminhada da vida, amo-os sem distinção.

Agradeço a meu amado esposo Thiago Danilo Pedrosa Marreiro, a quem Deus me enviou ao longo dessa jornada, e se tornou tão importante quanto o ar que respiro.

Agradeço a minha filha Maria Sophia Marreiro Pedrosa, o presente mais glorioso que Deus me enviou, amá-la é renovar minhas forças diariamente.

As crianças da minha família, Jhanyce Mirella Araújo de Souza, a quem Deus no presenteou a alguns anos atrás e se tornou nossa filha do coração, e Abrahão Marreiro de Araújo, meu sobrinho e afilhado, uma criança apaixonante.

As pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão deste trabalho, em especial a Camilo Escórcio de Araújo, meu cunhado, e a todos os familiares que sempre entenderam e respeitaram as escolhas que fiz, e perdoaram minha ausência em suas vidas.

Agradeço a minha grande e estimada amiga que permanecerá em meu coração eternamente, a qual contribuiu pessoalmente e profissionalmente com minha vida desde sempre, Solange de Souza Rego Lima, obrigada por tudo.

Aos amigos de mestrado pela ajuda ao longo deste caminho, e aos amigos que conquistei Claudia Pires Costa, Helimara Elias, Kaylla Cutrim, muito obrigada.

A minha prezada professora Doutora Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo pelo incentivo da conclusão deste estudo.

A minha estimada orientadora, Dr. Paula Romão, nem a distância conseguiu nos separar, pois obtive da mesma incansável orientação durante todo processo de conclusão deste trabalho, obrigada por tudo.

Agradeço ao Doutor João Paulo Delgado, que profissionalmente sempre nos manteve sob sua atenção principal.

Por fim, a todos os partícipes da escolinha da Cabeceira do Magú, que contribuíram com essa pesquisa, em especial a gestora e as professoras da escola pesquisada, e todo seu corpo profissional.

## RESUMO

Analizamos questões relacionadas às práticas de gestão e modos de inclusão de alunos com necessidades educativas especiais numa escola multisseriada no município de Santana – Maranhão. Para tanto procuramos investigar as condições estruturais da escola e as características formativas e de docência das professoras de classes multisseriadas do meio rural maranhense objetivando apreender modos como produzem a profissão docente, na perspectiva de ampliar e contribuir com discussões sobre a multisseriação no Brasil e as condições de trabalho. Ao adotar princípios da pesquisa qualitativa, o trabalho apresenta reflexões sobre as condições de trabalho docente, através de dados coletados por meio da aplicação de observação e registros de campo, questionário e de entrevistas narrativas. Tais dados evidenciam marcas de precarização nas condições de trabalho docente no âmbito do contexto da multisseriação e desvelam, ainda, problemas concretos do cotidiano escolar causados por tal precarização do trabalho, mas também formas de superação das professoras na realização do trabalho docente, face às adversidades vividas no cotidiano profissional e escolar principalmente por terem de lidar com alunos com necessidades educativas especiais, sem possuírem uma formação pedagógica adequada a essa realidade. Concluímos que as práticas de gestão estão em conformidade com as orientações de especialistas da área contemplados no trabalho e que os modos de inclusão dos alunos em geral e dos especiais em particular está sendo feita, de forma empírica, “cada caso é um caso”, aonde os professores trabalham com tentativas empíricas para alcançar o sucesso escolar almejado.

**Palavras-chave:** Classes Multisseriadas. Práticas de gestão. Condições de trabalho docente. Educação no meio rural.





## **ABSTRACT**

We analyzed questions related to the management practices and modes of inclusion of students with special educational needs at the multi - grade school in the municipality of Santana - Maranhão. In order to do so, we aim to investigate the structural conditions of the school and the formative and teaching characteristics of the teachers of multisite classes in rural Maranhão aiming at apprehending ways of producing the teaching profession, with a view to expanding and contributing to discussions about multiseriate education in Brazil and work conditions. By adopting principles of qualitative research, the work presents reflections on the working conditions of teachers, through collected through the application of observation and field records, questionnaire and narrative interviews. These data show signs of precariousness in working conditions within the context of the multiseriality and also reveal concrete problems of daily school life caused by such precariousness of work, but also ways of overcoming teachers in the accomplishment of teaching work, in the face of adversities experienced in professional and school daily life mainly because they have to deal with students with educational needs without adequate pedagogical training to this reality. We conclude that the management practices are in accordance with the guidelines of specialists of the area contemplated in the work and that the ways of inclusion of the students in general and of the special ones in particular is being made, empirically, "each case is a case", where teachers have been working with empirical attempts to achieve desired school success.

**Keywords:** Multiseriate Classes. Management practices. Teaching work conditions; Education in rural areas.



Para Amiguiño (2008) essas escolas multisseriadas são “portadoras de futuro” é mister entender que essas classes não são “anomalias” do sistema educacional, para assumir a compreensão de que a multisseriação trata-se de um modo de organização do ensino, implicando entendê-la numa lógica não-seriada. Essas classes multisseriadas, “[...] ao mesmo tempo em que podem ser vistas como algo fragmentado, são também coesas na sua forma particular de existir, pois esta coesão é uma característica das sociedades contemporâneas”.

Pinho & Souza (2012, p. 262).



## INDÍCE

Lista de Siglas	xi
Índice de Figuras	xiii
Índice de Quadros	xv
Introdução	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico	5
1.1. Classes multisseriadas: trajetórias, limites e perspectivas	5
1.2. Saberes e práticas da inclusão escolar em salas de aula multisseriadas	9
1.3. Práticas de gestão escolar em salas multisseriada	18
1.4. Necessidades educativas especiais e suas especificidades	23
2.1. Problema e objetivos	35
2.1.1. Problema	35
2.1.2. Objetivos	36
2.2. Metodologia	36
2.2.1. Pesquisa qualitativa	36
2.2.2. Estudo de caso	37
2.2.3. Local da pesquisa	38
2.2.4. Memorial da escola investigada	40
2.2.5. Participantes da pesquisa	43
2.3. Técnicas de recolha de dados utilizadas	48
2.4. Técnicas de tratamento de dados a utilizar	50
Bibliografia	95
Apêndices	105



## LISTA DE SIGLAS

AADID	– Associação Americana de Deficiência Intelectual e do Desenvolvimento
AEE	– Atendimento Educacional Especializado
CF	– Constituição Federal
CONSED	– Conselho Nacional Educação
DOEBEC	– Diretrizes Operacionais da Educação Básica
ESE	– Escola Superior de Educação
INEP	– Instituto Nacional de Pesquisa Educacional Anísio Teixeira
LDB	– Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	– Ministério da Educação
NEE	– Necessidades Educativas Especiais
ONG	– Organizações Não Governamentais
ONU	– Organização das Nações Unidas
PCN	– Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE	– Plano Nacional de Educação
PPP	– Projeto Político Pedagógico
QI	– Quociente de Inteligência
SEF	– Secretaria de Ensino Fundamental
SEMED	– Secretaria de Educação Municipal
TDAH	– Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
TEA	– Transtorno do Espectro Autista
UNDIME	– União dos Diretores de Escolas Municipais





## **ÍNDICE DE FIGURAS**

Figura 1: Localização de Santana do Maranhão.	39
Figura 2: Sala de aula multisseriada.	56



## ÍNDICE DE QUADRO

Quadro 1: Características das crianças observadas	46
Quadro 2: Número de sujeitos na escola investigada	47
Quadro 3: Características dos alunos com NEE da escola investigada	47
Quadro 4: Alunos sem NEE da escola investigada	47



## INTRODUÇÃO

Constantemente nós professores nos defrontamos com leituras e/ou reflexões acerca da inclusão dos alunos com Necessidades Educativas Especiais (de agora em diante identificados como alunos com NEE) e quase sempre questionamos sobre qual paradigma estaríamos nos orientando para falarmos de inclusão escolar somente quando nos reportamos aos alunos com NEE, que conforme nos orienta a base legal da educação brasileira todas as crianças em idade escolar possuem constitucionalmente o direito a educação escolar, ou seja, possuem assento garantido na escola.

Ocorre que em nosso país, a educação escolar tem características específicas desde sua origem, pois a conquista do direito de frequentar a escola, enquanto lugar de ensino e aprendizagem só foi conquistado tendo em vista as lutas sociais que fincaram pé no contexto de uma sociedade pluriétnica e multicultural, a qual aos pouco foi abrindo suas portas aos negros, aos pobres e aos portadores de NEE.

No entanto, a educação sendo direito de todos e dever de Estado e da sociedade civil (Art.1 do Capítulo Educação da Constituição Brasileira de 1988) ainda hoje tem sua prática em um ambiente bastante diferenciado, sendo possível em um mesmo país ou em um mesmo estado convivermos com diferentes formas de oferta de ensino e aprendizagem aos nossos alunos.

Esse fato está presente recorrentemente em contextos geográficos mais afastados do centro urbano, onde as condições socioeconômicas das pessoas são mais afetadas pelas disparidades regionais, sociais e econômicas, sendo necessário que as autoridades constituídas e responsáveis pelas políticas educacionais criarem estratégias de gerir tais desigualdades regionais.

É nesse contexto que foi criado em 1994, o município de Santana do Maranhão, com sede no povoado Santana, a ser desmembrado do município de São Bernardo e limitando-se ao norte com os municípios de Paulino Neves

e Tutóia; a Leste com de São Bernardo; a oeste com o de Barreirinhas e ao Sul com os municípios de São Bernardo e Santa Quitéria. Este município é relativamente novo e como outro dessa ordem, decorrente de uma política descomprometida com os anseios da população pobre, embora seja o desejo de políticos de má índole que procuram criar seus redutos eleitoristas sem pensarem no bem-estar da população.

É nesse espaço geográfico que está localizada a escola que escolhemos como lugar de nossa investigação, seja para atender as exigências do Mestrado em Estudos Profissionais Especializados em Educação: Especialização em Administração das Organizações Educativas do qual fazemos parte na Escola Superior de Educação (ESE) pertencente ao Instituto Politécnico do Porto (IPP), seja para ampliar a discussão sobre os caminhos tomados pelas políticas públicas educacionais para a inclusão de alunos em geral e dos que são portadores de NEE em uma escola multisseriada na zona rural desse município.

O fenómeno das escolas multisseriadas ou unidocentes, (as classes mutisseriadas caracterizam-se por reunir em um mesmo espaço físico diferentes séries que são gerenciadas por um mesmo professor) caracterizadas pela junção de alunos de diferentes níveis de aprendizagem (normalmente agrupadas em “anos escolares”) em uma mesma classe e geralmente submetida à responsabilidade de um único professor, tem sido uma realidade muito comum dos espaços rurais brasileiros, notadamente nas regiões Nordeste e Norte.

Tratada nas últimas décadas como uma “anomalia” do sistema, “uma praga que deveria ser exterminada” para dar lugar às classes seriadas tal qual o modelo urbano onde as classes são individualizadas pelos anos de formação e em cada turma há um professor titular da mesma, este modelo multisseriado de organização escolar/curricular tem resistido.

A importância desse tema se justifica quando consideramos que o Maranhão apresenta um grande número de escolas na zona rural com classes multisseriadas, principalmente em municípios de pequeno porte demográfico

e, portanto, de baixa renda socioeconômica e nos surpreende que recentemente tenhamos visto numa revista (Nova Escola, dez, 2016) de grande repercussão nacional, informações de que em nosso país ainda temos 45 mil escolas multisseriadas espalhadas pelos municípios brasileiros deitando por terra a tese de que esse tipo de escola está em extinção.

No que diz respeito às políticas públicas nacionais a presença dessa modalidade de escola segundo o Censo Escolar de 2007 do INEP/MEC, está mais localizada nos estados da Bahia, Maranhão e Pará que respectivamente contam com 16.549, 11.023 e 10.026 turmas multisseriadas.

De ressaltar que nesse lugar da investigação temos uma escola multisseriada e uma clientela que se caracteriza pela desigualdade socioeconômica bem como pela diferença bio-psicofísica, pois em sua maioria são alunos com NEE.

Dessa forma, nossa opção é real e concreta, portanto, pertinente a uma discussão acadêmica, e certamente será importante para clarificar uma amostra do que são estas escolas, onde estão atuando, quem são seus gestores, seus alunos, seus professores e o que eles fazem diante das suas dificuldades formativas e profissionais para atender a uma das mais importantes prerrogativas de uma sociedade democrática, oferecer uma educação de qualidade e um ensino voltado para minimizar as desigualdades sociais que permita a inclusão de todos e de todas que por direito devem estar na escola.

Mediante essa problemática sentida, questionamos: Que tipo de práticas de gestão está presente na escola multisseriada localizada no povoado Cabeceira do Magu, no município de Santana do Maranhão? Que tipo de formas de inclusão se concretiza nesse contexto? Podemos identificar nesse contexto escolar uma educação inclusiva?

Mediante nossos questionamentos podemos inferir nossos objetivos a essa investigação:

Objetivo Geral – Conhecer as práticas de gestão e as formas de inclusão presentes na escola multisseriada do povoado Cabeceira do Magu no município de Santana do Maranhão.

Objetivos Específicos:

- Identificar as características conjunturais das escolas multisseriadas existentes em nosso município.
- Identificar como atuam os gestores e professores nesse contexto escolar.
- Caracterizar os alunos que frequentam a referida escola.
- Contribuir para uma melhor compreensão do que é uma escola multisseriada na perspectiva da inclusão escolar.

Esta dissertação está organizada em capítulos onde, após a Introdução, trataremos no Capítulo I – Enquadramento Teórico sobre: 1.1 Classes Multisseriadas: trajetórias, limites e perspectivas; 1.2 Saberes e práticas de inclusão escolar; 1.3 Práticas de Gestão Escolar mediante as políticas de inclusão e 1.4 Necessidades Educativas especiais e suas especificidades. Posteriormente no Capítulo II – Estudo Empírico: tratamos da Metodologia de estudo; dos Objetivos Geral e Específico, o Local da Pesquisa e os sujeitos investigados e os Instrumentos de coleta e de Análise de Dados. No Capítulo III fazemos a Apresentação e Análise dos resultados encontrados na investigação e no Capítulo IV. Discutimos os resultados da recolha de dados seguido as Considerações Finais, Referências Bibliográficas e Anexos ou Apêndices ao trabalho produzido.



## **CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

### **1.1. Classes Multisseriadas: trajetórias, limites e perspectivas**

As classes multisseriadas estão no cenário educacional brasileiro, sob a tutela da prefeitura municipal, a qual em última instância é responsável pela instalação e gerenciamento das referidas escolas que abrigam estas classes. Estas classes sobrevivem apesar da baixa demanda de professores em sala de aula, visto que em sua maioria, estes profissionais da educação não tem a sensibilidade e/ou disponibilidade para atuarem em locais distantes de seus domicílios, preconizados pelos baixos salários e pela falta de material didático específico para atender aos alunos de um modo em geral e especificamente aos alunos com dificuldades educativas especiais.

Nesta perspectiva esta reflexão teórica nos permitirá transitar sobre o objeto investigado na busca de respostas que se coadunem com as orientações contidas nos documentos da educação brasileira a partir do lugar da pesquisa.

As classes multisseriadas existentes em espaços geográficos dos municípios pertencentes ao Estado do Maranhão – Brasil, procuram legitimar a ideia de que o sujeito que está inserido no meio rural é um sujeito de direito assegurado constitucionalmente e, portanto, precisa dessa garantia para frequentar a escola básica em seu domicílio de origem (Brasil, 1988).

Para Ximenes-Rocha & Colares (2013, p. 93),

As classes multisseriadas caracterizam-se por reunir em um mesmo espaço físico diferentes séries que são gerenciadas por um mesmo professor. É, na maioria das vezes, única opção de acesso de moradores de comunidades rurais (ribeirinhas, quilombolas) ao sistema escolar. As classes multisseriadas funcionam em escolas construídas pelo poder público ou pelas próprias

comunidades, ou ainda em igrejas, barracões comunitários, sedes de clubes, casas dos professores entre outros espaços menos adequados para um efetivo processo de ensino-aprendizagem.

Por outro lado, segundo Padilha (2004, p.96) “juntar crianças em salas de aula não lhes garante ensino, garante escola cumprindo seu papel, não lhes garante aprendizagem, portanto, não lhes garante desenvolvimento”. Nesse sentido, as classes multisseriadas são a possibilidade que o aluno do meio rural tem de frequentar a escola básica em qualquer nível ou modalidade de ensino e independente da sua faixa etária e condição física ou intelectual, sendo necessário que repensemos a organização da instituição escola, seus tempos e espaços fragmentados, como informa Padilha (2004) “isso não lhes garante aprendizagem e nem desenvolvimento”.

Para Correia (2003) a educação do campo também identificada na legislação educacional brasileira como educação rural, envolve todos os sujeitos que habitam em espaços geográficos de floresta, pecuária, minas e da agricultura, indo mais além quando acolhe os pescadores, ribeirinhos e extrativistas. Nesse sentido, o campo ou a zona rural corresponde a todo espaço não urbano onde habitam as pessoas.

Embora alguns estudiosos como Hall (1997) e Mercer (1990) ainda idealizem o campo como um lugar mais tranquilo em relação à zona urbana, denominada de “cidade”, vislumbramos que com o processo de urbanização, as políticas educacionais no Brasil tratam o urbano como parâmetro e o rural como adaptação.

No entanto, nos últimos anos do séc. XX e início do séc. XXI os movimentos sociais do campo postulam mudanças a partir das reivindicações dos sujeitos que estão implicados no cotidiano escolar, levando à crítica do instituído e ao horizonte da educação escolar inclusiva.

A esse respeito, Brasil (2001, p.2) consideram o campo como,

Espaço heterogêneo, destacando a diversidade econômica, em função do engajamento das famílias em atividades agrícolas e não agrícolas (pluriatividade), a presença de movimentossociais (multiculturalidade), as

demandas por educação básica e a dinâmica que se estabelece no campo a partir da convivência com os meios de comunicação e a cultura letrada.

Assim sendo, a Câmara da Educação Básica além de efetivar o que foi prescrito no texto da LDB 9.394/96, ofereceu subsídios para o desenvolvimento de propostas pedagógicas que contemplem a mencionada diversidade escolar local e regional, em todas as suas dimensões, entre elas, as classes multisseriadas.

Ressalte-se nesse contexto, a importância dos Movimentos Sociais, dos Conselhos Estaduais e Municipais de Educação, da SEF/MEC, do Conselho Nacional dos Secretários Estaduais de Educação (CONSED), da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), das Universidades e instituições de pesquisa, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável, das Organizações não governamentais (ONG) e dos demais setores que, engajados em projetos direcionados para o desenvolvimento socialmente justo no espaço diverso e multicultural do campo, confirmaram a sua pertinência e apresentaram contribuições para a formulação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (DOEBEC) (Brasil, 2001).

À luz dos artigos 208º e 210º da Constituição de 1988, e inspirada, de alguma forma, numa concepção de mundo rural enquanto espaço específico, diferenciado e, ao mesmo tempo, integrado no conjunto da sociedade, a Lei 9.394/96 – LDB - estabeleceu no seu Art. 28º que: na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente.

- I. conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II. organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar as fases do ciclo agrícola e condições climáticas;
- III. adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Neste particular, a lei institui uma nova forma de sociabilidade no âmbito da política de atendimento escolar em nosso país, deixando de lado o sentido de ensino adaptado, mas reconhecendo a diversidade sociocultural e o direito à igualdade e à diferença, possibilitando a definição de diretrizes operacionais para a educação rural sem, no entanto, recorrer a uma lógica exclusiva e de ruptura com um projeto global de educação para o país.

É nessa perspectiva que identificamos, no espaço local, o lugar de encontro entre o rural e o urbano, onde, as especificidades se manifestam no plano das identificações e das reivindicações na vida cotidiana, desenhando uma rede de relações recíprocas que reiteram e viabilizam as particularidades dos citados polos (Brasil, 2001).

Conforme Portugal & Oliveira (2012citado por Amorim, 2015, p. 4)

É notória a escassez e a precariedade das políticas de educação para os espaços rurais. Isto é constatado pela ausência de uma melhor infraestrutura e manutenção dos prédios escolares. Além disso, o material didático pedagógico utilizado no processo de ensino e aprendizagem é inadequado e limitado para contemplar os anseios dos sujeitos desta realidade. Atrelada a isso, ainda existe a falta de formação docente que integre a cultura do meio rural aos saberes acadêmico (p.390).

Tendo em vista, o Parecer nº36/2001 quando trata da legislação sobre o campo ou no campo esse vocábulo não é mais sinônimo de agricultura ou de pecuária. Há traços do mundo urbano que passam a ser incorporados no modo de vida rural, assim como há traços do mundo camponês que resgatam valores sufocados pelo tipo de urbanização vigente. Assim sendo, o pensar sobre o campo é também o pensar sobre o modo de produzir as condições de existência em nosso país.

Assim, a nitidez das fronteiras entre rural e urbano utiliza critérios que escapam à lógica de um funcionamento ou de uma reprodução exclusiva do/no campo, confirmando uma relação que integra e aproxima espaços sociais diversos, restando-nos saber se na prática, esse pensamento se

corporifica, sendo necessário para tanto conhecer os saberes e as práticas de inclusão escolar que se estabelecem nesse contexto.

## 1.2. Saberes e práticas da inclusão escolar em salas de aula multisseriadas

O conceito de inclusão escolar goza de um estatuto elevado em virtude de sua incorporação nos documentos referentes à política de inúmeras organizações internacionais, com destaque para as Nações Unidas. Os padrões das políticas da ONU, como outros países corporizados na Convenção das Nações Unidas para os Direitos da Criança (1989), as Regras Padrão da ONU sobre a Igualdade de Oportunidades para Indivíduos com Deficiências (1993) e o Relatório da UNESCO de 1994 sobre a educação das crianças com deficiências (Declaração de Salamanca) são unânimes em afirmar os direitos de todas as crianças a uma educação igual, sem discriminação, dentro de um sistema educativo de escolaridade regular.

Embora a interpretação desses direitos assegurados seja diferenciada, variando em tempos e espaços, existe uma universalidade na filosofia subjacente da ideia de inclusão que respeita os direitos humanos, sugerindo a perenidade desse conceito, sem modismo, mas garantindo a educação a todos os alunos em idade escolar, independente da sua condição física ou socioeconômica, pressupostos que estão bem definidos na Constituição Federal do Brasil (CF) de 1988.

Segundo Tilstone et. al. (1998) a inclusão escolar tem sido expressa nas políticas educacionais, nas pesquisas acadêmicas, nos documentos orientadores da educação e em diferentes mídias com a incumbência de orientar sobre as fragilidades existentes nos sistemas educacionais no que tange sua contrapartida para a exclusão ou inclusão de alguns grupos sociais,

dentre eles as pessoas portadoras de dificuldades de aprendizagem de qualquer origem.

Assim para autores como Booth & Aiscow (2011) o termo inclusão define uma educação para todos os alunos dentro de uma escola regular, visto que todas as crianças constitucionalmente têm o direito de estudar, bem como não existe razão legítima para separar as crianças durante o período de sua escolaridade, estas devem estar juntas e não necessitam ser protegidas umas das outras, destaca o Centro de Estudos de Educação Inclusiva em um dos seus princípios.

Segundo Mantoan (2006) as propostas educacionais inclusivas exigem uma atenção constante dos professores para que não seja negado o direito humano e indisponível de todos os alunos ao ensino escolar comum. Tal direito envolve uma reorganização pedagógica nas escolas, onde é fundamental o cuidado com os alunos ditos “especiais”, embora inicialmente, e por direito todo e qualquer aluno seja especial, alguns carecem de um atendimento mais elaborado, na perspectiva de atender as suas necessidades.

Existe, todavia, nos afirma Mantoan (2006) um fosso entre a política de inclusão e a implementação que devemos conhecer e enfrentar atrelada ao que sabemos sobre inclusão e como praticar essa política de inclusão nas salas de aula multisseriadas. Mediante tais pressupostos, ainda temos que nos defrontar com outros, no campo das diferenças sociais, econômicas e físicas dos alunos que frequentam estas classes.

Para sabermos trabalhar na perspectiva da inclusão e pô-la em prática em sala de aula precisamos conhecer o que seja inclusão, nesse sentido lançamos mão de definições de inclusão em diversos teóricos, tais como Ainscow et. al. (1997, p. 4) quando definem inclusão como “um processo de participação crescente e exclusão decrescente dos locais sociais mais comuns”. Esta definição está de acordo com a definição mais usual no ano de 1996, quando os referidos autores definiram Inclusão como “a oportunidade de indivíduos com uma dificuldade de aprendizagem ou de locomoção participarem cabalmente em todas as atividades educativas, laborais, de consumo, de

diversão, comunitárias e domésticas que caracterizam a sociedade cotidiana” (p.5).

Sendo essa uma das definições que transcende o conceito de normalização, pois fala de participação e não de normalidade, nesse contexto a oportunidade de participar implica um movimento ativo e uma escolha, ao contrário de um dispositivo dado a alguém que de forma passiva vai utilizá-lo em dado momento.

Para Booth&Ainscow (2011) as escolas inclusivas são organizações diferentes, com uma missão comum que enfatiza a aprendizagem de todos os alunos, o que Hall (1997) já destacava quando afirmou que “ser membro pleno de uma turma da mesma idade na escola local, ter as mesmas aulas que os outros alunos e fazer falta quando não se está presente, são características de uma escola inclusiva”(p.56).

Nesse sentido Carvalho (2009) destaca que escolas inclusivas promovem a participação crescente e a exclusão decrescente dos locais sociais mais comuns, acolhendo a todas as crianças. Dessa forma para o autor citado, os saberes e fazeres dos professores em escolas inclusivas aponta para algumas características que devem ser encontradas nesse contexto, tais como: trabalho de equipa em contexto comum; participação da família; papéis claramente definidos entre os diferentes profissionais; utilização eficaz de pessoal auxiliar; planos educativos individuais adequados e processos de avaliação da eficácia (p.32).

Nesse sentido, Stainback&Stainback (1999) alertam para o fato de que na escola inclusiva o trabalho dos professores deve estar em consonância com as atitudes positivas de todos os que compõem a equipa profissional numa identidade positiva entre professores, alunos e auxiliares, por outro lado deve existir uma reconceptualização dos papéis e das responsabilidades do professor que permita um trabalho coletivo com vista a melhorar a prática escolar, pois aceitar a inclusão significa participar e não, disponibilizar ao aluno algo. Assim para Mantoan (2006 p.10) o papel do pessoal de apoio é não só complexo como crucial, pois dele depende também a interação do

grupo, quando todo o coletivo da escola precisa de formação e apoio para assumir estes papéis e estas responsabilidades.

Os métodos e as práticas educativas associadas aos meios da educação inclusiva são fáceis de identificar, nos dizem Glat & Fernandes (2005) quando criticam a educação inclusiva pela má qualidade de sua implementação, que na maioria das vezes é parcial, seja porque os métodos de ensino não são bons ou porque os professores não sabem aproveitá-los.

Para Sant'Ana (2005) a formação de professores é um aspecto que merece ênfase quando se aborda a inclusão escolar, visto que estes se sentem quase sempre inseguros e ansiosos diante da possibilidade de receber uma criança com necessidades educativas especiais na sala de aula, sendo comum ouvirmos a queixa de que “não fui preparado para lidar com crianças com deficiência” (Lima, 2002, p.40).

Nesse sentido a formação docente e a busca da qualidade do ensino para crianças com NEE envolvem, pelo menos, dois tipos de formação profissional: a primeira é a dos professores do ensino regular que integre na sua formação conhecimento mínimo exigido, uma vez que há a possibilidade de lidarem com alunos com NEE; a segunda é a da participação de professores especialistas nas variadas NEE que possam atender diretamente aos alunos com tais necessidades e/ou para auxiliar o professor do ensino regular em sala de aula (Mantoan, 2006).

Skliar (2001, p. 17) afirma que “a escola inclusiva parece mais um novo enfoque da educação especial e não da educação no geral. O movimento acontece para a escola regular e não, desde a escola regular”. Esta proposta que estimula a transposição dos serviços oferecidos pelo ensino especial para o ensino regular incluindo os profissionais, os recursos, os métodos e as técnicas da educação especial, concebe, de forma equivocada, que o aluno só pode ser adaptado ao ensino regular por meio do ensino especial.

Alves (2009) relata que para uma educação inclusiva mais efetiva, o importante não é só,



Capacitar o professor, mas também toda equipe de funcionários desta escola, já que o indivíduo não estará apenas dentro de sala de aula. [...] Alguém tem por obrigação treinar estes profissionais. Não adiante cobrar sem dar subsídios suficientes para uma boa adaptação deste indivíduo na escola. Esta preparação, com todos os profissionais serve para promover o progresso no sentido do estabelecimento de escolas inclusivas (Alves, 2009, p.45).

Apesar dos avanços dos ideários e de projetos político-pedagógicos, muitas instituições de ensino ainda não implementaram ações que favoreçam a formação de seus professores para trabalharem com a inclusão. Para tanto, é importante que eles compreendam o contexto sócio histórico da exclusão e a proposta de inclusão. Além disto, que possuam o domínio básico de saberes e práticas que os auxiliem a se aproximarem das pessoas com necessidades educativas especiais, no sentido de se integrarem com elas, obtendo assim subsídios para atuarem pedagogicamente (Lima, 2002, p.122).

A legislação brasileira prevê que todos os cursos de formação de professores, do magistério à licenciatura, devam capacitar aos seus futuros professores para receberem, em suas salas de aula, alunos com e sem necessidades educacionais especiais. Mas será que, no cenário atual, os professores estão realmente preparados para garantir, na prática, o direito dessas pessoas? Decorre daí a necessidade de se refletir sobre os saberes e práticas de inclusão escolar, em nosso caso nas classes multisseriadas.

Mediante tais reflexões que saberes e práticas deverão fazer parte do arcabouço formativo dos professores que atuam nas salas de aulas onde estejam também presentes alunos com necessidades educativas especiais? Consideramos que, “valorizando as diferenças e efetuando mudança na estrutura rígida e seletiva das escolas, poderemos levá-las ao aprimoramento das suas práticas sem a interferência do ensino especial”, nos falam Stainback&Stainback (1999, p. 58).

Entendemos que, para se efetivar uma escola inclusiva necessitamos de sistemas educacionais livres de burocracias lentase centralizadoras,

caracterizados por normas e regulamentos excessivos ou por uma estrutura hierárquica que não lhes confere agilidade na solução dos problemas.

Para Mantoan (2006) trabalhar com a diferença, no sentido pleno é entender que o ensino, o apoio, os recursos didático-pedagógicos, a metodologia, a proposta curricular e a avaliação da aprendizagem devem beneficiar a todos em sala de aula e não apenas a alguns, por serem categorizados como “inclusos” tornando-se “privilegiados”, por contrassenso.

Nesse contexto, enfatizamos que a gestão é um componente decisivo para a inclusão escolar. Teóricos de diversas origens e concepções como Ainscow (2009), Ortiz Gonzalez & Lobato Quesada (2003), Booth&Ainscow (2011), Dinis & Sanches (2013) no Brasil e no exterior, vêm comprovando que escolas bem geridas e organizadas são mais inclusivas, porém, para sabermos se uma escola é inclusiva precisamos conhecer os princípios de uma escola inclusiva, que normalmente deverão estar explicitados no seu Projeto Político-Pedagógico (PPP).

O PPP da escola é um dos indicadores das políticas e práticas democráticas dentro do ambiente escolar, portanto, à gestão escolar definida como democrática caberá promover não apenas uma ação institucional e comunitária para que os escolares se sintam inclusos, mas, também uma articulação harmônica entre os recursos humanos, pedagógicos e materiais, para que a escola alcance a inclusão almejada e exigida pelos órgãos oficiais nacionais e internacionais com vistas a construção da cidadania conforme orientação dos normativos legais da educação brasileira, quais sejam formar cidadãos autônomos, criativos, construtores e transformadores da sociedade conforme orientação contida na LBD 9.394/96.

Dessa forma, reconhecemos que a principal função da escola é oferecer condições para a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem, justificável diante do desafio posto a gestão escolar conforme um dos princípios de gestão democrática na educação, explicitado na Constituição Federal em seu art. 206, quando enfatiza que,

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;
- III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- V - valorização dos profissionais do ensino, garantido, na forma da lei, plano de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, assegurado regime jurídico único para todas as instituições mantidas pela União;
- VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei;
- VII - garantia de padrão de qualidade.

Para tanto é preciso que a escola tenha um PPP, que o defina como sendo fruto de uma construção coletiva em busca de consolidar os ideais de uma escola democrática, inclusiva e abrangente. Pois, na concepção de Demo (1998),

Existindo projeto pedagógico próprio, torna-se bem mais fácil planejar o ano letivo ou rever e aperfeiçoar a oferta curricular, aprimorar expedientes avaliativos, demonstrando a capacidade de evolução positiva crescente. É possível lançar desafios estratégicos como: diminuir a repetência, introduzir índices crescentes de melhoria qualitativa, experimentar didáticas alternativas, atingir posição de excelência (p. 248).

O PPP é um instrumento de discussão e reflexão permanente da escola, o que para Libâneo (2012) só é possível diante do trabalho cooperativo de sua equipe, do desenvolvimento profissional de seus professores e da capacidade de liderança da gestão e de toda comunidade escolar.

O PPP reflete a identidade da instituição e a direção na qual ela vai caminhar. Nesse contexto, quando pensamos numa escola inclusiva devemos

refletir sobre um novo modelo de gestão, pois, se um dos objetivos da escola é incluir a todos indistintamente devemos pensar em uma gestão participativa e em projetos, nos quais todos sejam incluídos com vistas a promoção dos valores inclusivos (Veiga, 2010).

Dessa forma, estamos convictos de que a qualidade dos serviços oferecidos na educação escolar depende e muito da qualidade das relações humanas na gestão escolar. Em contrapartida, entendemos que o PPP é resultado de intencionalidade e trabalho coletivo e que o mesmo deve ter metas que intervenham na realidade sociocultural da comunidade escolar, levando em consideração a vontade de mudar, de concretizar possibilidades e sonhos, de trabalhar utopias, permitindo-se avaliar o processo de ser, fazer e aprender, conforme nos orienta Dellors (2001) “a escola deve oferecer um ensino de qualidade e um ensino contextualizado que acompanhe as transformações pelas quais a sociedade passa e nesse sentido o projeto político-pedagógico, torna-se de extrema importância para a instituição escolar, considerando-se que deve envolver toda a sua comunidade”.

Demo (1998) afirma que,

Existindo projeto pedagógico próprio, torna-se bem mais fácil planejar o ano letivo ou rever e aperfeiçoar a oferta curricular, aprimorar expedientes avaliativos, demonstrando a capacidade de evolução positiva crescente. É possível lançar desafios estratégicos como: diminuir a repetência, introduzir índices crescentes de melhoria qualitativa, experimentar didáticas alternativas, atingir posição de excelência (p. 248).

Cabe, porém, segundo Gadotti (2012), “à escola tornar-se um dos agentes de mudança social e constituir-se em um espaço democrático (p.24)”, garantindo ao educando o direito de usufruir da construção do seu conhecimento, através da melhoria de qualidade do ensino, que só será possível se o professor tiver uma formação inicial e continuada de qualidade, que atenda as exigências da LDB 9394/96 e do Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024), quando destaca como uma de suas metas (META 15).

Garantir, em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, que todos os professores da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam (Brasil, 2014).

Essa exigência de formação específica em nível superior dos professores que atuam na educação básica é um dos requisitos necessários para a qualificação profissional do mesmo, mas é mais do que isso um passo a frente no sentido de que esse professor possa ter habilidades e competências para promover uma educação de qualidade aos seus alunos da escola básica, só assim sendo, certamente teremos atendido uma das reivindicações basilares da escola inclusiva.

Nesse aspecto, certas estratégias facilitam a mudança na escola, dentre elas a qualificação inicial e continuada do professor, sem perdermos de vistas outros pressupostos importantes como a inclusão de todos os alunos independente de raça, credo ou condição socioeconômica, que segundo Veiga (2010),

Não pode ser privilégio de minorias econômicas e sociais. O desafio que se coloca ao projeto político-pedagógico da escola é o de propiciar *uma inclusão para todos*. A inclusão que se busca implica duas dimensões indissociáveis: a formal ou técnica e a política. A inclusão política é condição imprescindível da participação e está dependente do planejamento contido no Projeto Político-Pedagógico (p.78).

Segundo Booth&Ainscow (2011) a inclusão é um tema que qualifica a educação e os serviços prestados pela instituição escolar. Os autores nos levam a pensar que a inclusão envolve o desenvolvimento de abordagens fundamentadas em princípios, aos quais a escola deverá atender através de seus professores nas rotinas de sala de aula. No entanto, parte desses saberes e fazeres só aconteceram se a escola contar com a gestão escolar democrática e participativa.

### 1.3.Práticas de gestão escolar em salas multisseriada

As instituições escolares brasileiras a partir da LDB n. 9.394/96 vêm sendo pressionadas a repensar seu papel diante das transformações que caracterizam o acelerado processo de integração e reestruturação capitalista mundial. Esse novo paradigma trouxe para as escolas mudanças no mundo do conhecimento que afetam a organização do trabalho e o perfil dos trabalhadores, repercutindo na qualificação profissional e por consequência nos sistemas de ensino e nas escolas.

A adequação das políticas educacionais do Brasil as orientações dos organismos multilaterais, principalmente o Banco Mundial e a UNESCO, iniciados na década de 1980, intensificada em 1990, desde a Conferência sobre Educação para Todos, na Tailândia, cujo objetivo foi o de formular políticas para as escolas dos países emergentes compatíveis com o funcionamento do capitalismo globalizado, implicitamente nesse contexto está a organização da escola que necessariamente passa pela gestão da mesma.

Organização, administração e gestão são termos aplicados aos processos organizacionais, com significados muito parecidos, segundo Libâneo (2015, p.85) “Organizar significa dispor de forma ordenada, articular partes de um todo, prover as condições necessárias para realizar uma ação; administrar é o ato de governar, de pôr em prática um conjunto de normas e funções; gerir é administrar, gerenciar, dirigir.” No campo educacional a expressão organização escolar é frequentemente identificada com administração escolar, termo usado há muito tempo oriundo da teoria da administração que caracteriza os princípios e procedimentos referentes à ação de administrar uma empresa.

No entanto, a partir da LDB nº. 9.394/96 esses termos foram substituídos por gestão e/ou direção ora tomados como sinônimos ora se confundindo com administração, no entanto, com a reabertura político-democrática, pós Ditadura Militar (1964 - 1985), a CF de 1988 chegou para definir a “gestão

democrática do ensino público, na forma da lei” como um de seus princípios (Art. 15, Inciso VI). Alguns anos mais tarde, a LDB de 1996, vem reforçar esse princípio, acrescentando apenas “e a legislação do sistema de ensino” (Art. 3º, Inc. VIII). A partir de então, o tema se tornou um dos mais discutidos entre os estudiosos da área educacional.

A LDB, em seus artigos 14 e 15, apresentam as seguintes determinações, no tocante à gestão democrática:

Art. 14 - Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I. Participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola.

II. Participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Art. 15 - Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira, observadas as normas de direito financeiro público.

Estes artigos da LDB, acima citados, dispõem que a

gestão democrática do ensino público na educação básica aos sistemas de ensino, oferece ampla autonomia às unidades federadas para definirem em sintonia com suas especificidades formas de operacionalização da gestão, com a participação dos profissionais da educação envolvidos e de toda a comunidade escolar e local (Vieira, 2005, p. 56).

Para Barroso (2001), a gestão é o centro da organização e do processo administrativo, cabendo a ela a tomada de decisões, visto que todas as demais funções da escola (planejamento, estrutura organizacional, direção, avaliação) estão referidas no processo de tomada de decisões.

No entanto, por termos a orientação legal (LDB 9394/96) de por em prática uma gestão democrática precisamos da participação de todos os envolvidos

no contexto escolar, sendo a participação o principal meio de assegurar a gestão democrática da escola, visto que só ela possibilita o envolvimento de profissionais e usuários no processo de tomada de decisões e no funcionamento da escola.

O conceito de participação se fundamenta no conceito de autonomia que significa a capacidade das pessoas e dos grupos de livre determinação de si próprios, isto é, de conduzirem sua própria vida, opondo-se a qualquer forma autoritária de tomada de decisões (Libâneo, 2005).

Para que a prática de gestão democrática aconteça de fato no contexto escolar é necessário o trabalho em equipe ou trabalho participativo, ou seja, o que orienta uma prática de gestão democrática é a participação coletiva de todos os envolvidos no trabalho educativo na escola.

Corroborando Libâneo (2005) entendemos que a prática de gestão escolar em qualquer contexto escolar e mais precisamente em uma classe multisseriada deve ter metas, propósitos ou objetivos que possam ser identificados, aceitos e compreendidos e desejados por todos os membros da equipe; a equipe escolar deve ter desejo de triunfar ainda que seja ao custo de consideráveis sacrifícios individuais e as fronteiras de autoridade e responsabilidade devem estar claramente definidas e compreendidas perfeitamente por todos, bem como a comunicação e o espírito de equipa.

Tais princípios expressam com clareza a prática de gestão necessária a uma unidade escolar democrática, com vistas a motivar e mobilizar as pessoas para uma atuação conjunta em torno de objetivos comuns, quais sejam, nesse caso a gestão de uma classe multisseriada.

Desde a LDB nº. 9.394/96 observamos no discurso democrático que a prática da gestão democrática no ambiente escolar se transforma em autoritarismo, denotando que ainda não está internalizada a noção do seja a gestão democrática. Nesse sentido, precisamos nos ater no entendimento do que seja uma gestão democrática.

No dicionário Ferreira (2000) gestão é “ato de gerir, gerenciar e ou administrar” e quanto ao vocábulo “democrática”, o referido compedio



nomeia-o como “relativo ou pertencente a democracia” que também é definida como “o governo do povo; da soberania popular” doutrina ou regime político baseado na soberania popular e na distribuição equitativa do poder, ou seja onde todos possam se sentir fazendo parte do governo.

Assim, podemos inferir que gestão democrática é uma forma de gestão ou administração onde haja uma divisão de poderes com vista a participação de todos que dela fazem parte. É nessa ótica que nos apropriamos de autores como Gadotti (2012), Paro (2001), Lück (2007), Lima (2001) e Barroso (2001) os quais tem trabalhos voltados para o entendimento do que seja a gestão democrática nas escolas.

No que tange a seleção de elementos fundamentais para a implementação de um processo de gestão democrática na escola, Paro (2001) destaca que democratizar implica, compreender a cultura da escola e dos seus processos, articulando-os com relações sociais mais amplas, nesse sentido ao qual o autor se reporta, democratização da escola não é algo fácil que a força da Lei possa implantar, depende dos sujeitos implicados no contexto escolar e dos processos que são pensados, construídos e implantados na escola.

Para Lück (2007), a gestão corresponde à dinâmica de gerir um sistema de ensino como um todo, em seus diversos níveis de organização, afinando as políticas públicas nacionais, o “macro sistema”, com o “micro sistema”, a escola, possibilitando um processo de:

[...] implementação das políticas educacionais e projetos pedagógicos das escolas, compromissado com os princípios da democracia e com métodos que organizem e criem condições para um ambiente educacional autônomo (soluções próprias, no âmbito de suas competências), de participação compartilhada (tomada conjunta de decisões e efetivação de resultados), autocontrole (acompanhamento e avaliação com retorno de informações) e transparência (demonstração pública de seus processos e resultados (Lück, 2007, p.35).

Se a gestão surgiu como substituto da administração, representando mais do que ideias, temos aí um novo paradigma, que para Barroso (2001) procura

estabelecer na escola uma orientação transformadora, a partir da dinamização das redes de relações que lá estavam estáticas, somente obedecendo, e nesse novo contexto, estas transformações precisam ser dinamizadas a partir da construção do seu projeto político pedagógico, que será o norteador das ações democraticamente construídas na escola pelos escolares.

Barroso (2001) infere que a gestão não vem a depreciar a administração, mas sim superar suas limitações no direcionamento dicotomizado, simplificado e reduzido, dando-lhe nova feição, ou melhor uma nova dimensão, no contexto de mundo globalizado e de uma realidade caracterizada pela visão de complexidade, através da qual as diferentes dimensões do ser e do fazer são utilizadas dinamicamente na construção de uma nova realidade .

Para Lima (2001) a escola é entendida como uma organização educativa complexa e multifacetada (p.10), segundo o autor citado, essa ideia de organização nos remete ao entendimento de um contexto ordenado e estruturado que planeja suas ações e tem condições de efetivá-las, assim a escola como organização educativa tem princípios e procedimentos que estão relacionados à ação de coordenar todos os envolvidos no processo educativo, tendo em vista o bem comum, estando aí explicitados os princípios da gestão democrática (o bem comum).

O autor chama a atenção para o sentido desconexo entre o que a escola apresenta como modelo de organização e o que de fato ocorre em sua rotina. Tais premissas são importantes quando se deseja conhecer por dentro a dinâmica da escola que temos e aquela que almejamos ter.

Conforme a legislação vigente no Brasil após a promulgação da Constituição Federal de 1988 o tema gestão democrática saiu fortalecido em virtude do Art. 206 da referida Lei em seu Inciso VI quando orienta para a gestão democrática do ensino público em regime de colaboração entre União, Distrito Federal , Estados e municípios conforme destaca o Art. 211 (Gadotti, 2001).

Por outro lado, a LDB 9394/96 no seu Art. 3º, Inciso VIII determina como princípio a gestão democrática do ensino público, na forma da Lei e das Legislações posteriores dos sistemas de ensino no Brasil. Em seguida seu Art. 14, determina que os sistemas de ensino definirão as normas de gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as peculiaridades locais e em conformidade com os princípios de:

- I. Participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto político pedagógico da escola:
- II. Participação das comunidades escolar e local em conselhos de escola ou equivalentes.
- III. Para que seja possível compreender a essência das determinações elencadas, necessário se faz analisarmos a essência desses dois princípios, quais sejam o PPP e os Conselhos Escolares.

#### 1.4. Necessidades educativas especiais e suas especificidades

A política educacional brasileira na perspectiva de abolir qualquer prática segregacionista enfatiza a inclusão dos alunos com NEE nas salas regulares de ensino. Mas, para ocorrer à inclusão é necessárias mudanças em todos os aspectos para poder atender de fato à diversidade.

Conforme as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na educação Básica (Brasil,2001), os alunos com deficiência intelectual matriculados no ensino regular devem dispor de recursos adaptados[...] serviços de natureza pedagógica, conduzindo por um professor especializado.

De acordo com o Portal de Ajudas Técnicas para Educação Inclusiva, o aluno deve sentir-se acolhido e perceber que a diversidade não se constitui um problema e sim um estímulo para formar consciência de todos os

envolvidos no processo sócio-educacional. As NEE no campo da aprendizagem, podem se apresentar como deficiência física, sensorial, mental ou múltipla, quer com características de altas habilidades, superdotação ou talentos. A oferta da educação inclusiva a esses alunos é um dever constitucional do país e tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil, passando pelo ensino fundamental, ensino médio e educação superior.

Respeitando-se as possibilidades e as capacidades dos alunos, a educação inclusiva destina-se às pessoas com NEE e pode ser oferecida em todos os níveis e modalidades de ensino em conformidade com a CF de 1988 quando estabelece o direito das pessoas com NEE receberem educação, preferencialmente na rede regular de ensino (Brasil, 1988).

Recomenda, ainda, a CF 1988 a plena integração dessas pessoas em todas as áreas da sociedade. Trata-se, portanto, de dois direcionamentos principais: o direito à educação, comum a todas as pessoas, e o direito de receber essa educação, sempre que possível, junto às demais pessoas, nas escolas regulares.

No entanto, apesar do atendimento preferencial na rede regular para os educandos com NEE, a legislação educacional considera a existência de atendimento especializado. Assim, quando não for possível a integração desses educandos em classes comuns do ensino regular, deve ser oferecido atendimento em classes, escolas ou serviços especializados.

A LDB nº 9.394/96, determina que os sistemas de ensino devem assegurar aos educandos com NEE:

- I. Currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades;
- II. Terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

- III. Professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;
- IV. Educação especial para o trabalho, visando à sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora.
- V. Acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular (Brasil, 1996).

As políticas recentes de educação especial têm indicado as seguintes situações para a organização do atendimento:

- a) Integração plena na rede regular de ensino, com ou sem apoio em sala de recursos.
- b) Classe especial em escola regular. Pelas dificuldades de integração dos alunos em salas de ensino regular, algumas escolas optam pela organização de salas de aula exclusivas ao atendimento de alunos com necessidades especiais.
- c) Escola especializada, destinada a atender os casos em que a educação integrada não se apresenta como viável, seja pelas condições do aluno, seja pelas do sistema de ensino.

O movimento mundial pela educação inclusiva é uma ação política que requer práticas transformadoras com o objetivo de estabelecer os direitos de todos os alunos à aprender juntos os conhecimentos socialmente construídos ao longo do tempo utilizando de mecanismos e recursos apropriados para a sistematização desses saberes.

Segundo Silva (2006), a aprendizagem ocorre quando o aluno é capaz de relacionar e interagir de forma não arbitrária a nova informação com os conhecimentos e experiências, e quando os materiais e conteúdos de aprendizagem têm significado.

Como diz Jannuzi (2006), não basta matricular os alunos, é necessário um acompanhamento contínuo, bem como recursos para dar apoio tanto ao professor quanto ao aluno com deficiência intelectual que têm sua especificidade na utilização de tais recursos adaptados para que dessa forma possa favorecer um bom aprendizado e também possa permanecer em sala.

De acordo com a autora o acompanhamento contínuo do aluno e recursos adaptados, leva-nos a concluir que todo aluno possui especificidades e que tais recursos influenciam no seu processo de ensino-aprendizagem de forma a garantir o acesso aos conteúdos trabalhados em sala de aula de forma interativa, cabendo ao professor reconhecer as necessidades e habilidades dos alunos, traçar seu plano de ação, selecionar e organizar recursos educacionais de acessibilidade para trabalhar com estes alunos sem discriminação.

É importante ressaltar que tais recursos são força material ativa em sala de aula na promoção de potencialidades, pois sabemos que os alunos com qualquer tipo de NEE matriculados na rede regular possuem habilidades a serem trabalhadas, contudo os recursos são indispensáveis para sua aprendizagem.

Segundo Vygotsky (1994), o desenvolvimento do aluno com NEE é semelhante ao do aluno sem NEE, a diferença é que os alunos com NEE não sabem utilizar recursos culturais, configurando-se numa limitação do desenvolvimento físico, motor ou intelectual. Dessa forma, explica-se porque o fracasso acompanha o aluno com NEE devido à exigência de um desempenho que não condiz com seu ritmo de aprendizagem.

Nessa perspectiva, o ensino destes alunos deve basear-se no uso de métodos concretos, por isso, é que os recursos adaptados são tão importantes para o desenvolvimento desses alunos os mesmos influenciam na interação, coordenação motora e acima de tudo a inclusão, para isso os alunos precisam em regra de mais tempo e de apoio para terem mais sucesso.

A escola inclusiva é um desafio, pois o poder público pouco faz, a inclusão exige novas práticas, modificações profundas que exigem efetivas mudanças,

oferecendo educação de qualidade para que seja uma escola única e democrática (Bueno, 2001). A perspectiva de educação inclusiva tem por finalidade questionar práticas, até então, mantidas no contexto social, a escola comum só se torna inclusiva quando reconhecer a diversidade como agente de transformação social, buscando participação de todos.

No Brasil, as perspectivas para as mudanças estão propostas nas leis, mas não estão sendo desenvolvidas em ações, e por isso, quase sempre não chegam às escolas. O poder público não cumpre com seu papel, mas isso não impede que cada um faça seu papel na construção de uma nova história, onde todos possam usufruir das mesmas oportunidades.

No Maranhão, a inclusão de crianças com deficiência na rede regular de ensino também foi marcada por lutas e conquistas em prol da educação inclusiva. Mas, devido à realidade econômica do estado, caracterizado pelos piores índices de desenvolvimento humano decorrente do alto grau de pobreza de sua população, essas ações ficam restritas a capital maranhense.

No âmbito municipal a experiência de educação especial teve início com o atendimento a alunos com deficiência auditiva em 1966. Mas segundo Monte & Santos (2004), a educação especial só foi oficializada em 1969, através da portaria N° 432/96, da Secretaria do Estado da Educação. A Lei municipal N° 1.647, do 10/11/ 1996, que criou a Secretaria de Educação do Município, fazendo constar na estrutura organizacional, o Conselho Municipal de Educação órgão que acompanha e fiscaliza a educação em geral no município e a educação inclusiva em geral.

Desde 1993, existe no Brasil um Convenio n° 914/93 estabelecendo parcerias entre Prefeitura Municipal, MEC e Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) com vista a ampliação e adaptação das escolas municipais para promover acessibilidade dos alunos. De acordo com o Censo de 2010, no Maranhão 24,97% da sua população apresenta algum tipo de deficiência e para haver de fato a inclusão educacional o ambiente escolar deve ser modificado. Segundos os dados do INEP/MEC (INEP, 2016) os índices de educação especial no Maranhão tiveram uma grande redução das classes

especiais ou excluídas e o crescimento de matrículas em todos os níveis e modalidades de ensino.

O Plano Estadual de Educação do Estado do Maranhão (PEE) promulgado pela Lei nº 10.099/2014 na sua Meta 4.6 estabelece manter e ampliar programas de acessibilidade nas instituições públicas, para garantir o acesso e a permanência dos alunos com NEE por meio de adequações arquitetônicas, transporte acessível, material didático próprio e recursos de tecnologia assistiva.

Entre os diversos tipos de NEE podemos destacar: a Deficiência Intelectual que segundo Barbosa & Gomes (2006), existe uma confusão muito comum em relação a pessoa com deficiência mental que é tomá-la como doente mental, no entanto atualmente os estudiosos dessa síndrome leva em conta as potencialidades da pessoa com deficiência mental.

Os procedimentos diagnósticos dessa deficiência ganharam relevância com Alfred Binet a partir das escalas de inteligência criadas por ele em 1905, com o intuito de classificar as crianças de acordo com um Quociente de Inteligência (QI). Esse tipo de classificação imperou nos laudos psicológicos até a década de 1990, determinando o tipo de programação educacional. Ou seja, durante muito as crianças com baixo índice de QI não tinham acesso à escolarização básica, pois preconizava que seriam incapazes de aprender. Mudanças sociais e educacionais ocorreram positivamente nos diagnósticos psicológicos, produzindo alterações no antigo enfoque médico-pedagógico da deficiência.

Atualmente, os diagnósticos não mais se baseiam unicamente no QI e buscam uma visão social da pessoa, valorizando as potencialidades da cada uma de acordo com o meio em que vivem. As definições a cerca dessa deficiência têm sofrido modificações relevantes nas últimas décadas. Entre as várias terminologias já utilizadas, oficialmente, deficiência intelectual ou atraso cognitivo foi divulgado para substituir o termo deficiência mental após a publicação da Declaração de Montreal em 2004.

Formalmente, a deficiência intelectual é definida pela Associação Americana de Deficiência Intelectual e do Desenvolvimento (AADID, 2010)



como um comprometimento intelectual significativamente inferior à média acompanhado de limitações importantes no funcionamento adaptativo em pelo menos duas das seguintes áreas de habilidades: comunicação, autocuidado, vida doméstica, habilidades sócias/ interpessoais, uso de recursos comunitários, trabalho e lazer (Gomes, Poulin& Figueiredo, 2010).

Lendo com atenção esta definição, pode concluir que deficiência intelectual é uma condição diferente da doença mental, embora esta confusão seja frequente nos dias atuais. A mesma é uma situação e não uma doença. Não pode ser contraída a partir do contato com outras pessoas, nem o convívio com o deficiente intelectual provoca qualquer prejuízo em pessoas que não sejam deficientes. Na verdade, todo aluno tem seu ritmo de aprendizagem, mas a escola continua promovendo os melhores. É comum que ao receber um aluno com deficiência intelectual a escola não acredite na sua capacidade de aprender.

De acordo com Batista &Mantoan (2006), a imprecisão do conceito de deficiência intelectual trouxe consequência que impediu uma concepção clara a respeito do seu atendimento. Nessa busca pelo ideal, foi desconsiderada a capacidade desses alunos aprenderem e mais um equívoco na educação escolar imperou durante décadas, por isso, o grande desafio dos alunos com deficiência conseguirem acesso e permanência na escola.

Esse equívoco generalizou a deficiência intelectual em um nível sempre muito baixo. O aluno com essa deficiência teria dificuldades em lidar com o raciocínio abstrato, e por isso o método mais eficiente seria as atividades concretas de memorização e repetição.

Batista&Mantoan (2006, p. 123) diz que,

[...] por mais que se busque o conhecimento a partir desse concreto, ele não se esgotará em sua dimensão física [...] por outro lado, a repetição de uma ação sobre o objeto, sem que o sujeito lhe atribua um significado, é vazia, sem qualquer repercussão intelectual e estéril, pois, nada produz de novo, apenas coloca as pessoas com deficiência intelectual numa posição inferior, enfraquecendo e delimitado do conhecimento.

O aluno com deficiência intelectual tem suas limitações e seu ritmo de aprendizagem é mais lento, mas isso não implica limitar seu progresso de ensino utilizando métodos repetitivos e sem nenhum significado. Isso é negar ao aluno o acesso ao conhecimento abstrato. Contudo, esses alunos precisam, em regra, de mais tempo e de apoio para ter sucesso nas atividades acadêmicas e diárias, isso não significa que não conseguem aprender (Mantoan, 2001).

Temos também uma política de atendimento aos alunos que apresentam Transtorno do Espectro Autista (TEA) que pode se manifestar como uma alteração acentuada na interação social e na comunicação, além de um repertório marcadamente restrito de atividades e interesses. As manifestações desse transtorno variam imensamente, e dependem do nível de desenvolvimento e idade. Os alunos com TEA apresentam diversas formas de ser e agir, com respostas diferentes entre si.

O novo paradigma da inclusão exige mudanças nas concepções errôneas a respeito do atendimento ao aluno com qualquer síndrome que se apresente como NEE e nessa perspectiva as limitações deixam de ser observadas como exclusivas de deficientes, passando a ser considerada como limitações sociais que devem buscar apoio que necessita.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (Brasil, 1997) o aluno com deficiência visual, auditiva ou de locomoção é um sujeito social se beneficia das inúmeras mediações que caracterizam as relações sociais e interpessoais estabelecidas no espaço escolar, as quais são marcadas também pelos conflitos e contradições da vida em sociedade, ou seja, não depende somente de bases externas, mas tem a ver com a saída da passividade da aprendizagem para o processo ativo da aprendizagem. Assim, o grande desafio do professor é deixar de lado práticas centradas em atividades de repetição e memorização.

[...] Aprender é uma ação humana criativa, individual, heterogênea e regulada pelo sujeito da aprendizagem, independentemente de sua condição intelectual ser mais ou ser menos privilegiada. São as diferentes ideias, opiniões, níveis de

compressão que enriquecem o processo escolar e clareiam o entendimento dos alunos e professores (Batista, 2006, p.13).

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) representa uma inovação para educação inclusiva e complementar à escola comum, este atendimento deve desenvolver a superação do que é limitado ao aluno com qualquer necessidade educativa especial.

A diferença existe e faz parte das inúmeras diversidades encontradas na escola e na sociedade. Não se pode criar um grupo separando as diferenças, a igualdade nos permite dar oportunidades iguais e tratar cada indivíduo, seja com ou sem deficiência de acordo com suas características pessoais. Como informa (Fierro, 2004, p.56),

Na realidade, cada aluno é diferente e tem necessidades educacionais específicas, singulares. [...] com as diferenças não se pode criar um grupo à parte ou montar uma organização escolar diferenciada que de antemão é discriminada e discriminatória. A diversidade, as diferenças, está na condição humana e a elas deve-se atender na escola [...].

Para Mantoan (2006) se a escola procurar atender de forma específica a cada necessidade do aluno, haverá inclusão, mas se a escola continuar separando as diferenças a exclusão é eminente. A escola não pode fazer distinções entre alunos e sim favorecer um aprendizado significativo à todos oferecendo uma educação que atenda às peculiaridades de cada indivíduo. Os alunos com deficiência intelectual têm dificuldades de interagir socialmente, dificuldades em lidar com regras sociais e demais atividades, por isso, a escola e a família são responsáveis por seu desenvolvimento.

O uso dos recursos didáticos pedagógicos adaptados é uma ferramenta importante no processo de inclusão dos alunos, se utilizado de forma consciente e criativa direcionando-os a especificidade de cada aluno ampliando suas possibilidades de inclusão e aprendizagem. O professor é uma das peças fundamentais para a concretização do ensino-aprendizagem dos

alunos, o mesmo além de sistematizar o currículo, também identifica a melhor estratégia de intervenção e garantir a utilização dos conhecimentos.

E, nesse sentido, os recursos adaptados entram como um método na sistematização dos conteúdos e socialização dos conhecimentos. É de suma importância para facilitar o acesso à educação escolar proporcionando a diminuição das limitações do aluno e contribuindo com o trabalho pedagógico dos professores em sala de aula, além de ampliar as possibilidades do mesmo, no que diz respeito aos aspectos educacionais, sociais e inclusivos (Manzini, 2009; Manzini & Deliberato, 2004).

A adaptação do recurso pedagógico é feita de acordo com a necessidade do aluno, e deve atender tanto ao aluno quanto ao professor, tendo como meta alcançar o objetivo do conteúdo. Quando a escola não disponibiliza recursos, os professores ficam na responsabilidade de confeccionar os recursos que também dependem dos materiais disponíveis e adequados às necessidades e habilidades de cada indivíduo para que sejam eficazes no desenvolvimento potencial e interação do aluno com o mundo.

Entre as várias parcerias é imprescindível a participação das famílias, orientar e ouvir os pais para aproveitar a rotina dos filhos para ensiná-los, inclusive, para que os mesmos possam utilizar os recursos pedagógicos no dia a dia. Os professores certamente ganharão com essa parceria, inclusive para identificar junto com a família as causas de alguns problemas, buscando solucioná-los com mais efetividade.

Nesse sentido, a elaboração de planos de ensino que envolva a adaptação de jogos pedagógicos, cujo objetivo busca a interação divertida por meio dos aspectos lúdicos em contexto real, estimulando a criatividade do aluno para que desenvolva o pensamento.

Segundo Reganhan & Manzini (2009) o recurso pedagógico se assemelha mais a um estímulo concreto que possa ser manipulável. Neste caso, o autor afirma que o estímulo deverá ter um objetivo, ou seja, deve ser atribuída uma finalidade pedagógica e cabe ao professor julgar os momentos em que este

recurso poderá ser utilizado, na medida de cada necessidade e dos resultados que se pretendem obter.

Os estudos apontam que a principal função do recurso é auxiliar o aluno a pensar e promover o desenvolvimento da imaginação e de promover o desenvolvimento da imaginação e de sua capacidade de raciocínio lógico, proporcionando vivências reais para auxiliá-los no melhor aproveitamento para sua aprendizagem (Kothe, 1997 & Schmitz, 1984).

Os autores citados acima relatam que a probabilidade de sucesso na aquisição do conhecimento pode ser vista pelo potencial demonstrado pelo aluno no desempenho das atividades, na qualidade e nível de realização da atividade. Assim, os jogos pedagógicos adaptados são práticas necessárias para atender as especificidades dos alunos, de modo que o mesmo possa ter acesso a novas aprendizagens.



## CAPITULO II – ESTUDO EMPÍRICO

### 2.1.Problema e objetivos

#### 2.1.1.Problema

O problema que contribui para a construção dessa dissertação nasce da nossa experiência como professora de uma escola multisseriada localizada no interior do estado do Maranhão, na qual iniciei a minha prática docente profissional e que muito contribuiu para a professora que sou hoje, no sentido de ter sido um laboratório de experiências laborais de grande valor para a minha vida.

Foi a partir daquele contexto profissional que ao procurar uma qualificação *strictosensu* no nível de mestrado optei por trabalhar com a rotina de uma sala de aula multisseriada, a qual difere das demais salas de aula pelo fato de ter num mesmo contexto alunos de faixas etárias diferenciadas e, portanto, cursando níveis e modalidades de ensino diferenciado.

Mas, a motivação principal para a opção por esta temática da dissertação foi o fato de que a escola lugar da investigação é de pequeno porte com poucos alunos, que em sua maioria são alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem oriundas das mais diversas dificuldades educativas especiais como exemplificaremos mais adiante. Assim, o objeto do nosso trabalho investigativo consiste em conhecer as práticas de gestão e os modos de inclusão praticados pelos profissionais dessa escola.

### 2.1.2.Objetivos

Mediante nossos questionamentos, podemos inferir nossos objetivos a essa investigação:

Objetivo Geral: Conhecer as práticas de gestão e as formas de inclusão presentes na escola multisseriada do povoado Cabeceira do Magu no município de Santana do Maranhão.

#### Objetivos Específicos

- Identificar as características conjunturais da escola multisseriada existente em nosso município.
- Identificar como atuam os gestores e professores nesse contexto escolar.
- Caracterizar os alunos que frequentam a referida escola.
- Contribuir para uma melhor compreensão do que é uma escola multisseriada na perspectiva da inclusão escolar.

## 2.2.Metodologia

### 2.2.1.Pesquisa Qualitativa

Para o desenvolvimento dessa pesquisa utilizamos o método qualitativo baseada no método indutivo com objetivo de desvendar a intenção ou o propósito da ação dos sujeitos implicados tentando, como nos fala Coutinho (2011), compreender a situação, sem impor expectativas prévias ao fenômeno estudado. A sua importância para autores como Minayo (2010, p.273), se dá



no sentido de ser “não apenas uma estratégia no conjunto da investigação, mas um método em si mesmo para a compreensão da realidade”.

### 2.2.2. Estudo de caso

Estudos de caso são investigações de fenômenos à medida que ocorrem, sem qualquer interferência significativa do investigador. Coutinho & Chaves (2002) se refere ao estudo de caso destacando que quase tudo pode ser um “caso”: um indivíduo, um personagem, um pequeno grupo, uma organização, uma comunidade ou mesmo uma nação.

Estudo de caso é uma metodologia que envolve um lugar ou lugares, nesse contexto envolve uma escola, abordando um conhecimento particular da mesma com os questionamentos, as incertezas e as possibilidades que esse contexto nos apresenta e que exige a necessidade de uma tomada de posição com base nos teóricos em metodologia da investigação.

Conforme nos aponta Yin (2005):

O Estudo de Caso tem tido um uso extensivo na pesquisa social, seja nas disciplinas tradicionais, como a Psicologia, seja nas disciplinas que possuem uma forte orientação para a prática como a Educação, além de ser usado para a elaboração de teses e dissertações nestas disciplinas (p. 23).

Ainda Yin, afirma que,

O estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas. Esta definição, apresentada como uma "definição mais técnica" ajuda, a compreender e distinguir o método do estudo de caso de outras estratégias de pesquisa como o método histórico e a entrevista em profundidade, o método experimental e o *survey* (2005, p. 23).

De acordo com Yin (2005), o Estudo de Caso se caracteriza pela “capacidade de lidar com uma completa variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações” (Yin, 2005, p. 19).

Fidel (1992) nos informa que o estudo de caso é um método específico de pesquisa de campo, na medida em que observamos o campo e o que nele que ocorre, sem qualquer interferência do investigador, para conhecer e compreender melhor o campo investigado, possibilitando ao investigador descrever o cotidiano escolar com seus elementos para uma melhor compreensão do ambiente da escola e suas rotinas.

### 2.2.3. Local da Pesquisa

A Escola lugar da investigação tem como nome Escola Municipal Antônio Marreiro, está situada no Povoado Cabeceira do Magu no município de Santana do Maranhão. Foi criado pela Lei nº 6.176, de 10 de novembro de 1994, desmembrado do município de São Bernardo do Maranhão.

O município de Santana do Maranhão limita-se ao norte com os municípios de Paulino Neves e Tutóia; a Leste com de São Bernardo; a oeste com o de Barreirinhas e ao Sul com os municípios de São Bernardo e Santa Quitéria elevado à categoria de município e distrito com a denominação de Santana do Maranhão, pela Lei Estadual nº 6.176, de 10 de novembro de 1994. Em divisão territorial é datada de 2001, permanecendo até hoje.

A Escola Municipal Antônio Marreiro, atende aos alunos da educação infantil e do ensino fundamental de 1º ao 5º ano e começou a funcionar em 1965, numa pequena sala na casa do meu avô, com uma professora chamada Bel (codinome), esta professora tinha somente a 4ª série primária, e foi contratada para ensinar apenas os filhos do meu avô, ficando a mesma somente dois anos nessa função. O primeiro prédio da escola construído em alvenaria pela Prefeitura do município de São Bernardo em 1990, tinha

apenas uma sala de aula. Podemos observar no mapa a seguir a localização geográfica de São Bernardo, Santa Quitéria do Maranhão, Luzilândia e Santana do Maranhão, localidades da qual falávamos nesse trabalho.

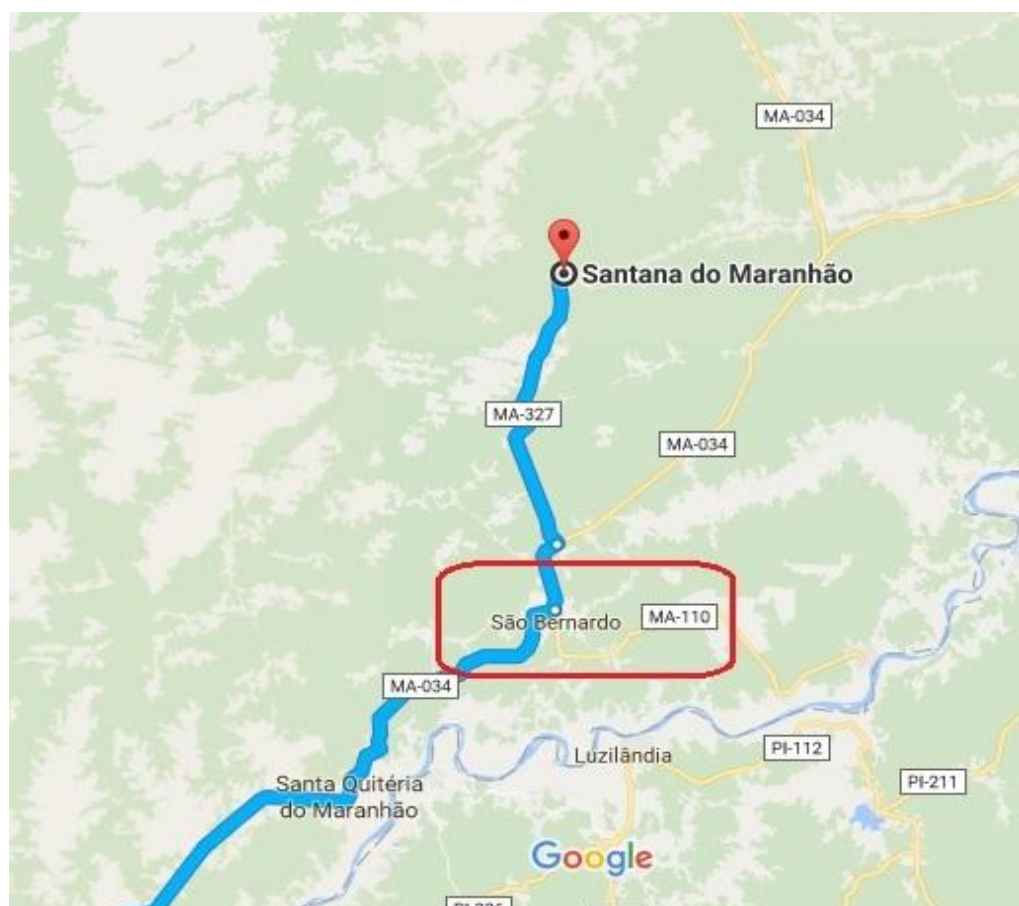


Figura 1: Localização de Santana do Maranhão.

Fonte: Google Maps, 2017

A Professora que substituiu a Bel se chamava Dita (codinome), logo que chegou se casou com um dos filhos do meu avô e mora no povoado até hoje. A mesma foi professora na escola até 2005, passando então a dirigir a escola na função de diretora, hoje gestor, a onde permaneceu até 2016, quando se aposentou por idade e por tempo de serviço.

Nesse espaço de tempo a escola foi reformada e a antiga sala de aula virou sala de informática com forro de gesso e ar condicionado. Foi construído um

novo prédio ao lado dessa sala, com três salas de aula, uma diretoria, uma cantina, dois banheiros. Possui também uma rampa de acessibilidade.

A escola é toda forrada e climatizada, abrigando atualmente quarenta e seis alunos matriculados, divididos entre: dez alunos na educação infantil (nenhum especial) cinco alunos no 1º ano do ensino fundamental (séries iniciais) tendo uma criança especial com epilepsia, que toma medicamento controlado; quatro alunos no 2º ano do ensino fundamental (duas crianças especiais, as duas com deficiência visual); seis alunos no 3º ano do ensino fundamental (um com déficit de aprendizagem); sete alunos no 4º ano (uma com surda muda, um com autismo, um com dislexia, um déficit de aprendizagem); cinco alunos no 5º ano (um com deficiência física).

Desse total temos sete alunos que possuem atestado médico que comprovam as suas deficiências. Os mesmos possuem nível diferenciado de dificuldades de aprendizagem.

Todas as turmas funcionam no turno matutino. O corpo docente é dividido entre professores contratados e efetivos. São uma professora efetiva e duas contratadas. A diretora é contratada e as duas auxiliares de serviços gerais são efetivas. Pois, as professoras auxiliares de sala que devem chegar a escola até esse momento não se apresentaram para o trabalho.

#### 2.2.4. Memorial da Escola Investigada

A Escola Antônio Marreiro é de pequeno porte, localizada num prédio antigo reestruturado, contando com quatro salas, um diretoria, uma cantina, dois banheiros, masculino e feminino, uma área no pátio serve para recreações das crianças, e fazer reuniões.

A Escola localiza-se na Zona Rural, no povoado Cabeceira do Magu, no município de Santana do Maranhão e os alunos não utilizam transporte escolar porque moram nas imediações da escola; o horário de entrada no

turno matutino se dá às 07h30min nessa hora a Gestora já está na Escola visto que chega bem cedo por morar em uma casa contígua a escola. O horário de aula da Educação Infantil segue o estabelecido por Lei que são de três horas de aulas diárias, já o Ensino Fundamental cumpre cinquenta minutos de aula, somando 4 horas/aulas por dia ou por turno.

O quadro docente da escola é formado por uma gestora, contratada, graduada em Pedagogia, tem ainda três professoras, uma efetiva, graduada em Geografia, duas professoras contratadas, é graduada em Pedagogia, tem ainda uma cozinheira, e uma auxiliar de serviços gerais.

Nesta escola não existe o Projeto Político Pedagógico (PPP) e nem Regimento Escolar todo o processo educativos funciona sob as orientações contidas no Plano Municipal de Educação e em outro documento denominado Informativo Escolar onde podemos ter conhecimento das atividades escolares previstas no calendário anual que vão desde os dias letivos, os feriados, os dias planejamento escolar e de reuniões de pais e professores, além do calendário de provas.

Ao iniciar o turno matutino das aulas alguns alunos chegam acompanhados de seus responsáveis, outros chegam sozinhos, mesmo as crianças especiais às vezes vêm sozinhas a escola. Todas as professoras chegam no horário de aula, e se encaminham para as salas com seus alunos.

A primeira sala é de Educação Infantil dividida por ano de formação educativa, funcionam ali os três níveis da pré-escola, crianças de 3, 4, e 5 anos todas na mesma sala, mesmo juntos são somente 10 alunos. A professora da Educação Infantil é contratada e só possui o nível médio da educação básica. Durante uma das minhas visitas a escola, a referida professora me confidenciou que pediu ajuda à direção da escola para o desenvolvimento de suas atividades docente, no sentido de que disponibilizassem jogos, atividades lúdicas, letras de cantigas de roda, pois a mesma não tem experiência com turmas nesse nível de idade e está com dificuldades de levar adiante a docência na Educação Infantil.

Observei que faz pouco tempo de serviço dessa professora na sala de aula da Educação Infantil, (no início do ano letivo a diretora havia assumido a sala de aula até que se contratasse uma professora para a sala, o que durou dois meses) e nessa sala nada identifica que ali está alocada uma turma de Educação Infantil, a qual em muitas escolas tem uma decoração alusiva às atividades lúdicas que as crianças apreciam.

Assim, as crianças são muito inquietas, não ficam sentadas, não fazem a atividade proposta, a professora não tem domínio de sala de aula, não controla a turma, enfim parece mais um lugar de recreio sem planejamento educativo, do que uma sala de aula, onde presumimos deveriam estar presentes métodos e metodologias de ensino e aprendizagem infantil.

A segunda sala é a sala multisseriada, onde funciona o 1º, 2º, e 3º ano do ensino fundamental, somando 15 alunos, três delas são crianças especiais, duas com baixa visão e uma com déficit de aprendizagem. A professora é contratada e tem graduação em Pedagogia, trabalha sozinha nesta sala de aula, mesmo com três crianças especiais frequentes, por lei deveria ter uma auxiliar de sala com conhecimento específico em ensino dirigido a crianças com necessidades educativas especiais, mas não chegou à escola até aquele momento. Nesta sala as reclamações da professora são sobre a falta de acompanhamento dos pais nas atividades de casa e na ausência de um profissional que ajude a compreender as condições especiais de aprendizagem dos alunos já identificados nesse contexto.

A terceira sala também é multisseriada, funciona com 4º e 5º ano do ensino fundamental, somando 16 alunos, têm cinco crianças especiais, uma criança com autismo, uma surda-muda, uma com epilepsia, uma com deficiência física, uma com déficit de aprendizagem. A professora é graduada em geografia, admitida via concurso público, portanto efetiva e já tem experiência com sala de aula. A relevância maior nessa sala é a quantidade de crianças especiais, esta sala também não recebeu uma professora auxiliar de sala para alunos com necessidades educativas especiais. Até então, a professora trabalha como dá, sem resultados aparentes, e não há nenhuma

ornamentação na sala de aula da turma que identifique objetivos educacionais as crianças com NEE.

A sala da gestão escolar é pequena, possui uma mini biblioteca com livros, jogos, brinquedos, material didático, material lúdico, guardados em dois armários e uma estante, no entanto nenhum desses materiais vai para as salas de aula. Os instrumentos informáticos presentes na escola são uma televisão, um DVD, dois computadores de mesa, um notebook, uma impressora, e uma máquina de xerox.

A cozinha é bastante pequena, porém é dividido em três compartimentos, um espaço onde ficam armazenados os materiais de limpeza e utensílios de cozinha, outro onde é guardada a merenda escolar, e outro onde fica o fogão, o forno, o freezer, uma pia e um armário na parede.

A escola não tem refeitório, as crianças lancham no pátio da escola, sentadas no chão. Não tem área de lazer como quadras, ginásios cobertos ou similares, é como se fosse um quintal, de chão batido, poeirento. Há um intervalo entre os horários das aulas mais ou menos as 09h15, obedecendo ao informativo escolar, preso em um mural na parede da sala da gestora, dura quinze minutos. Após a merenda todos voltam para as salas de aula e o pátio da escola é limpo novamente. No horário de entrada os pais entregam seus filhos às professoras e no horário de vêm buscá-los.

A escola fecha às 11h30. Horário no qual todos os professores se dirigem às suas casas.

#### 2.2.5. Participantes da pesquisa

Os participantes dessa investigação são a gestora da escola que é graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) possui experiência em sala de aula e mora no povoado da escola. A segunda participante é a professora da educação infantil, que atende crianças de 3, 4,

e 5 anos, só possui magistério e não mora no povoado da escola. A terceira investigada é professora de 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental, tem magistério, é graduada pela UFMA, cursa especialização em Libras, e mora no mesmo povoado da escola, as três são contratadas pela Prefeitura Municipal de Santana do Maranhão. A essa altura da pesquisa as professoras auxiliares de sala já se faziam presentes na escola. Foram contratadas em meados de Junho, durante nossa pesquisa.

A quarta investigada é a professora de 4º e 5º ano tem magistério e graduação em Geografia. Cursa especialização em Psicopedagogia, é concursada, portanto efetiva do quadro de professores do município de Santana do Maranhão. Não mora no povoado da escola.

As auxiliares de serviços gerais que se disponibilizaram colaborar nesta investigação são uma cozinheira residente no próprio povoado da escola e uma auxiliar de serviços gerais, que não mora no povoado.

Quanto às crianças especiais: uma é portadora da Síndrome de TEA e as demais que também são especiais são acometidas de seguintes síndromes: dislexia, epilepsia, deficiência visual, surdo cegueira, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e um com deficiência física no pé. Totalizam em torno de 10 crianças especiais na mesma escola.

A seguir, apresentamos um quadro-síntese com as características pessoais das crianças que estudam na Escola Municipal Antônio Marreiro:

CRIANÇA	CARACTERÍSTICAS
Criança com epilepsia	Toma medicação controlada, está cursando o 1º ano, tem aprendizado equivalente à série e a idade, é calma, esforçada, mas não pode passar emoções ou agitações porque pode desencadear em ataques convulsivos. Ela tem seis anos de idade, mora com os pais no povoado. Possui atestado médico comprovando a sua deficiência.



A criança (1) com deficiência visual	Usa óculos, não enxerga sem ele, não consegue enxergar no quadro para copiar no caderno, está no 2º ano do ensino fundamental e não tem condições físicas e nem de saúde para cursar a referida série. Tem atestado médico, está com sete anos de idade e mora com os pais.
A criança (2) com deficiência visual	Convive com os olhos vermelhos, não usa óculos, tem dificuldade em enxergar no quadro, esta no 2º ano, não tem aprendizado para série na qual está matriculada, mora com os pais, possui atestado médico, tem sete anos de idade.
A criança com déficit de aprendizagem	Está no 3º ano do ensino fundamental, é emotivo, chora por qualquer coisa, não sabe ler, não acompanha a turma, não tem atestado médico só é diagnosticado com déficit de aprendizagem pelos professores que já lhe acompanham há alguns anos e vivenciam suas dificuldades educativas tem dez anos de idade, vem repetindo a mesma série há vários anos, mora com os pais e não tem acompanhamento médico e nem de outro especialista.
A criança surda	Teve meningite com três anos de idade, agora ela está com 15 anos de idade, não fala, só gesticula, é aprovada ano após ano, tem atestado médico, mora com os pais, frequenta a escola regularmente, não falta. Tem crescimento equivalente a idade. Está matriculada no 4º ano do ensino fundamental e, por ser calma, faz o que os professores orientam, embora não haja um professor (a) que tenha habilidade para se comunicar com ela, quando o fazem é por

	aproximação, ou seja, uma aprendizagem informal da língua de sinais.
A criança com deficiência física	Sofreu um acidente em 2013 em frente à escola, quando saia correndo da sala de aula foi atropelada por um carro o qual passou por cima do seu pé deixando todos os ossos à mostra, ela passou por uma cirurgia para reconstrução, mas ficou com sequelas, caminha com certa dificuldade, está matriculada no 5º ano, tem aprendizado equivalente a série. Mora com a avó.
A criança com retardo mental	Tem também epilepsia, não consegue aprender, não retém informação, esquece com facilidade o que lhe é ensinado e por isso vai repetindo os anos escolares, mesmo assim está matriculada no 4º ano, tem catorze anos. Possui atestado médico. Mora com os pais.

Quadro 1: Características das crianças observadas  
Fonte: A pesquisadora

Após esta exposição da escola investigada esclarecemos que qualquer estudo que envolva sujeitos escolares menores, ou mesmo profissionais precisa de autorização prévia, por isso procuramos obter dos pais e ou responsáveis por estas crianças a autorização necessária para tê-los como sujeitos dessa investigação, a qual está nos anexos desse trabalho.

A realidade da escola investigada nos é muito familiar visto que seu início tem a ver com minha família, embora hoje pertença a Prefeitura Municipal de Santana do Maranhão, dado que facilitou em muito o nosso trabalho investigativo sobre a rotina da escola e dessas crianças com NEE, embora a referida escola e seus professores lutem com dificuldades para promoverem a inclusão dessas crianças no mundo social.

Dessa forma em síntese apresentamos os sujeitos participantes dessa investigação:

<b>Função dos sujeitos</b>	<b>Total</b>	<b>Condição Profissional</b>	<b>Total</b>
<b>Gestora</b>	01	Contratada	01
<b>Professoras</b>	02	Contratadas	02
	01	Nomeada	01
<b>Alunos</b>	46	----	46
<b>Secretaria</b>	00	Nomeada	00
<b>Cozinheira</b>	01	Nomeada	01
<b>Serviços gerais</b>	01	Nomeada	01
<b>Total de sujeitos</b>	06		52

Quadro 2: Número de sujeitos na escola investigada

Fonte: Regimento da escola

<b>Alunos/Idade</b>	<b>Série</b>	<b>Síndrome</b>	<b>Total</b>
<b>1/5</b>	Pré-Escolar	--	--
<b>6/8 anos</b>	1º/2º/3º Ano	Déficit/Visual	03
<b>9/10 anos</b>	4º/5º Ano	TEA/surdo/epilepsia Deficiente físico/déficit	05
<b>Total de alunos com NEE</b>	<b>08</b>		

Quadro 3: Características dos alunos com NEE da escola investigada

Fonte: Regimento da escola

<b>Série</b>	<b>Nº de Alunos</b>
<b>Pré-Escolar</b>	10
<b>1º/2º/3º ano</b>	15
<b>4º/5º ano</b>	16
<b>Total</b>	41

Quadro 4: Alunos sem NEE da escola investigada

Fonte: Regimento da escola

## 2.3. Técnicas de recolha de dados utilizadas

Utilizamos a observação não participante a qual pode informar muito sobre perfis dos atores sociais, seus desejos, dificuldades, sentimentos e percepções, enfim um conjunto de dimensões que, em um primeiro momento, podem parecer confusas e desconexas, mas que podem fornecer valiosas informações para a pesquisa, ou seja, fazer uma pesquisa é, sobretudo, olhar ouvir, descrever, interpretar e, até mesmo, intervir. Pretendemos combinar nesta pesquisa a observação com análise documental, conversas informais, comunicações várias, atentando-se às formas de contatos entre os sujeitos da pesquisa e o pesquisador.

Schwartz & Schwartz definem observação participante como,

Um processo pelo qual se mantém a presença do observador numa dada situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica, onde o observador está face a face com os observados e ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, colhem dados. Assim o observador é parte do contexto observado, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por esse contexto (1955, p.355).

Na observação participante, o observador deve utilizar um caderno de anotações de suas observações que é chamado de Diário de Campo, que é um registro do observador, onde ele vai registrando todos os dias as suas impressões sobre as conversas pessoais, os comportamentos, as falas com os sujeitos da pesquisa, enfim as suas impressões observadas sobre o objeto investigado.

As observações foram feitas nos espaços da escola, em momentos de interação, como nos horários de recreio, de festividades e de atividades extraclasse, os quais foram agendados com a equipe gestora da escola. O resultado dessas atividades foi registrado no diário de campo com várias informações acerca da localização da escola, suas condições físicas de

funcionamento e as interações sociais observadas entre os sujeitos que compõem o ambiente escolar.

O nosso olhar investigativo foi organizado em relatórios escritos que possibilitaram a geração de uma base de dados sobre as características do espaço escolar e dos sujeitos implicados na investigação, no caso alunos e familiares prioritariamente, embora não possamos descartar a fala dos professores desses alunos. A interpretação desses dados possibilitou a criação de categorias e variáveis complementadas pela decodificação dos textos oficiais e acadêmicos que lançamos mão no intuito de identificar as características da escola inclusiva nesse contexto.

Com relação à Análise Documental, foram recolhidas informações a partir de leituras e análise dos dossiês de alunos, do Censo Escolar, com o objetivo de caracterização dos sujeitos e do terreno investigado e para verificar se as informações da referida escola coletada junto aos informantes se identificavam no alcance de nossos objetivos.

Compreendemos que a técnica de recolha de dados, através da análise documental pode ser utilizada de forma isolada ou conjugada a outras informações coletadas, objetivando um caráter de contextualização histórica do objeto de pesquisa. Segundo Lüdke& André (1986, p.38), “[...] embora pouco explorada na área de educação, a análise documental pode constituir-se numa técnica valiosa de dados qualitativos, para complementares informações obtidas por outras técnicas ou desvelar novos aspectos de um tema ou problema”.

Vale (2000) afirma que a observação é a melhor técnica de recolher os dados dos sujeitos em atividades, em primeira mão, “porque permite comparar aquilo que diz, ou que não diz, com aquilo que faz” (Bogdan&Biklen, 2004, p. 76), sendo essa a oportunidade do investigador verificar se há de fato coerência entre o discurso e a prática efetiva. O “observador está em relação face a face com os observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, colhe dados” (Minayo, 2008), nessa condição, o investigador estará exposto a influência interna e ou externa ao ambiente investigado, pois se o

observador fizer parte do contexto observado, pode modificar ou ser modificado pelo próprio contexto.

No entanto, existem fragilidade e limitações dos instrumentos de observação, dada à impossibilidade de contemplar a amplitude e complexidade do fenómeno estudado (o sujeito não consegue observar tudo e todos!), dado que exige a observação criteriosa das variáveis a analisar. Quer a recolha de dados, quer a sua interpretação deve fazer parte de uma hierarquia de categorias e indicadores que permitam uma diferenciação, entre os pressupostos do desempenho que se revelam essencial e aqueles que são acessórios.

## 2.4. Técnicas de tratamento de dados a utilizar

Por se tratar de um estudo de caso, com uma metodologia qualitativa, para analisar os dados qualitativos provenientes das fontes documentais, dos registos de campo e das transcrições das entrevistas, recorreremos a instrumentos estatísticos e a análise textual seguindo as orientações de Moraes&Galiazzi (2007).

Para os referidos autores a classificação da toda a informação recolhida seguirá a uma categorização voltada para os objetivos do estudo conjugando as diferentes unidades de análise. Através dessas unidades de análise procedemos à triangulação da informação para dar resposta às questões orientadoras e, por fim, filtramos criticamente a problemática estudada com os elementos conceptuais que fundamentaram o estudo (p.190).

Gil (2008, p. 64) afirma que se trata de uma “interpretação dos resultados encontrados na pesquisa para fazer a correlação destes com outros já conhecidos, quer sejam derivados de teorias, quer sejam de saberes prévios” obtidos pelas mais variadas fontes de dados, como por exemplo, as notas de campo, que são escritas durante o período em que ocorre a observação

(participante ou não participante), ou os dados obtidos através de questionários e/ou de entrevistas:

Esse momento permite aproximar todo conjunto de produtos derivados da pesquisa e que expressam o discurso oriundo da observação, dos registros de campo, dos questionários e das entrevistas, que podem ser descritos com uma multiplicidade de significados em correspondência aos pressupostos teóricos de cada leitor (Moraes & Galiazzi, 2007, p. 193).

Lançamos mão do quadro teórico para identificá-lo no quadro geral da investigação empírica e alcançar aquilo que André (1983, p.54) define como sendo “aquele momento que permite ao investigador avançar com as diversas questões encontradas na pesquisa, num movimento constante de ‘ir e vir’, desde a abordagem conceitual da literatura para a construção das questões iniciais até ao cruzamento da informação recolhida para se encontrar um resultado, que incorpore diferentes pontos de vista, no entanto, compreensíveis no contexto de uma investigação qualitativa”.





## **CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Habitualmente desde o início da investigação e mais pontualmente a partir da estada no campo utilizamos o registro no diário de pesquisa para documentar o processo de abordagem do terreno investigado, onde fomos registrando as experiências e os problemas no contacto comos entrevistados e a aplicação de métodos.

A comparação de tais registos e as diferentes perspectivas neles expressas tornaram o processo de pesquisa mais intersubjetivo e explícito. Vários foram os métodos delineados para captar os acontecimentos, processos e/ou declarações interessantes da vida cotidiana da escola investigada.

Assim, se passaram quatro meses de maio a agosto de 2017, período no qual fui reconstituindo a realidade em texto a partir de minhas anotações sobre a realidade disponível naquele momento.

No dia onze de maio desse ano iniciei as visitas à Escola Antônio Marreiro, de pequeno porte, alocada em um prédio antigo reestruturado, com quatro salas, um diretoria, uma cantina, dois banheiros, um masculino e outro feminino, uma área livre para recreio e também usada para reuniões de professores e pais, pois a escola não conta com um auditório específico para estas reuniões, desse relato já nos é possível visualizar as condições estruturais da escola investigada.

Os alunos são moradores circunvizinhos da Escola que está situada na Zona Rural, do povoado Cabeceira do Magu, não precisam de transporte escolar, por conta da proximidade das casas dos mesmos e a escola. O turno matutino se inicia as 07h30m e o horário de aula para a Educação Infantil segue o estabelecido por Lei, três horas de aulas diárias, o Ensino Fundamental cumpre cinquenta minutos de aula, somando 4 horas/aulas por dia, por turno.

O quadro docente da escola é formado por uma gestora contratada, pela Prefeitura para essa função, a mesma é professora, graduada em Pedagogia, e administra a escola com a colaboração de cinco professoras, sendo uma efetiva, graduada em Geografia, quatro contratadas, uma delas é graduada em Pedagogia, as outras três possuem nível médio com Magistério que não é curso superior, mas um curso de nível médio que habilita o professor para lecionar na Educação Infantil. Duas dessas professoras são auxiliares de sala de aula, tem ainda uma cozinheira e uma auxiliar de serviços gerais.

Desse recorte de um ambiente escolar nos foi possível perceber a rotina de uma escola rural multisseriada onde aprendi com professoras de turmas multisseriadas que o principal caminho para organizar o ensino nessa modalidade é abordar a diferença como vantagem pedagógica, à luz do que defende Emília Ferreiro (1996), e realizar uma intervenção pedagógica compartilhada com a classe.

Ao iniciar seu turno de ensino diariamente os alunos chegam acompanhados de seus responsáveis, outros chegam sozinhos, mesmo as crianças especiais, vêm por vezes sozinhas para a escola, e se encaminham para as salas de aula com seus colegas.

A partir daqui relatarei as características de cada sala de aula: A primeira sala é a de Educação Infantil, essa sala de aula não é dividida por ano, funcionam ali os três níveis da pré-escola, com crianças de 3, 4, e 5 anos de idade, todas na mesma sala, num total de dez alunos(as). A professora desta sala é contratada e possui nível médio e magistério. Durante minha estadia na sala esta professora me confidenciou que pediu ajuda a direção da escola para desenvolver atividades recreativas, jogos, atividades lúdicas, cantigas de roda, pois a mesma não tem experiência com turmas nesse nível de idade.

Observei que apesar do pouco tempo de serviço da professora na sala de aula, se percebe uma constante preocupação da mesma em relação ao que ela pode contribuir para o ensino e aprendizagem daquelas crianças e o que a escola oferece para tanto. No início desse ano letivo era a gestora da escola que atuava como professora da Educação Infantil, certamente com melhor

propriedade, pois, tem formação pedagógica, somente há um meses, assumiu a professora que me confidenciou suas inquietações.

As crianças são inquietas, não ficam sentadas, não fazem a atividade proposta, a professora não tem domínio de sala de aula, não controla a turma, é inexperiente e não conta com recursos necessários a uma melhor atuação diante de uma sala de Educação Infantil que requer do professor saber lidar com as crianças no dia a dia e em situações especiais, diferentes e inesperadas em relação às demais fases escolares.

A criança tem um jeito próprio de encarar as novas etapas que vão surgindo em sua vida. Muitas vezes pais e educadores encaram esses acontecimentos com maior dificuldade que a própria criança que está passando por determinada vivência. O ideal é que o professor tenha algumas atitudes, estratégias e comportamentos que favoreçam uma melhor aceitação e desenvolvimento dessa criança no ambiente escolar e até mesmo no seu dia a dia, podendo, inclusive, colocar em prática certos conhecimentos adquiridos, porém de forma meio que inconsciente é complicado porque nem sempre dá certo. Percebemos que esta professora tem dificuldades em organizar o espaço infantil de forma que o ambiente proporcione harmonia nos aspectos psicológicos e biológicos da criança, bem como de passar a sensação de um mundo mais lúdico no qual a criança, apesar de estar passando por um processo de educação e aprendizagem, não se sinta educada formalmente.

As classes multisseriadas nos impõem desafios os quais precisamos romper dentre eles a ideia de homogeneidade da turma e também as aulas centradas na exposição do docente que ensina a todos como se ensinasse a um só. As rotinas diárias na sala de aula são complexas e singulares e nos obrigam a uma compreensão ampliada dos processos de ensino e aprendizagem em uma perspectiva colaborativa e que desenvolva a autonomia dos estudantes (Hage, 2010).



Figura 2: Sala de aula multisseriada.

Fonte: <http://www.cruzeirodovale.com.br/cms/cliente/editor/Imagens/1673/fotopg9abrecolorGG.jpg>

A segunda sala de aula da escola investigada é multisseriada, funciona com 1º, 2º, e 3º ano do ensino fundamental, num total de quinze alunos, tem três especiais, duas com baixa visão, uma com déficit de aprendizagem. A professora é formada em Pedagogia e está contratada para assumir esta sala. Esta professora atua sozinha com esse universo de crianças de diferentes perfis e com necessidades especiais diferenciadas, na verdade segundo a mesma deveria ter uma professora auxiliar que até aquele momento não havia chegado a escola.

Ainda com relação a esta sala de aula multisseriada a professora reclama da falta de acompanhamento por parte dos pais das crianças, principalmente das especiais. Uma nota que registra meu olhar de investigadora é de que nas paredes da sala de aula não existe nenhum ornamento que a identifique como uma sala de aula de crianças em idade infantil, o cenário é árido, sem ornamentação que agregue alegria, prazer e uma aprendizagem saudável.

A terceira sala de aula também é multisseriada, funciona com 4º e 5º ano do ensino fundamental, somando dezesseis alunos, cinco crianças especiais: uma criança com autismo, uma surda-muda, uma com epilepsia, uma com deficiência física, uma com déficit de aprendizagem. A professora é graduada

em Geografia, concursada e nomeada para essa função educativa, tem experiência com sala de aula há mais de cinco anos. O que nos chamou atenção nessa sala é o quantitativo de crianças especiais.

Segundo a professora essa sala o trabalho é difícil, sem resultados aparentes, e não há nenhuma ornamentação na sala de aula, as paredes são limpas de qualquer ornamento que visibilizasse a existência de um recurso didático para melhorar a rotina da sala de aula.

A quarta sala da escola é a que está localizada a diretoria tem como acessórios didáticos uma estante e dois armários de aço com livros, jogos, brinquedos, material didático, material lúdico. Os instrumentos informáticos existentes na sala são uma televisão com DVD, dois computadores de mesa, um *notebook*, uma impressora, e uma máquina de Xerox.

A quinta sala é onde está localizada a cozinha, espaço pequeno, porém é dividido em três compartimentos, um onde ficam armazenados os materiais de limpeza e utensílios de cozinha, outro onde está acondicionada a merenda escolar e outro onde fica o fogão, o forno, o freezer, uma pia e um armário na parede. A escola não tem refeitório, as crianças lancham no pátio da escola, sentadas no chão, como não tem, conforme dito antes área de lazer.

O intervalo é dado às 09h15min, obedecendo ao informativo escolar, este dura quinze minutos. Após a merenda todos voltam para as salas de aula e o pátio da escola é limpo novamente. No horário de saída os pais que vieram deixar seus filhos na escola, vem buscá-los, e os demais saem sozinhos.

A escola fecha às 11h30min, e encerrei minha visita nesse dia junto com o trabalho de todos.

No segundo dia de visita (18/05/2017) cheguei à escola às 07h45min, todos os professores e alunos já estavam nas suas respectivas salas, seguindo o ritmo diário de sala de aula, sendo nosso foco a observação da sala multisseriada do 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental, onde tem matriculado três crianças especiais.

A primeira criança que me defrontei era do sexo feminino com 8 anos de idade, é filha primogênita de um casal que mora no povoado, chega à escola

com o irmão mais novo sempre acompanhados dos pais, está matriculada no 2º ano do ensino fundamental, ela tem deficiência visual parcial, usa óculos há três anos, mais estes, não facilitam o processo de aprendizagem, ela não enxerga a longa distância, nem os dois metros que separam a cadeira dela na sala do quadro negro onde está escrito a atividade do dia.

Chegando à sala, dispensei apresentações, pois eles já me conheciam do dia anterior da primeira visita, a professora já estava desenvolvendo as atividades de leitura para todos, enquanto alguns se concentram na atividade, ouvindo a professora ler, a maioria estava falando de outros assuntos, principalmente as crianças do 1º ano que são mais dispersas, conversam entre si sem dar muita atenção a fala da professora e está por sua vez fazia de conta que não percebia este distanciamento das crianças.

Nesta sala tem um aluno no 2º ano, primogênito de três irmãos, que também tem deficiência visual e não usa óculos, tem diagnóstico médico e os olhos dele são sempre vermelho, às vezes mais forte, às vezes mais fraco. Ele não consegue manter o foco do ensino desenvolvido pela professora e por isso sempre está atrasado em suas atividades. Segundo a professora desse ano letivo nenhum dos seus alunos do 1º ou 2º ano sabe ler, ainda estão no processo de alfabetização, de soletração.

O terceiro aluno especial da sala está matriculado no 3º ano, está repetindo o ano e é também o primogênito da família, tem mais duas irmãs e na mesma sala estuda uma de suas irmãs que apesar de ser mais nova, o alcançou pelo motivo da repetência. Ele é emotivo, chora com facilidade, não retém conhecimento, não está alfabetizado. É diagnosticado pelos professores com déficit de atenção, mas não tem laudo médico que comprove sua deficiência. Os pais não buscam recursos extras para cuidar do filho, por falta de condições financeiras.

A atividade de leitura que a professora está desenvolvendo no momento de minha permanência na sala de aula é demorada, porque são quinze alunos, e a maioria não senta, não faz silêncio, dessa forma, a professora não sabe se

toma a leitura, ou controla a sala. Essa atividade demorou em média uma hora.

A próxima atividade foi um ditado de palavras para todos, primeiro é apresentada a figura referente à palavra, recortada de alguma revista pela professora para que todos identifiquem o significado da palavra; os alunos do 3º ano e com exceção de um com deficiência visual acompanham a atividade, os demais esperam a professora dizer letra por letra da palavra, e assim ela acaba ditando todas as letras de todas as palavras do ditado. Duas alunas ainda precisam da ajuda da professora para situar em qual linha do caderno devem escrever a palavra ditada.

Chegamos à hora do intervalo, todos os alunos da sala em fila indiana para o lanche, alguns sentam no chão, outros não param quietos enquanto lancham, se misturam com os alunos das demais salas e como as professoras de todas as salas também lancham no pátio, ficam sempre chamando a atenção de um ou outro que querem se envolver em brigas. A gestora da escola fiscaliza o recreio e orienta para que tudo fique organizado ao final do mesmo, gerencia os alunos que querem repetir o prato, insiste com aqueles que deixaram sobras de comida para que comam mais, limpa a sujeira que alguém deixa para trás. Depois que termina de merendar, a maioria começa a brincar, em poucos minutos todos correm em volta do pátio, são quinze minutos de intervalo. Enfim, já está na hora de voltar para a sala, os meninos estão suados de tanto correr, a professora fica na porta esperando que todos entrem.

De volta à sala a conversa é em tom maior, logo a professora chama-os atenção, todos sentam, com exceção de um ou dois, que insistem em continuar conversando.

A atividade seguinte é sobre matemática, vão estudar adição, a professora apresenta de forma contextualizada, contando objetos diversos na sala, e ainda com exceção de dois alunos que não pararam de conversar, os demais consegue acompanhar. Enquanto a atividade é lúdica todos participam, as crianças especiais também. Depois que a professora escreve no quadro

algumas somas, começa a dificuldade, as crianças com deficiência visual novamente ficam por último. A professora novamente vai de cadeira em cadeira ajudando, incentivando, e a atividade toma bastante tempo.

A essa altura a professora me apresentou o plano de aula diário que deveria ser cumprido, porém, todos os dias sobram uma atividade, ressalta a mesma, e às vezes duas que deviam ser repassadas a turma, mas o nível de desenvolvimento das crianças não acompanha o currículo proposto. A professora deixa uma parte da atividade de matemática como dever para casa, pratica um pouco de leitura com alguns alunos principalmente os especiais, verifica em todas as cadeiras se guardaram o material corretamente, e já é hora de ir embora, encerro mais um dia de visita a escola.

No dia seguinte chego à escola às 07h15min, já havia três alunos, são os que moram mais distante, e vem sozinhos a escola, entre eles tem duas crianças especiais, que são irmãos. Aos poucos, os demais alunos vão chegando, e a gestora também chega com dez minutos de antecedência, todos os alunos a chamam de Tia, e pedem a benção. O clima é agradável, todos conversam, os alunos vão chegando, caminhando ou com os pais de motocicleta.

A aula iniciou às 07h30min, na entrada é um alvoroço, alguns entram correndo direto para as salas, somente para despachar material escolar, e voltam correndo para o pátio, entre eles estão as crianças especiais da escola, todos conversam, correm, brincam. Alguns pais que acompanham seus filhos especiais entram nas salas, conversam com os demais sobre o dia anterior, e sobre o dever de casa, e assuntos corriqueiros do dia a dia.

A essa altura todos os professores já chegaram, uma professora prepara Xerox na diretoria e conversa com a diretora sobre a reunião de pais que farão na próxima semana, combinam alguns tópicos e ficam de repassar as demais professoras e lhes perguntar sua opinião.

A escola não tem campanha, os professores se encaminham para as salas e os alunos entendem que está na hora de entrar para assisti-la. Acompanho a



professora do 4º e 5º ano, ela espera na porta todos os alunos entrarem, dois insistem em ficar fora e ela ameaça fechar a porta, então eles se encaminham para a sala de aula. Dentro desta, a conversa é perceptível a distância, a professora fala: bom dia, e tem que repetir num tom de voz mais alto para que todos ouçam e respondam, logo manda todos sentarem, fazerem silêncio, aos poucos eles vão se arrumando nas cadeiras.

A professora me apresenta como observadora da sala aquele dia, e ressalva que todos os trabalhos serão cumpridos normalmente. A professora se vira para sua bolsa de material, e as crianças já estão começando a querer conversar novamente, quando ela me fala sobre as crianças especiais da sala. Conforme a professora a aluna M. D. está matriculada no 4º ano, tem 13 anos, mora com os pais no mesmo povoado, tem um irmão matriculado na mesma sala. Esta tem uma deficiência adquirida, nasceu normal, aos três anos ela contraiu uma doença chamada meningite aguda, quase veio a óbito, a consequência desta doença foi à surdez.

O corpo dela se desenvolveu corretamente, mas ela não fala, nem ouve. Frequenta a escola, não falta, porém não sabe ler, não acompanha nenhuma atividade, escreve poucas coisas do quadro de giz, repetem letras no caderno, pinta ou reproduz desenhos, como não pode ficar reprovada por conta da sua deficiência, ela é aprovada anualmente desde que começou a frequentar a escola. Ela não é acompanhada por nenhum médico especialista, os pais não têm condições financeiras, então ela cresce sem devido tratamento.

A professora relata ainda que sente muita dificuldade em trabalhar com ela, porque ela não fala, não sabe a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), porque ninguém na escola domina esse alfabeto, e nem possuem formação pedagógica específica, nesse sentido a aluna está integrada e não incluída no processo educativo. Os demais alunos, não falam com ela, ninguém a chama para brincar, senta sempre no mesmo lugar, próximo do seu irmão, na verdade uma aluna excluída embora esteja no ambiente escolar.

Sobre o irmão da aluna, está matriculado no 4º ano, mora com os pais tem distorção idade/série, pois não tem idade compatível com a série na qual está

matriculado, não conhece as letras do alfabeto, só repete letras escritas no caderno, mas fala, porém, não interage, é sempre calado, quieto, não brinca com as demais crianças, ele se comunica em uma linguagem específica com a irmã criada por eles próprios, de forma em que ela sabe o que ele disse, e ele diz o que ela quer. O problema dele parece ser especial, mas não tem nenhum documento comprovativo de sua deficiência.

A professora enquanto fala, percebo que está preocupada com minha presença, embora eu tenha dito que estou ali para observar e não para delatar. Nessa mesma sala tem outra aluna matriculada no 5º ano, tem a idade correta para a série, mora com a avó materna no mesmo povoado da escola, tem uma deficiência adquirida, em 2013 quando saía dessa mesma escola correndo portão a fora, não viu que um carro passava na rua, este passou por cima de seu pé direito, deixando imediatamente todos os ossos a mostra, havia muitas crianças fora da escola também, todas viram o acidente. Ela foi levada imediatamente ao hospital para atendimento de urgência e depois encaminhado para um hospital mais preparado para recebê-la, no mesmo dia foi operada para a reconstrução completa do pé, passou um mês e meio em tratamento e voltou para casa, mas caminha com dificuldade sem se afirmar direito e por isso é introvertida, não teve acompanhamento psicológico, nem fisioterapeuta.

Outro aluno, caçula de quatro irmãos tem diagnóstico de epilepsia crônica, não retém conhecimento, não consegue aprender, na hora de avaliá-lo, ele não sabe o que estudou está matriculada no 4º ano, mas passou três anos no 3º ano, então foi aprovado por não poder mais ficar reprovado, e este é o terceiro ano no 4º ano do Ensino Fundamental, mas não tem avanço, é querido por todos, conversa, brinca, joga bola, anda de bicicleta, mas na hora de ler não sabe nada. Quando era mais novo, tinha crises epiléticas, agora ele vive sobre efeito de medicação que controla sua doença.

A primeira atividade do dia é corrigir o dever de casa, poucos fizeram, alguns estão fazendo na sala, outros vem até a professora pedir ajuda, enquanto dois conversam distraidamente, percebo que há uma dispersão

muito grande relacionada a dever de casa. A professora, por sua vez, corrige todos, os que precisam de ensinamento, ela ensina, e dar por fim esta atividade.

Depois é a hora da leitura, seis crianças que leem fluentemente são as primeiras dentre eles, depois os que soletram a professora precisa dizer as letras, as sílabas e a palavra e eles só repetem.

Já está a poucos minutos do intervalo, porque essas duas atividades anteriores levam muito tempo, é um trabalho individualizado, aluno por aluno. Já começam a terceira atividade com o Cabeçalho da Escola, todos escrevem. A professora vai acompanhar a escrita dos alunos, o alinhamento, letras maiúsculas, principalmente, dos alunos com mais dificuldades. Chegam à hora do intervalo, todos saíram da sala, a professora fica organizando o material na mesa.

Alguns educadores consideram que a multisseriação é resultado da precariedade da Educação, mas especialistas como Rui Canário e pesquisas acadêmicas, como *Escola em meio rural: uma escola portadora de futuro?* na Universidade Federal de Santa Maria Santa Maria (UFSM), ressaltam os benefícios do trabalho nessas classes. Esses ambientes heterogêneos colaboram para a inovação pedagógica desde que não estejam associados às más condições de trabalho e à degradação dos prédios escolares. Além disso, estudantes de idades e saberes diferentes têm a oportunidade de aprender uns com os outros.

Para Amiguiño (2008) essas escolas multisseriadas são “portadoras de futuro” é mister entender que essas classes não são “anomalias” do sistema educacional, para assumir a compreensão de que a multisseriação trata-se de um modo de organização do ensino, implicando entendê-la numa lógica não-seriada. Essas classes multisseriadas, “[...] ao mesmo tempo em que podem ser vistas como algo fragmentado, são também coesas na sua forma particular de existir, pois esta coesão é uma característica das sociedades contemporâneas” (Pinho & Souza, 2012, p. 262).

O quarto dia de visita à escola Municipal Antônio Marreiro começou às 08h00min do dia 01/06/2017, foi o primeiro dia de aula após o planejamento referente ao mês de Junho, que havia acontecido numa escola vizinha. Quando cheguei à escola as crianças já estavam em sala de aula, e o pátio estava vazio, a gestora encontrava-se em uma das salas de aulas ajudando uma professora, fiquei a observar então o trabalho da cozinha.

A cozinha da escola é um ambiente pequeno, tem três compartimentos fechados, em um local armazena-se a merenda escolar, e no outro os materiais de limpeza, trabalham juntas uma auxiliar de serviços gerais, e uma cozinheira, ambas são efetivas do município de Santana. Preparavam uma merenda de arroz e frango. Logo a gestora veio a meu encontro e nos dirigimos à Secretaria da escola.

Neste dia havíamos combinado que eu veria os planejamentos das professoras das salas multisseriadas onde estão as crianças especiais, este planejamento havia sido em um dia anterior e seria aplicado em toda extensão do mês de Junho. Os planejamentos são padronizados, obedecem à mesma formação, sendo: Objetivo, Conteúdo, Metodologia, Recursos didáticos, e Avaliação.

Iniciei pelo planejamento da professora da Educação Infantil, são crianças de 3, 4 e 5 anos da pré-escola, este é interdisciplinar com Linguagem Oral e escrita, Matemática, Natureza e Sociedade e Artes Visuais. Os recursos usados pela professora são jogos, brinquedos, cantigas de roda, musiquinhas didáticas. Esses alunos não tem livro didático, então, a professora providencia suas atividades particulares, e segue o que acredita ser o nível de aprendizado das crianças.

O Planejamento da sala multisseriada do 1º, 2º e 3º ano, da professora, contratada, graduada pela Universidade Federal do Maranhão em Pedagogia, é um planejamento bastante contextualizado, é interdisciplinar, as disciplinas de Matemática e Ciências ficam juntas em um único planejamento, a gestora explica e me mostra que o livro didático da série é interdisciplinar, e exatamente essas duas disciplinas ficam juntas. O outro planejamento da

professora é de Português, História e Geografia, porque o livro também unifica estas disciplinas em sua composição. O terceiro livro é da disciplina de Artes e Cultura, também há um terceiro planejamento para essa disciplina.

No planejamento que se refere aos recursos utilizados, a professora faz referência a inúmeros jogos didáticos para complemento dos conteúdos disciplinares. Sobre a avaliação é usado o método sistemático de prova escrita, adicionado a comportamento, interação, participação nas atividades e resolução das mesmas.

A professora de 4º e 5º ano fez planejamento por disciplina, divididos na mesma composição de Objetivos, Conteúdos, Metodologia, Recursos e Avaliação, porém é organizada por cada disciplina. Esta professora faz referência a pouco material didático como recursos, e o sistema avaliativo é o mesmo.

Enquanto víamos os planejamentos, a gestora precisou sair da sala mais de cinco vezes para encaminhar alunos dispersos de volta às salas de aulas, sempre que deixava a sala falava com a professora e voltava para nossa conversa. Olhamos também a caderneta da professora de 4º e 5º ano que estava disponível na diretoria, esta cumpre os conteúdos programados no planejamento.

Já é hora do intervalo, 10 minutos antes, as funcionárias da cozinha estão contabilizando nas salas se estão presentes todos os alunos para que a distribuição da merenda escolar seja compatível com o número de alunos. Primeiro saem às crianças da Educação Infantil, em fila, cantando uma musiquinha que fala da necessidade de se alimentar bem, seguem para o lavatório de mãos, a gestora e a professora dividem-se entre quem ajuda a lavar a mão e distribuir a merenda, e ajudam a encontrar um lugar junto à parede para poder sentar-se e merendar quieto. A gestora relata que em nenhuma escola do município tem refeitório, e que esta por ser tão pequena tem mais dificuldade em um dia ganhar uma obra dessas.

Ao ampliar as discussões sobre as classes multisseriadas, Arroyo afirma que “[...] as escolas multisseriadas merecem outros olhares [...]” (2010, p. 10), já

que predominam imaginários extremamente negativos a serem desconstruídos.

Com as Diretrizes operacionais para a educação básica das escolas do campo (Brasil, 2002), observámos um movimento para mudar essa situação. A Resolução nº 2, de 28 de abril de 2008, o artigo 10, § 2º, preconiza que “As escolas multisseriadas, para atingirem o padrão de qualidade definido em nível nacional, necessitam de professores com formação pedagógica, inicial e continuada, instalações físicas e equipamentos adequados, materiais didáticos apropriados e supervisão pedagógica permanente”.

Em seguida é a turma do 1º, 2º e 3º ano, que também saem em fila, porém, não cantam e antes de chegar ao balcão da cozinha em que o lanche é servido a fila já está desfeita, pegam os pratos e se distribuem no pátio. A terceira turma sai em seguida, sem fila, todos juntos e alvoroçados, pegam os pratos e logo alguém derrama um pouco do lanche no chão, a gestora repreende o aluno e vai limpar a sujeira, os demais especiais se misturam com os coleguinhas. As professoras também lancham, sentam-se próximas e conversam sobre data comemorativa próxima, que é o Dia do Meio Ambiente, registrado no calendário escolar dia 05/06.

Logo todos terminam o lanche devolvem o prato, alguns alunos pedem para repetir o lanche, entre estes um especial, ele não fala com as funcionárias, só aponta para o prato e elas entendem que ele quer mais comida. Os alunos já começaram a brincar, uma corrida sem nexos aparentes, mas tentam pegar algum aluno que se afasta dos demais. As professoras decidiram que não comemoraram a data coletivamente, mas cada uma trabalhará nas suas salas de aulas com seus alunos de maneira formativa e recreativa.

Termina o horário do lanche que é de 15 minutos, as professoras se dirigem às salas, as crianças da educação infantil dão mais trabalho para retornarem às salas, precisa que a professora vá conduzi-los individualmente à sala de aula. A gestora foi resolver um problema com um aluno na sala do 4º

ano, alguém deixou cair o material escolar de um colega. As funcionárias da cozinha começam a limpeza do pátio da escola.

A gestora retorna, vamos à secretaria e ela me mostra os materiais recreativos que a escola possui, são jogos de programas escolares enviados pelo Ministério da Educação, jogos com o alfabeto, com as sílabas, com palavras, todos os níveis de alfabetização, alguns faltam peças, mas não inviabilizam o uso das mesmas no trabalho em sala de aula. Há também jogos de Ciências que ensinam a montar o corpo humano, a construir as fases da vida animal, os jogos de matemática trabalham as operações básicas, material dourado, jogos de dama, de xadrez, de dominó.

Material este guardado em armários na secretaria da escola, e uma parte acumulado em um dos banheiros interditados, e usado como depósito. Neste local também há livros usados para recortes de trabalhos em sala de aula, alguns livros de teóricos disciplinares nunca usados ou lidos, e revistas referentes a dicas de trabalho escolar ainda com a embalagem que chegou a escola. A gestora diz que ninguém procura para ler, nem mesmo como fonte de pesquisa.

Continuam a aparecer crianças soltas pelo pátio e a gestora os retorna às suas respectivas salas. A turma da Educação Infantil encerra seus trabalhos escolares às 10h45min, encerrei minha visita junto com estes e deixamos marcada a próxima data para observação na sala da professora de 1º, 2º e 3º ano.

Hoje foi a quinta vez que compareci na Escola Municipal Antônio Marreiro para observar o trabalho da escola com as crianças especiais. O registro da especialidade de cada criança encontra-se em poder da escola, no entanto, algumas crianças que não têm laudo médico comprovando sua deficiência, o motivo alegado pela família é sempre a dificuldade financeira, e como esta é uma região na zona rural, há 300 quilômetros da capital do estado, a cidade de São Luís, todos os motivos são alegados para o atraso na documentação, a saúde é precária, não há ajuda do governo para a resolução desses casos, e ainda mais por parte da família, falta o cuidado com o aprendizado, o

acompanhamento a escola, o simples entendimento do que é necessário para que a criança aprenda, fica comprometido. Os pais não frequentaram a escola, os pais destes também não, os filhos é que estão tendo um primeiro acesso a educação, mais devido o histórico dos pais, o trabalho da escola torna-se mais amplo.

Neste dia 08/06/2017 cheguei à escola antes de começar a aula, todos os alunos estavam fora da escola, e duas professoras já haviam chegado, as crianças ficam brincando uns com os outros, quando cheguei alguns se aproximaram para dizer, “Tia você veio de novo? Você vai para nossa sala?”.

Logo a gestora abriu o portão, porque na escola não tem porteiro, então a pessoa responsável por abrir a escola é a gestora, observei que as crianças estavam agitadas, correndo, falando, já chegavam as outras professoras e a gestora começava a direcionar os alunos as salas. As professoras conversam sobre o comportamento de alguns alunos.

Já na sala de aula, o foco é acompanhar a aluna com Deficiência Visual e o aluno com o mesmo problema sentam perto um do outro, mais próximos do quadro negro e mais perto da professora que os demais alunos, eles estão na mesma série, 2º ano do Ensino Fundamental.

A primeira atividade é correção do dever de casa, o caderno da aluna com Deficiência Visual é desorganizado, a capa frontal já foi arrancada, as linhas são um pouco apagadas para a necessidade de visão dela. A atividade de casa foi respondida, era transcrever uma leitura e ler. A atividade de leitura era ler esta atividade transcrita. Quando chega a vez dela ler, ela soletrou a sílaba com dificuldade, a professora auxiliou muito, os óculos ajudam a enxergar, mas atrapalha, ela fica inquieta, afinal de contas é uma criança usando uma lente com 8° (oito graus) de miopia em cada olho, ela é praticamente cega. Termina a leitura. É a vez de o aluno com deficiência visual também, mostrar a atividade, ele também fez o dever, a letra dele é mais organizada, mais alinhada que a colega, ele não usa óculos, durante a leitura ele também só soletra sílabas, mas é disperso, qualquer atividade de outro aluno ele se vira para ver, a professora é bastante rígida, chama a atenção dele várias vezes,



ele não consegue se concentrar, seus olhos são vermelhos, sempre vermelhos, às vezes mais forte, as vezes fraco.

A aula é de Matemática e História, a professora começa com Matemática, aula de centena, dezena e unidade, os alunos terão que reproduzir no caderno uma espécie de tabela onde preencheram com números equivalentes a centena, dezena e unidade. A aluna com deficiência visual fica dispersa enquanto a professora está voltada para o quadro, o aluno com o mesmo tipo de deficiência começa a rabiscar a tabela, mas um colega logo o distrai.

Quando a professora termina a escrita no quadro, vai direto a cadeira da aluna já citada, escreve a primeira linha da atividade e explica como esta deve continuar. Depois vai até o aluno citado e incentiva-o a continuar, passa ao lado dos demais para auxiliar um ou outro e volta para aluna citada, esta já está começando a entender, a professora incentiva, fala sério, e a aluna entende a necessidade da atividade. A professora fala o tempo todo, com todos os alunos, olha na direção dos alunos com deficiência visual, parecendo que tem consciência da responsabilidade assumida como professora com estes alunos.

Repentinamente a aluna com deficiência visual começa a chorar com as mãos na cabeça, diz que dói muito. Ela não para de chorar, e os alunos param a atividade, a professora vai a diretoria e volta com a gestora, que fica na sala e a professora sai. Na casa vizinha da escola mora uma tia da aluna, que pede para levá-la a sua casa, todos concordam e a aluna sai da sala ainda chorando.

Os alunos ficam inquietos, agitados, aos poucos se controlam e voltam à atenção para a atividade, a professora tem ar de preocupação e nervosismo, a essa altura a maioria concluiu a tabela, a professora pega o caderno do aluno com deficiência visual e começa a fazer por ele, e explica que já está quase na hora do intervalo e eles ainda estão na primeira atividade, diz também que isso acontece rotineiramente. Enquanto escreve e conversa comigo, o aluno se levanta e vai conversar com os colegas, ele parece não se importar com o que a professora fala.

Na sala, as crianças de 1º e 2º ano tem o mesmo nível de aprendizado, tem crianças que sabem ler e escrever, mas a maioria não sabe, é um trabalho de alfabetização e letramento que demanda tempo e sensibilidade.

Chega a hora do lanche, chocolate com biscoito. No lanche todas as crianças falam sobre o ocorrido com a colega que foi embora, as crianças vizinhas a elas dizem que a dor de cabeça é normal. Logo passam a tratar de outros assuntos. A atividade seguinte era História, precisavam utilizar o livro didático, todos os alunos têm livro, a professora os localiza na página, e ela começa a ler, é um conteúdo sobre moradia, logo todos falam sobre suas próprias casas, o assunto se generaliza e a professora controla os mais agitados, o aluno com deficiência visual também interage. Então o dever para casa é sobre esse assunto, as crianças irão reproduzir suas próprias moradias, a professora marca no livro de cada um a página da atividade.

A discussão sobre o assunto da aula de História demora um tempo, então antes de ir pra casa cada aluno escreve seu próprio nome no quadro, a professora ainda precisa auxiliar aqueles que não sabem o sobrenome correto.

A mãe da aluna com dor de cabeça chega para buscar o irmão dela que estuda na mesma sala, e fala com a professora que já soube do que aconteceu, e a tranquiliza dizendo que sempre acontece em casa. Porém, está preocupada com o estado de saúde da filha, não vê resultado em usar apenas óculos, precisa corrigir o problema visual com cirurgia, mas a família é humilde e não tem condições de pagar por um atendimento particular. Logo chegam os demais pais e um a um os alunos vão saindo da sala, se despedem com abraços, e votos de cuidado à professora, todos saem às 11h30min, e encerro mais um dia de visita.

Dia 21/06/2017, às 07h45min, cheguei a Escola Municipal Antônio Marreiro para mais um dia de visita, desta vez direcionada ao acompanhamento da criança matriculada no 4º ano do Ensino Fundamental e seu irmão. Quando cheguei à escola todos os alunos já estavam no pátio brincando, a esta altura já haviam sido contratadas duas auxiliares de sala,

uma para cada turma do fundamental. Essas professoras já estavam na escola quando cheguei. Alguns alunos conversavam sobre o feriado prolongado que havia começado dia 16/06, na sexta-feira passada, e só haviam retornado pra escola hoje. As professoras também conversavam sobre o feriado, haviam emendado o aniversário da cidade comemorando os 21 anos de emancipação política, com o Decreto Municipal de ponto facultativo após as festividades. Um ótimo descanso, segundo elas. Mas as crianças estavam agitadas. Conversavam, brincavam, abraçavam as professoras com saudades das aulas.

Logo se dirigiram as salas de aulas, as professoras do 4º e 5º ano convidam os alunos a entrarem para a sala, os irmãos (menina com deficiência visual e seu irmão) já estavam dentro da sala, os demais se sentam e a professora se dirige carinhosamente a todos, cumprimenta-os falando seus nomes e questionando ou admirando algo diferente em cada aluno, quando se dirige a aluna que teve meningite, elogia seu cabelo arrumado e cheiroso, ela retribui com um sorriso, aparentemente, ela entendeu o comentário da professora.

Quando pergunto sobre o diagnóstico dela a professora só sabe o que foi contado a ela por terceiros, ela não reside no povoado da escola, diz-me que a menina nasceu normal, com três anos contraiu meningite, quase morreu, ficou em estado crítico, teve um tratamento básico somente para lhe salvar a vida, mas a doença causou-lhe a perda da voz e da audição. Após a doença ela não teve tratamento nenhum, então se tinha chance desses problemas retrocederem já passou hoje tem quinze anos.

Seu irmão é mais novo que ela, mas começou a frequentar a escola com sete anos, não passou pela alfabetização da pré-escola, foi matriculado direto no 1º ano por conta da idade, e nos anos seguintes foi aprovado pelo sistema educacional, ficaram três anos repetentes no 3º ano, não tem diagnóstico médico, mas não consegue avançar no aprendizado, segundo a professora ele chegou esse ano sem saber nem as letras do alfabeto, já avançou, mas não em nível de 4º ano, ele é introspectivo, não interage com os colegas, nem interage nas aulas, é sempre quieto, calado, não responde nada na sala de

aula. A professora não sabe contar como é a relação familiar deles, os pais raramente vão à escola, quase nunca, nem as reuniões de Pais e Mestres.

Esses relatos sobre as crianças tomaram muito tempo, a professora se apressou em iniciar a aula, começou com a correção do dever de casa, poucos responderam a atividade, a professora auxiliar já havia iniciado essa tarefa com os alunos especiais. A atividade seguinte é de leitura, os alunos considerados normais conseguem ler historinhas pequenas, para os especiais a leitura é diferenciada.

Após esta atividade a tarefa é tabuada de multiplicação, como há muita diversidade de níveis de aprendizado na sala da professora, esta atividade só é direcionada para os alunos mais ativos, os demais fazem atividade diferenciada.

Quando chega a hora do intervalo as demais professoras já estão todas no pátio da escola, conversam sobre o prolongado feriado municipal, nesse dia o recreio está mais agitado que os outros dias, as crianças comemoravam, estavam vendo os colegas das outras salas. Pareceu-nos que as crianças sentiam a falta da escola e das aulas, mesmo que tenham pouco rendimento do trabalho realizado, estão socializando-se.

Cheguei para a sétima visita a Escola no dia 25/06/2017, às 7h30min, os alunos já estavam entrando na escola Antônio Marreiro acompanhado de seus respectivos professores, a Gestora da escola, e alguns pais, a maioria deles tem os filhos na Educação Infantil. Logo na entrada todos falavam sobre a possibilidade de produzirem um arraial apenas com os alunos da escola, no calendário escolar anual da Secretaria Municipal de Educação as aulas do primeiro semestre só findariam dia 14/07/2017, então havia ainda três semanas de aulas. Os pais ficaram de decidir se os filhos participariam, a diretora alegava que faltava pouco tempo para os ensaios, mas que as atividades culturais da escola serviam exclusivamente para os alunos, para seu crescimento social. O argumento pareceu convencer os pais.

As crianças estavam agitadas por conta do início dos ensaios, demoraram entrar nas salas, as professoras combinavam sobre tipo de roupa, e os lanches

que seriam servidos, após 15 minutos as crianças já estavam bastante agitadas no pátio da escola, então as professoras combinaram de acertar os detalhes no horário do intervalo.

Nesta visita o foco foi acompanhar o desenvolvimento escolar do aluno diagnosticado com um tipo de Epilepsia, matriculado no 4º ano do Ensino Fundamental. Logo na entrada para a sala de aula a professora precisa falar em tom de voz mais alto para que as crianças entendessem que a brincadeira havia terminado, era hora de estudar. O aluno mora no povoado da escola com os pais e mais quatro irmãos, é o caçulo da família, nasceu com problemas, tinha crises epiléticas, convulsivas e sempre foi tratado como doente, mas não teve acompanhamento médico desde criança. É repetente desde o 3º ano, passou três anos nesta série, e este é o terceiro ano no 4º do ensino fundamental. Ele não consegue acompanhar o ritmo das crianças, copia as atividades do quadro negro no caderno, mas não sabe ler, não tem conhecimento para o ano matriculado, aparentemente ele não assimila conhecimento, estuda os conteúdos, mas não aprende. É um rapazinho, já tem 15 anos.

A professora pede o caderno dele para que vejamos a organização das letras na linha, na folha, caligrafia excelente, tudo organizado, muito bem escrito. Quando a professora pergunta pelo dever de casa ele sorri, disfarça e diz que não teve tempo para responder, volta para sua cadeira. Confidencia-me a professora que ele é ótima pessoa, gentil, educado, não briga com os demais, como é grande tanto em tamanho como em idade, sempre a ajuda a controlar a turma, mas o aprendizado é severamente comprometido.

Retornando a turma a professora pergunta pelo dever de casa aos alunos, as falas divergem entre quem respondeu e os que não conseguiram e tinham uma desculpa. As professoras, a titular e a auxiliar de sala corrigem os deveres de todos nas cadeiras, ajudam quem não havia feito resolvido a tarefa que era assunto de ciência sobre as partes da planta. A correção da atividade demora muito tempo, mesmo dividindo a correção dos deveres, a turma tem quinze alunos.

A atividade seguinte é sobre História, todos os alunos tem livros didáticos, as professoras ajudam os alunos a encontrarem a página referente ao assunto, quando a professora inicia a leitura do texto sobre a formação da família, alguns alunos estão conversando. Quando ela para de ler eles percebem o incomodo param de conversar também. A professora reinicia a leitura e durante o assunto os alunos interagem, contam como são suas famílias, a professora norteia o assunto.

Neste exercício em uma das questões os alunos teriam que descrever os componentes que formam suas famílias, na outra teriam que descrever como é sua casa, estrutura física, e na última questão teriam que reproduzir sua casa, desenha-la, para essa última tarefa teria uma folha chamex para que a reprodução pudesse ficar exposta no mural da sala de aula.

As professoras empenham-se no processo dos alunos de entender e conseguir resolver as questões, alguns querem iniciar com a atividade do desenho, mas as professoras explicam que a sequência das respostas facilitará a reprodução do desenho. Um dos alunos já queria fazer o desenho, mas a professora o retornou para a questão da composição da família, ele sabe dizer quem são seus pais, seus nomes e de seus irmãos, mas não sabe escreve-los. Com o auxílio da professora ele escreve os nomes, na segunda questão que é a descrição da casa a professora o auxilia mais ainda, porque ele deve descrever com frases, um processo mais complexo, enquanto a professora se afasta por um tempo ele compõe as frases com palavras incompletas, tais frases tem sentido lógico, mas a escrita está incorreta.

Chega o horário do lanche, achocolatado com biscoito. As professoras já conversam sobre o arraial, sobre lanche, roupa, local apropriado, são muitas ideias e pouco consenso, a diretora me conta que a criança foco da observação, não tem tratamento apropriado, os pais não dão tanta importância quanto deveria para a doença, a escola que até ano passado era sob outra gestão não conseguia inclui-lo, ele sempre foi aprovado ano após ano sem conseguir aprender. A essa altura as professoras decidiram onde

seria o local do arraial, numa área dentro do espaço escolar, sem cobertura, que precisava ainda ser limpa.

Todos retornam para as salas, a professora corrige as frases erradas de um dos alunos e ele passa a desenhar sua família, um pai baixo, uma mão baixa gordinha, duas irmãs iguais, e dois irmãos iguais também. Pinta-os, a professora elogia muito, os demais colegas também, ele expõe seu trabalho no mural da sala, orgulhoso do seu trabalho. Enquanto as professoras encerram a atividade com as demais crianças ele puxa papo com os amigos de perto de sua cadeira, falam sobre irem tomar banho no rio depois da escola e do almoço, de bicicleta. Saí da escola às 10h30min, antes de encerrar a aula da turma.

Quando cheguei à escola nesse oitavo dia de visita todos já estavam nas salas de aula, dia 06/07/2017, às 08h00min, já no mês de férias, porém como o Informativo Escolar 2017 orientava que acontecesse duas semanas de aulas em julho para assim cumprir o exigido na Lei de Diretrizes e Bases sendo o mínimo 200 dias letivos e 800 horas aulas. Esta visita foi direcionada ao acompanhamento de uma aluna matriculada no 5º ano do Ensino Fundamental, esta tem uma deficiência física adquirida em 2013.

Quando chego a sala de aula, as professoras da turma multisseriada de 4º e 5º ano com cinco crianças especiais, já haviam iniciado a correção das atividades de casa. Direciono a atenção à aluna especial que já teve a tarefa corrigida, e conversa com uma colega a frente. Ela é uma menina linda, grande, sorridente, sempre a disposição para conversa. Mostra-me o caderno, letras caligrafadas, muito organizado em disciplinas.

A professora conta que a deficiência não atrapalha o aprendizado, ela aprende bem, acompanha a turma, sabe ler e escrever corretamente participa da aula, das atividades. Ao caminhar ela puxa pela perna, caminha com certa dificuldade, mas está sempre disposta a participar de tudo, brinca com as colegas, corre, e até arrisca jogar bola.

Já é hora de fazer a próxima atividade de Português, terão que interpretar um texto escrito num papel chamex distribuída uma cópia para cada, na folha

ainda tem desenhos que instigam a encontrar o sentido da interpretação. Poucos alunos parecem saber o que deve ser feito, Lili (codinome) é uma delas, logo escreve o título do texto no caderno e observam bem os desenhos, as colegas pedem ajuda para alguma palavra ou frase, e a deixa um pouco atrasada, as professoras estão acompanhando os demais, contam que como ela sempre sabe o que deve ser respondido só é chamado para confirmar a linha de interpretação do texto.

As demais crianças demoram a concluir a tarefa, o trabalho com as figuras não ajuda muito, o texto é longo e o trabalho devagar, Lili já conversa com as colegas que ajudou a concluir a atividade. A professora corrige as tarefas no caderno do grupinho e estão corretas, salvo erros de caligrafia.

Quando todos concluem a atividade dizem estar cansados para a professora, ela faz graça para a turma, todos riem, e esperam sentada, a hora do intervalo, com a professora contando histórias engraçadas, faltam pouco menos de 10 minutos. As crianças parecem apreciar bastante o tempo recreativo. Quando é hora de sair para o lanche a professora sugere-me que ouça a história de Liliane pela Diretora da escola, pois na época do acidente sua professora era ela.

No intervalo todos estão agitados, após o lanche eles iram fazer os ensaios para o arraial da escola, que será dali a poucos dias. Lili lancha rodeada de meninas, sorriem, falam das roupas que usaram nas apresentações, e passos que farão nas danças.

A gestora diz que conversara comigo após o lanche porque depois do intervalo os alunos ainda iram na sala para receberem o dever de casa. As professoras falam sobre assuntos diversos, relacionados ao arraial, fazem uma lista de compras do lanche que será servido para a comunidade e para os alunos. O tempo passa rápido entre tantos detalhes. Quando as crianças retornam para as salas, vamos a diretoria para o relato do acidente de Liliane, a diretora parece ficar emocionada só por ter que falar no assunto novamente.



Na época do acidente, no ano de 2013, a gestora trabalhava como professora na escola, Lili estudava na sua turma, ela é filha de pais separados, por isso mora com a avó materna. Sua casa fica no povoado, mas é longe da escola, ela vinha caminhando para a escola, vez ou outra chegava de motocicleta, no dia do acidente a aula já havia terminado, todos os alunos saíram da sala, alguns para fora da escola, Lili foi uma delas, quando saiu portão a fora não viu o carro que já estava perto demais, o pneu dianteiro esquerdo parou em cima do pé direito dela e deu ré para sair de cima, um grito tirou a professora da sala que organizava os últimos detalhes antes de sair, quando avistou a criança no chão o pé já estava coberto e as demais choravam muito. O mesmo carro do acidente as levou, professora e aluna, ao hospital, que fica a 33 quilômetros do povoado. Os primeiros socorros foram para retirar a areia e reorganizar os ossos e a pele de forma que nada fosse perdido, foi imobilizado e seguiu para outro hospital onde seria possível fazer o processo cirúrgico, este ficava a 345 quilômetros. A viagem durou 5 horas, e ela foi encaminhada a cirurgia, a princípio para a retirada do pé. Por bênçãos de Deus, o pé voltou da primeira cirurgia, ainda passou por mais três cirurgias e 60 dias internada. A professora a acompanhou por 25 dias durante o tratamento hospitalar.

Ampliando essa discussão, Leite (1999), nos chamava a atenção sobre as condições das escolas rurais no Brasil, principalmente quando se trata das escolas multisseriadas e das condições de trabalho docente, em face de precariedade e invisibilidade que são vividas pelos docentes.

Os procedimentos pelos quais o professor realiza seu trabalho são, segundo Marchesi & Martín (2003), muitos variados. Segundo esses autores “[...] incluem-se nesse item o espaço da escola, o número de alunos na sala de aula, a existência de materiais didáticos, etc”. Hage (2010, p. 27), afirma que o processo de ensino-aprendizagem

[...] é prejudicado pela precariedade da estrutura física das escolas multisseriadas [...], verificam-se dificuldades enfrentadas pelos professores e estudantes em relação ao transporte escolar e às longas distâncias percorridas

para chegar à escola [...], no que tange à formação dos professores, falta de material didático-pedagógico, entre outras [...] (Hage, et. al., 2010, p. 27).

Ampliando essa discussão Leite (1999), nos chamava a atenção sobre as condições das escolas rurais no Brasil, principalmente quando se trata das escolas multisseriadas e das condições de trabalho docente, em face de precariedade e invisibilidade que são vividas pelos docentes. Os meios segundo os quais o professor realiza seu trabalho são para Marchesi&Martín (2003), muitos variados. Segundo esses autores “[...] incluem-se nesse item o espaço da escola, o número de alunos na sala de aula, a existência de materiais didáticos”.

Em relação à aluna acidentada, quando voltou para casa precisava de tratamento fisioterapêutico, porém não teve, então a medida que o ferimento sarava foi ficando deformado, a pele não sarou corretamente, ela não firma o pé no chão, usa-o de lado. Passaram os três meses que faltavam para encerrar o ano letivo em casa, e a escola a aprovou. Atualmente é uma criança deficiente, ao caminhar nota-se a deficiência, mas não atrapalha o aprendizado, é uma aluna excepcional. A diretora emociona-se várias vezes ao relatar a história dela.

A esta altura todas as turmas da escola estavam ensaiando para o arraial, então saímos para ajudar. Seriam três apresentações: uma quadrilha, uma dança *country* e uma dança infantil. Todas as turmas se produziram para as danças. Havia ainda detalhes para serem organizados, e todos falavam ao mesmo tempo. Lili dançava na quadrilha junina, uma das primeiras da fila, sempre sorrindo. Os ensaios encerraram às 11h15min, e encerrei mais um dia de visita.

No oitavo dia de visita aconteceu o Arraial da Escola, como havia sido agendado na última visita cheguei à Escola às 16h00min do dia 14/07/2017, já tinham muitos pais, e pessoas da comunidade, o pátio fora da área coberta da escola estava toda ornamentada com bandeirinhas, hastes de palhas verdes, uma mesa com várias cadeiras para convidados especiais, muitas cadeiras ao redor para que todos se sentassem.

Já na entrada da escola várias alunas já vestida a caráter de suas danças deram-me boas-vindas, e seguiram para rodas de conversas, toda a escola estava alvoroçada, a diretora me recebeu rapidamente com um abraço e seguiu retocando a trança das meninas, as professoras cuidavam dos últimos detalhes, as auxiliares da cozinha preparavam os detalhes finais do lanche.

Este Arraial era o primeiro realizado dentro da escola, com grande amplitude, a gestora passada era religiosa, por isso não permitia a atividade cultural. Estavam todos animados, muitas mães com filhos de colo.

As apresentações começaram com meia hora de atraso, formaram a mesa de convidados, e a primeira apresentação foi da turma da Educação Infantil, todos os alunos participaram, dançavam e coreografavam uma musiquinha infantil, ao final todos aplaudiram.

A segunda apresentação foi uma Dança *Country*, com meninos e meninas, muito bem coreografadas. A terceira apresentação foi a Quadrilha Junina, com a maioria dos alunos da escola. Surpreendente a inclusão das crianças especiais na atração, os pais aplaudiam e dançavam no ritmo da música, durante a apresentação os movimentos mais complicados eram acompanhados de perto pelas professoras.

Ao final das apresentações foi servido o lanche para todos que estavam na escola, despediram-se e saíram rindo e comentando sobre as apresentações, começava o processo de férias, restrito a 15 dias, professoras e alunos se despediam desejando boas férias uns aos outros. A escola ficou com muita sujeira acumulada, o corpo docente providenciou a limpeza rapidamente, todos juntos. Encerraram as tarefas já ao anoitecer, e encerrei mais um dia de visita.

Cheguei a Escola às 7h20min, do dia 25/08/2017, havia poucos alunos, aguardamos fora da escola para que os demais chegassem, as aulas do segundo semestre já havia começando a duas semanas, não falavam mais em férias.

A visita foi decidida na sala da diretoria, não havia ficado combinado do semestre passado, a diretora não estava na escola, nem a professora titular

do 4º e 5º ano, então a professora de 1º, 2º e 3º ano manifestou interesse que eu fosse observar sua sala.

Quando chegamos à sala os alunos estavam em volta de uma cadeira, rodeando um aluno, a professora cumprimenta-os e eles sentam-se, ela faz uma rápida apresentação sobre meu trabalho, e todos recordam das visitas do semestre passado, indica uma cadeira onde posso sentar-me. Para começar a aula, a professora pergunta sobre o dever de casa, diz que corrigirão depois, alguns alunos contam histórias curtas, somente para distração, dois alunos chegam nesse instante, a professora novamente cumprimenta-os, e eles se sentam.

O conteúdo do dia era a letra “C”, a professora cópia no quadro a família silábica, dividindo as sílabas por sons, chama o primeiro aluno para ler todas as sílabas sem ajuda da professora, e assim segue a leitura das demais, muitas crianças tem dificuldade, a letra no quadro é bastante grande, fácil de visualização, uma das alunas tem dificuldade, havia passado a leitura toda desatenta, mas enxerga bem as letras no quadro, a professora a auxilia, logo que termina ela pede uma segunda vez para ir ao banheiro e a professora permite.

Nesse momento chega à janela da sala uma vizinha a escola com uma doença chamada Catapora, a principal característica são carocinhos que surgem por todo o corpo, nessa pessoa na janela havia tantos desses carocinhos que todos os alunos foram vê-la através da janela, segundo eles ela estava irreconhecível, as crianças ficaram impressionadas.

Quando a pessoa saiu eles continuaram falando muito tempo sobre o assunto. As crianças são muito carinhosas com a professora, abraçam-na, a professora faz leitura com outro aluno, de repente se dá conta que falta uma aluna na sala, sai a sua procura e a encontra na cantina conversando. Chegaram à hora do intervalo, as crianças saem em fila. Preciso sair neste horário, despeço-me da professora e dos alunos e saio às 9h30min.

A despeito do que estabelece a legislação, apreendemos que as condições de trabalho docente são marcadas por distâncias entre o que a realidade

revela e o que a legislação educacional assegura, visto que aspectos das condições de trabalho, tais como: formação, instalações físicas e equipamentos, materiais didáticos e supervisão pedagógica são precários e/ou inexistentes em muitas escolas rurais multisseriadas.

Quando me aproximava da escola chegava também uma das professoras da escola, a gestora e uma mãe que gostaria de fazer uma reclamação, dando-lhe a palavra, a Senhora Mãe falou sobre a dificuldade em ter que vir buscar seus dois filhos em horários distintos na escola, a criança que sai primeiro da escola frequenta a Educação Infantil, saindo às 10h30min, a segunda criança frequenta o ensino fundamental, saindo às 11h30min. A gestora então explicou que são os horários determinados pela SEMED, e quando a mãe tiver dificuldade para vir em horários distintos, que converse com os professores para que liberem as duas crianças em horários iguais.

Durante a conversa chegaram os demais alunos e as professoras, a última chegou exatamente às 7h30min, saudou a todos com bom dia e foram diretos para a sala de aula, os alunos a acompanharam. Ao chegar à sala a professora apresentou rapidamente meu trabalho aos alunos, para que lembrassem novamente como seria feita a observação das visitas, sentei-me ao lado.

A observação é voltada para a aluna diagnosticada com Autismo, esta criança apresenta histórico de brigas, violência contra professoras, palavras de baixo escalão, xingamentos. Já morou fora do município por alguns anos, a família não aceita o diagnóstico, acredita que ela é rotulada de forma equivocada. Ainda segundo a professora, as histórias sobre a vida escolar dela eram aterrorizantes. Ela faz uso de medicamentos controlados de alto grau, não afetou seu crescimento, ela é grande, e forte.

Quando a professora pergunta pelo dever de casa, ela diz que não fez, porque não teve tempo, estava sentada ao fundo da sala acompanhada da professora auxiliar, levanta-se com o caderno na mão e ocupa uma cadeira vazia próxima à professora titular, começa a conversar, contando histórias variadas. A professora auxiliar chama-a de volta, ela reluta, mais volta, vai até

meia distância e joga o caderno na mesa da professora. Nenhuma das duas professoras diz nada a respeito. A professora titular, doravante denominada professora 1, está escrevendo no caderno de outras duas crianças especiais da sala, um dever e as demais crianças estão lendo historinhas para apresentarem na sala nos instantes seguintes.

A esta altura a aluna com autismo está contando que agrediu fisicamente duas crianças no dia anterior, quando a professora pergunta por que, ela simplesmente diz que não gosta delas. Vai iniciar a leitura com a turma, então a professora 1 diz a ela que vá sentar com a professora auxiliar, doravante denominada professora 2.

Começa a leitura com as crianças, a exigência da professora 1 é que as crianças leiam em voz alta e em pé, são escolhidas pelo número de frequência escolar. As três primeiras leem bem, durante uma leitura a aluna autista fala com a professora, chamando-lhe a ver algo, pede para sair, a professora 1 permite, ela sai da sala e as crianças seguintes começam a leitura.

A professora 2 sai da sala a sua procura, volta e diz que ela não está no pátio, e entra para a sala, continua a leitura, passam-se 10 minutos e Jeane retorna. Quando é chamada para fazer o dever no caderno pela professora 2, ela diz que não trouxe lápis, quando é olhado na sua bolsa, realmente não há lápis.

A professora 1 auxilia mais duas crianças especiais na sala a lerem, elas só conseguem repetir o que a professora 1 fala silabicamente. A aluna com autismo interrompe pedindo para sair novamente, leva o caderno junto, a professora permite. Ela sai, deixa a porta da sala completamente aberta, dessa vez vou observar até onde ela vai. Ao procurá-la na secretaria da escola, ela está sentada com a Supervisora pedagógica da escola fazendo a atividade escrita pela professora 2.

A atividade refere-se a letras do alfabeto, a aluna com autismo terá que repetir na linha várias vezes a mesma letra, ela começa a fazer o dever, a supervisora me fala sobre acreditar está errado aquele tipo de atividade, mas não faz referência a uma possível correção, faz a atividade conversa com

outros alunos com deficiência na escola, a professora titular reclama da falta de acompanhamento das famílias, o que dificulta a parceria no trabalho.

Voltamos para a sala, a aluna autista pinta um desenho e vem me mostrar, pergunta de que cor deve pintar o chapéu do homem no desenho, falo uma cor e ela volta para procurar. As crianças da sala já estão em outra atividade no quadro.

Chega o horário do intervalo, todos saem desordenados e as professoras sentam-se na diretoria, e as crianças lancham no pátio da escola, a aluna autista está sempre perto da professora 1, abraça-a, beija-a, não sai de perto.

Na volta para sala de aula as crianças já estão mais dispersas, conversam muito, riem, a professora 1 pede a todos que sentem, relutam, quando pede novamente e ai eles obedecem, a criança especial coloca todo seu material na mochila, quando a professora 2 pede seu caderno novamente ela diz que não fará mais nada. Puxa assunto com uma aluna, ou outro, levanta-se, pede para sair da sala. As crianças já estão na atividade de outra disciplina, onde exige reflexão, eles precisam participar, mas o interesse parece pouco. As crianças terão que escrever numa folha a parte a reflexão do texto, a professora 2 entrega para cada criança uma folha, na folha ela rapidamente faz um risco de lápis e a joga no chão. A professora 2 pega a folha, fala com ela sobre respeito, e apaga o borrão, incentiva-a a fazer um desenho bem bonito.

As crianças começam a fazer seus deveres, as professoras sentam-se próximo de um ou outro para ajudar, a aluna autista pede várias vezes em seguida para sair da sala. Faz graça para as crianças da sala e todos riem. A visita terminou as 11h00min. Encerro aqui os relatos sobre a escola Antônio Marreiro, onde ensinar para além e ser um ofício é uma saga.

A despeito do que estabelece a legislação, apreendemos que as condições de trabalho docente são marcadas por distâncias entre o que a realidade revela e o que a legislação educacional assegura, visto que aspectos das condições de trabalho, tais como: formação, instalações físicas e equipamentos, materiais didáticos e supervisão pedagógica são precários e/ou inexistentes em muitas escolas rurais multisseriadas.





## CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Podemos ver que, apesar de ainda não poder ser considerado o quadro ideal de educação, o lugar que investigamos tem todas as características de uma escola de qualquer outro lugar no meio educacional brasileiro.

No entanto, políticas públicas ali se fazem necessárias, para garantir adoção de recursos financeiros, assim como diretrizes pedagógicas específicas que contemplem a oferta da educação para crianças e jovens em idade escolar e com NEE em todas as modalidades de ensino.

Se por um lado, como vimos, a escola multisseriada possui uma herança de discriminação, sendo tratada pelo poder público “por meio de política de caráter compensatório, através de programas, projetos e campanhas emergenciais, de forma descontinuada” (Toledo, 2005, p. 125), por outro lado, são nítidas as conquistas adquiridas nesse espaço educativo.

As escolas, apesar de ainda apresentarem problemas na sua estrutura física, estão reformadas, os materiais didático-pedagógicos, ainda continuam escassos, principalmente no que diz respeito à educação infantil e a inclusão de alunos com NEE.

Os professores já não desempenham as funções de professores especificamente, pois antes faziam de tudo na escola rural. O apoio pedagógico também melhorou como reconhecem os professores, mas ainda não se consegue atender de forma eficiente a todos eles, principalmente os que se encontram em localidades mais isoladas e que são os que mais precisam. A formação docente é outro ponto que merece ser destacado. O professor leigo era muito comum nas salas multisseriadas, que contavam com professores, na maioria das vezes, oriundos dessa modalidade de ensino, tendo, portanto, a formação restrita ao 5º ano do ensino fundamental. Atualmente, esses professores são raros.

A multisseriação não é tida pelos professores como uma grande dificuldade. Há queixas de não existir uma formação específica para atuar nessa realidade, sendo difícil o trabalho, sobretudo, no começo, mas com a prática os professores vão aprendendo. A administração do tempo que deve ser dividido entre as séries, e a interdisciplinaridade são os fatores que apresentam mais dificuldade, segundo os professores.

Mediante nosso objetivo Geral que é - Conhecer as práticas de gestão e as formas de inclusão presentes na escola multisseriada do povoado Santana no do Maranhão, podemos dizer que foi possível com a investigação e principalmente com o instrumento observação, alcançá-lo, na medida em que, ficou claro para nós que as práticas de gestão nessa escola, são orientadas pelos documentos oficiais mediante a mediação feita da SEMED com a escola multisseriada investigada. Conforme afirma Cury (2002),

A gestão democrática da educação é, ao mesmo tempo, transparência e impessoalidade, autonomia e participação, liderança e trabalho coletivo, representatividade e competência [...]. Voltada para um processo de decisão baseado na participação e na deliberação pública, a gestão democrática expressa um anseio de crescimentos dos indivíduos como cidadãos e do crescimento da sociedade enquanto sociedade democrática [...]. Por isso a gestão democrática é a gestão de uma administração concreta. [...] Por que o concreto [...] é o que nasce com e que cresce com o outro. Esse caráter genitor é o horizonte de uma nova cidadania em nosso país, em nossos sistemas e em nossas escolas [...] (Cury, 2002. p.173).

Tomando por base essa citação do Cury (2002) observamos que a gestora da escola investigada tem uma participação ativa na rotina da escola é a primeira a chegar com as chaves que abrem as portas da escola, até porque a escola não tem agente administrativo que assuma essa função, tem autonomia relativa ou como nos fala Barroso (2004) uma autonomia regulada pela SEMED, visto nem tudo que ocorre na escola pode ser intermediado por ela, mas sua gestão pode ser vista como transparente e impessoal, não vimos nesses dias de permanência na escola, um tratamento diferenciado com os professores ou os alunos, todos foram tratados em igualdade de condição, no

entanto percebemos por vezes, certo autoritarismo, centralização de determinadas decisões no âmbito da gestão escolar, talvez resquício de uma forma de dirigir uma instituição num paradigma já superado.

No que respeita à perspectiva da inclusão escolar, nessa escola os alunos estão relativamente incluídos conforme nos orientam Booth&Ainscow (2011) na medida em que podemos cartografar nessa investigação movimentos e práticas de gestão inclusivas, mas também novas possibilidades de ação com propostas inclusivas, que, nas palavras de Ainscow(2009, p. 21), é “[...] um processo de transformação de valores em ação, resultando em práticas e serviços educacionais, em sistemas e estruturas que incorporam [...] valores comprometidos como desenvolvimento humano”.

Quanto aos objetivos específicos procuramos identificar as características conjunturais da escola multisseriada existente em nosso município e foi possível perceber tais características já referidas no momento da análise e discussão dos resultados, características essas que não são diferentes de outras escolas rurais e multisseriadas em outro contexto do país.

Em relação à caracterização dos alunos que frequentam a escola podemos dizer que são crianças oriundas de classes economicamente baixas, de famílias camponesas identificadas como portadoras de necessidades educativas especiais, patologias como a “deficiência intelectual” é a mais presente nessa região, com “deficiência auditiva”, “surdo-cegueira”, “deficiência física” autismo, dentre outras, mas é importante perceber o fato de que eles estão frequentando a escola e seus professores trabalham, de forma por vezes, aleatória, mas na perspectiva da inclusão, oportunizando a todos um futuro mais promissor.

Por fim, acreditamos, conforme Santos (2007, p.13), que, “quando a ação localé visibilizada, faz sua existência” nesse sentido a escola investigada quando visibilizada por nós demonstrou sua existência e sua função social. Há que se valorizar, dialogar, trocar, contagiar-se com o agir do campo.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Município de Santana do Maranhão... Povoado Cabeceira do Magú... Uma escolinha na sala de casa para ensinar aos netos do meu avô, que escola é essa que se transformou numa escola municipal multisseriada? Dessa palavra meu avô não entendia, ou melhor, não conhecia. Quanto mais o significado dela. Escola Multisseriada, escola que se propõe oferecer à comunidade, dentro de suas possibilidades, o ensino fundamental, porque essa é uma etapa da educação básica garantida em lei federal a todas as crianças em idade escolar.

Classe multisseriada... Uma sala de aula... Muitas crianças e uma professora, alunos de diferentes idades e níveis educativos, nos quais estão cerca de 60% dos estudantes residentes no campo. No Brasil, são 75,4% dos estabelecimentos de ensino fundamental, 20,5% do total de matrículas, 22% dos professores em exercício, 77,17% dos estabelecimentos de ensino fundamental da zona rural tem uma única sala de aula, 51,8% das turmas são multisseriadas (INEP, 2017).

A questão da qual tratamos para além de ser rural, multisseriada, esta escolinha tem um percentual de alunos com NEE daí porque é preciso pensar nas práticas de gestão de uma escola dessa modalidade de ensino e nos modos de inclusão de todos os alunos, especialmente os que apresentam NEE independente de sua dificuldade/dificuldade de aprendizagem com vistas ao atendimento das leis da educação, levarem esses alunos a se tornarem cidadãos, partícipes da sua comunidade e se possível aptos para ingressar ao mundo do trabalho (LDB 9394/96); se a escola e sua equipe gestora estão preparadas para incluí-los, o direito dos alunos fica assegurado constitucionalmente.

Tal direito implica numa trajetória educativa que o permita sentir-se sujeito de sua própria aprendizagem, no desenvolvimento de suas

habilidades, na ampliação, apropriação e construção de seus conhecimentos com a ajuda de seus professores.

Mas, estariam estes professores preparados para essa tarefa. Árdua, difícil, mas não impossível, entra aí a mão da gestão escolar, a qual deverá estar pronta para gerir, através de estratégias, estabelecendo parcerias, cobrando das autoridades constituídas, alternativas de instrumentalizá-los em serviço para que possam no seu dia-a-dia levarem adiante os fazeres inclusivos que permitam aquelas crianças terem um futuro melhor.

As classes multisseriadas se caracterizam pela diversidade, por serem heterogêneas e o trabalho efetuado nestes espaços educativos, por vezes é feito por professores leigos, outras vezes licenciados, efetivos ou contratados, mas sempre demonstrando que é possível usar qualquer destas situações, de modo positivo, buscando na interação, na construção de relações com as diferenças, uma possibilidade de convivência cooperativa e geradora de aprendizagens significativas.

Os limites existem, as dificuldades também, mas não foram vistos na escolinha da Cabeceira do Magu como obstáculos, mas sim como elementos da ação pedagógica que os impulsionam dia a dia para vencerem os estereótipos que possam se colocar como impedimento à liberdade de aprender dessas crianças, oportunizando as mesmas o exercício do raciocínio, da tomada de decisões, permitindo também ao professor formas de gerenciar sua autonomia profissional com liberdade suficiente para adequá-la a cada aluno de forma diferenciada, mas que o leve a seguir em frente na sua aprendizagem, um passo por dia, um dia por semana, indo até onde for possível.

Ressalta-se que os limites não podem ser enfrentados senão de modo global. Reverte-los só será possível na medida em que forem quebradas as amarras do sistema de seriação, onde a relação com os conhecimentos seja vista em sua provisoriedade como é realmente o ato de ensinar e aprender. Tudo isso pode ser visto na Escola Antonio Marreiro, uma inclusão processual

que tende a ser melhorada nesse percurso formativo em serviço dos gestores e professores.

Este trabalho não teve a pretensão de ser um tratado teórico sobre as classes multisseriadas e nem somente a investigação sobre seus limites e possibilidades, tudo surgiu da necessidade de fazer um trabalho acadêmico para obterum título de Mestre em Educação, nesse contexto, procuramos caracterizar uma escola com classes multisseriadas e seus amparos legais tendo-se procurado identificar no dia a dia dessas classes as possibilidades que permitissem um fazer pedagógico menos desgastante, e menos estéril com a participação de todos sob a tutela da gestão escolar.

O que observamos foram modos de gestão e formas de inclusão, sem receituário, até porque as receitas só servem a quem com certeza tem o problema e na escolinha da Cabeceira do Magu, não há problemas, há situações que a cada dia vão sendo solucionadas com as possibilidades criadas naquele instante, naquele dia, com sorrisos, dores, sofrimento, esperança de que o dia seguinte seja melhor que o ontem, sem a vergonha de ser feliz e se sentindo um eterno aprendiz, como nos deixou dito Gonzaguinha<sup>1</sup>.

O trabalho conjunto com as professoras, às visitas às classes multisseriadas, os depoimentos das pessoas envolvidas foram possibilitando que construíssemos alternativas de pensar outra forma pedagógica de ensinar aos alunos das classes multisseriadas. Como apontaram alguns autores citados nesse trabalho, ali na Cabeceira do Magu vimos a possibilidade de ousar e fazer diferente a tarefa de ensinar e aprender.

Este foi apenas um trabalho acadêmico com as professoras das classes multisseriadas da Escola Antônio Marreiro em Santana do Maranhão, outras virão, com novos sujeitos investigados e novos questionamentos.

---

<sup>1</sup>Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior, mais conhecido como Gonzaguinha, (natural do Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1945, falecido em 29 de abril de 1991) foi cantor e compositor brasileiro. Fundou o Movimento Artístico Universitário (MAU) que teve importante papel na música popular do Brasil nos anos 70 e em 1971 resultou no programa na TV Globo *Som Livre Exportação*.

A análise dos dados de nossa investigação permitiu encontrar aspetos positivos e negativos em relação aos modos de gestão e formas de inclusão em uma escola multisseriada assim como oportunidades que devem ser valorizadas.

Como **aspetos positivos** podemos referir:

- Num trabalho que pretendeu investigar uma escola multisseriada podemos inferir que foi positiva a participação dos professores que estiveram sempre disponíveis enquanto estivemos no campo de investigação;
- O reconhecimento sentido por parte dos professores acerca da oportunidade em falar de sua realidade e a de seus alunos como disse antes ali não havia problemas e sim situações para serem enfrentadas dia após dia;
- Ao longo da realização desta investigação fomos nos apercebendo de que os participantes se foram consciencializando das potencialidades deles e de seus alunos mediante as condições em que se encontram na Cabeceira do Magu as oportunidades que lhes poderiam proporcionar - aos alunos, aos professores, a gestora e à comunidade envolvente considerando a melhoria da qualidade educativa aos seus alunos.

Como **aspetos negativos**, encontramos:

- Dificuldades de acesso a uma bibliografia de referência que nos ajudasse com a fundamentação teórica, mas com o nosso esforço e a orientação que nos foi dada, conseguimos superar esse desafio;
- A formação insuficiente e inadequada proporcionada aos professores para atendimento aos alunos com NEE, uma vez que,



quando existe nos cursos de formação inicial é facultativa e de cariz teórico. Além disso, uma elevada percentagem de professores não mostra interesse ou não criar um tempo para se aprofundar em suas especialidades;

- As atividades que os professores propõem aos alunos no âmbito da escola multisseriada são pouco acompanhadas uma vez que são normalmente derivadas do pouco conhecimento adquirido por estes na formação inicial.

E como **oportunidades**, percebemos:

- Contribuir de uma forma muito positiva para a consecução de uma pesquisa numa localidade distanciada das oportunidades que as escolas urbanas possuem, tendo em conta que a escola multisseriada possui um potencial que pode ser melhorado possibilitam novas formas da experiência humana, com múltiplas repercussões, particularmente na cognição e na atuação humana sobre o meio e sobre si mesmo;
- No entanto, e apesar do panorama pouco animador sob o ponto de vista das dificuldades que podem ser encontradas na escola, foi possível constatar que já se iniciou um processo de transformação das práticas em contexto de sala de aula.

Perspetivas para investigação futura:

Em termos de perspectivas para investigação futura, os resultados alcançados apontam caminho para novas pesquisas e aprofundamento de questões:

- na mesma escola, com o objetivo de compreender a sua evolução e a sua cultura escolar;

- noutras escolas, com o objetivo de realizar estudos comparativos entre essa escola investigada e as outras que possam participar numa futura investigação.

Uma ou outra situação poderá ajudar a compreender com maior profundidade (no primeiro caso) ou com maior abrangência (no segundo caso) a forma como a gestão escolar de uma escola multisseriada se posiciona mediante os modos de gestão e as práticas de inclusão de escolas do mesmo porte.

## BIBLIOGRAFIA

- Ainscow, M. (2009). Tornar a educação inclusiva: Como essa tarefa deve ser conceituada?. In: Fávero, O. et. al. *Tornar a educação inclusiva*. Brasília: UNESCO.
- Ainscow, M. et. al. (1997). *Caminhos para as escolas inclusivas*. Lisboa, Portugal: Instituto de Inovação Educacional.
- Alves, F. (2009). *Inclusão: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio*. Rio de Janeiro: Wak Editora.
- Amiguiño, A. (2008). Escola em meio rural: uma escola portadora de futuro? *Educação Santa Maria*, v. 33, n. 1, p. 11-32, jan./abr.
- Amorim, D. A. M. (2015). Educação rural e as salas multisseriadas: uma reflexão sobre as políticas públicas para esse contexto. *37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis*. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/sites/default/files/poster-gt14-4207.pdf>>. Acessado em 12 de agosto de 2017.
- André, M. E. D. A. (1983). Texto, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 45, p. 66-71.
- Arroyo, M.G. (2010). Los colectivos depauperados repolitizan los currícula. In: Sacristan, J.G. (Org.). *Saberes e incertidumbres sobre el currículum*. Madrid: Morata.
- Associação Americana de Deficiências Intelectual e do Desenvolvimento (AADID) (2010). Modelo Funcional e Multidimensional de Deficiência Intelectual. Washington, DC: AAIDD.
- Barbosa, A. & Gomes, C. (2006). Inclusão escolar do portador de paralisia cerebral: atitudes de professores do ensino fundamental. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v.12, n.1, p.8.

- Barroso, J. (2001). O reforço da autonomia das escolas e a flexibilização da gestão escolar em Portugal. In: Ferreira, N. C. (Org.). *Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios*. São Paulo: Cortez.
- Barroso, J. (2004). A Autonomia das escolas uma ficção necessária. In *Revista Portuguesa de Educação*, 17(2), pp. 49-83.
- Batista, C. A. M. & Mantoan, M. T. E. (2006). *Educação Inclusiva: atendimento educacional especializado para a deficiência mental*. 2.ed. Brasília: MEC, SEESP.
- Batista, C. A. M. (2006). *Educação inclusiva: atendimento educacional especializado para a deficiência mental*. [2. ed.] Brasília: MEC, SEESP.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (2004). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Booth, T. & Ainscow, M. (2002). *Index para a inclusão: Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola*. Tradução: Mônica Pereira dos Santos. Produzido pelo Laboratório de Pesquisa, Estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação - LaPEADE, FE-UFRJ.
- Booth, T. & Ainscow, M. (2011). *Index Para a Inclusão*. Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola. UFRJ: Lapeade.
- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico.
- Brasil. (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- Brasil. (1997). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC.
- Brasil. (2001). *Parecer nº. 36/2001*. Dispõe sobre as Diretrizes Operacionais para a educação básica nas escolas do campo. Brasília.
- Brasil. (2002). Resolução CNE/CEB 1, de 3 de abril de 2002. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília: CNE.

Brasil. (2014). *Plano Nacional de Educação 2014-2024* [recurso eletrônico]: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara. Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documento-referencia.pdf>>. Acesso em 19 de julho de 2017.

Bueno, J.G.S.(2001). A inclusão de alunos deficientes nas classes comuns do ensino regular. *Temas sobre o Desenvolvimento*. São Paulo: vol.9, n.8.

Carvalho, R. E. (2009). *Educação Inclusiva: com os pingos nos "is"*. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

*Convenção sobre os direitos das crianças*. Adotada pela Assembleia Geral nas Nações Unidas em 20 de Novembro de 1989 e ratificada por Portugal em 21 de Setembro de 1990. Disponível em: <[https://www.unicef.pt/docs/pdf\\_publicacoes/convencao\\_direitos\\_crianca\\_2004.pdf](https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca_2004.pdf)>. Acesso em 23 de agosto de 2017.

Correia, L. (2003). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais* – um guia para educadores e professores. Porto: Porto Editora.

Coutinho & Chaves. (2002). *Revista Portuguesa de Educação*. Portugal, CIEd, Universidade do Minho.

Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática*. Coimbra: Almedina.

Cury, C. R. J. (2002). *Democracia e Construção do Público no Pensamento Educacional Brasileiro*. Petrópolis. RJ: Vozes.

Delors, J.(2001). Educação um tesouro a descobrir. *Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI*. 6. ed. Tradução José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez.

Demo, P. (1998). *Desafios modernos da educação*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes.

Dinis, L. & Sanches, I. (2013). Entre possibilidades e potencialidades: a inclusão num centro de reabilitação e integração In: Sanches, I. *Para uma*

*Educação Inclusiva: dos conceitos às práticas – Volume II (50-72).* Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Ferreira, A.B. de H. (2000). *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Ferreiro, E. (1996). *Alfabetização em Processo*. São Paulo: Cortez.

Fidel, R. (1992). The case study method: a case study. In: Glazier, J. D.; Powell, R. R. (Ed.). *Qualitative research in informational management*. Englewood: LibrariesUnlimited.

Fierro, A. (2004). Os alunos com deficiência mental. In: Coll, C., Marchesi, Á. & Palacios, J. (Org.). *Desenvolvimento psicológico e educação*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed.

Gadotti, M. (2001). *Um legado de esperança*. São Paulo: Cortez.

Gadotti, M. (2012). Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. *Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico*, Brasília, v.18, n.1, dez.

Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.

Glat, R. & Fernandes, E. M. (2005). Inclusão - *Revista da Educação Especial*. Ano 1, n.1. Brasília: MEC/SEESP.

Gomes, A. L. L. V., Poulim, J. R. & Figueiredo, R. V. de. (2010). *A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: o atendimento educacional especializado para alunos com deficiência intelectual*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial/Universidade Federal do Ceará.

Hage, S. M. (2010). Escolas Multisseriadas. In: Oliveira, D. A.; Duarte, A. C. & Vieira, L. F. *Dicionário: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de educação.

- Hall, S. (1997). A centralidade da cultura. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, n. 22, v. 2, jul.-dez.
- INEP. *Censo escolar da educação básica 2016*: notas estatísticas. Brasília: MEC.
- Jannuzzi, G. M. (2006). *A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados.
- Kothe, F. R. (1997). *O cânone colonial – ensaio*. Brasília-DF: UNB.
- Kothe, S. (1973). *Pensar é Divertido*. São Paulo, EPU.
- Leite, L. P., & Aranha, M. S. F. (2005). Intervenção reflexiva: instrumento de formação continuada do educador especial. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 207-215.
- Leite, S. C. (1999). *Escola rural: urbanizações e políticas educacionais*. São Paulo: Cortez.
- Libâneo, J. C. (2012). O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. *Educ. Pesqui.* [online]. vol.38, n.1.
- Libâneo, J. C. (2015). Formação de Professores e Didática para Desenvolvimento Humano. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 629-650, abr./jun.
- Libâneo, J. C. (2005). *Educação escolar, políticas, estruturas e organização*. 2 ed. São Paulo: Cortez.
- Lima, L. C. (2001). *A escola como organização educativa: uma abordagem sociológica*. São Paulo: Cortez.
- Lima, P. A. (2002). *Educação Inclusiva e igualdade social*. São Paulo: AVERCAMP.
- Lück. H. (2007). *Gestão Educacional: uma questão paradigmática*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Lück, H. (2010). A explicitação do significado de liderança. In: Lück, H. *Liderança em gestão escolar*. Petrópolis: Vozes.
- Lüdke, M. & André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Mantoan, M. T. E. (2001). Caminhos pedagógicos da inclusão. São Paulo: Memnon, edições científicas.
- Mantoan, M. T. E. (2006). *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006. 64 p.
- Manzini, E. J. (2010). Recurso pedagógico adaptado e estratégias para o ensino de alunos com deficiência física In: Manzini, E. J. & Fujisawa, D. S. *Jogos e recursos para comunicação e ensino na educação especial*. Marília: ABPEE.
- Manzini, E. J. & Deliberato, D. (2004). *Portal de ajudas técnicas para a educação: equipamento e material pedagógico para educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência física - recursos para comunicação alternativa*. Brasília: MEC.
- Maranhão. (2014). *Lei nº 10.099, de 11 de junho de 2014*. Aprova o Plano Estadual de Educação do Estado do Maranhão e dá outras providências. São Luís: Diário Oficial do Maranhão.
- Marchesi, Á. & Martín, E. (2003). *Qualidade do ensino em tempo de mudanças*. Porto Alegre: Artmed.
- Marchesi, A. Da linguagem da deficiência às escolas inclusivas. In: Coll, C., Marchesi, A. & Palacios, J. (Orgs.). *Desenvolvimento psicológico e educação*. Trad. Fátima Murad, Porto Alegre: Artmed, 2004.
- Mercer, K. (1990). Welcome to the jungle. Em J. Rutherford (Org.), *Identity*. Londres: LowrenceandWishart.
- Minayo, M. C. de S. (org.). (2010). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.



- Minayo, M. C. de S. (2008). *O desafio do conhecimento*. 11 ed. São Paulo: Hucitec.
- Monte, F.R. F. & Santos, I. B. (2004). *Saberes e prática da inclusão*. Brasília: MEC, SEESP.
- Moraes, R.&Galiazzi, M. do C. (2007). *Análise textual discursiva*. Ijuí: Editora UNIJUÍ.
- Ortiz González & Lobato Quesada (2003). *Escuela inclusiva y cultura escolar: algunasevidencias empíricas*. Disponível em: [http://www.uepc.org.ar/conectate/wp-content/uploads/2011/08/Escuela-inclusiva-y-cultura-escolar\\_algunas-evidencias-emp%C3%ADricas.pdf](http://www.uepc.org.ar/conectate/wp-content/uploads/2011/08/Escuela-inclusiva-y-cultura-escolar_algunas-evidencias-emp%C3%ADricas.pdf). Acesso em 23 de julho de 2017.
- Padilha, A. M. L. (2004). *Possibilidades de história ao contrário, ou, como desencaminhar o aluno da classe especial*. 3 ed. São Paulo: Plexus Editora.
- Paro, V. H. (2001). *Escritos sobre educação*. São Paulo: Xamã.
- Pinho, A. S. T. de. & Souza, E. C. de. (2012). Tempos e ritmos nas classes multisseriadas do meio rural: entre as imposições da modernidade e as possibilidades do contexto pós-moderno. In: Souza, E. C. de (Org.). *Educação e Ruralidades: Memórias e narrativas (auto)biográficas*. Salvador: EDUFBA.
- Reganhan, W. G. & Manzini, E. J. (2009). Percepção de professores do ensino regular sobre recursos e estratégias para o ensino de alunos com deficiência. *Revista Educação Especial* v.22, n.34, p. 127-138, maio/ago.2009.
- Sant'ana, I. M. (2005). Educação inclusiva: concepções de professores e diretores. *Psicol. estud.* [online]. vol.10, n.2, pp.227-234
- Santos, M. P. (2007). *Culturas, Políticas e Práticas de Inclusão em Universidades*. UFRJ.
- Schmitz, E.F. (1984). *Didática moderna: Fundamentos*. 6. ed. Rio de Janeiro: livros técnicos e científicos.

- Schwartz, M. S. & Schwartz, C.G. (1955). Problems in participant observation. *American Journal of Sociology*, 60, p. 343-354.
- Silva, A. (2006). Processos de ensino-aprendizagem na era digital. *O Professor*, Portugal, n.93. Alfragide: Caminho, mai.-ago.
- Skliar, C. (2001). Seis perguntas sobre a questão da inclusão ou de como acabar de vez por todas com as velhas e novas fronteiras em educação. *Pro-posições*, v.2, n. 2-3, jul/nov.
- Staienback, S. S. & Stainback, W. (1999). *Inclusão: um guia para educadores*. Trad. de Magda R. Lopes. Porto Alegre. Artes Médicas.
- Tilstone, C. et. al. (1998). *Promoting inclusive practice* (pp. 159-169). London: Routledge.
- Toledo, M. C. M. de. (2006). *A Escola do Campo e a Pesquisa do Campo*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário.
- Unesco (1994). Declaração de Salamanca sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. *Conferência Mundial de Educação Especial*. Salamanca, Espanha.
- Vale, I. (2000). *Didáctica da matemática e formação inicial de professores num contexto de resolução de problemas e de materiais manipuláveis* (tese de doutoramento não publicada, Universidade de Aveiro).
- Veiga, I. P. A. (Org.) (2010). *Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível*. 28ª ed. Campinas: Papirus.
- Vieira, S. L. (2005). Educação e gestão: extraindo significados da base legal. In. Ceará. SEDUC. *Novos Paradigmas de gestão escolar*. Fortaleza: Edições SEDUC.
- Vygotsky, L. S. (1994). *A Formação Social da Mente*. Martins Fontes - São Paulo. 5ª edição.

Ximenes-Rocha, S. H. & Colares, M.L.I.S. (2013). A organização do espaço e do tempo escolar em classes multisseriadas. Na contramão da legislação. *Revista HISTEDBR On-line*, v. 13, pp. 90-98-312.

Yin. R. K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3 ed., Porto Alegre: Bookman.



## **APÊNDICES**



**APÊNDICE A: GUIÃO DE ENTREVISTA AOS PROFESSORES DA ESCOLA MULTISSERIADA ANTONIO MARREIRO**

**Objetivo 1:** Identificar as características da escola multisseriada existente em nosso município.

1. Quais as características específicas de uma escola multisseriada?
2. Gostaria de conhecer sua opinião sobre a importância da escola multisseriada Antonio Marreiro nessa comunidade?
3. Considera que a Escola Multisseriada Antonio Marreiro contribui para a inclusão de alunos com dificuldades de aprendizagem e que precisam de atendimento educacional especializado?
4. Poderia nos informar que dificuldades são encontradas nessa escola?

**Objetivo 2:** Identificar como atuam os gestores e professores nesse contexto escolar.

1. Quais as orientações da Secretaria de Educação que contribui para sua atuação docente nessa escola?
2. Quais são as práticas pedagógicas utilizadas na sua rotina de trabalho docente?
3. Considera que tais práticas pedagógicas contribuem para a inclusão dos alunos com dificuldades de aprendizagens?
4. Qual a contribuição dada pelo gestor (a) ao seu trabalho docente?

**Objetivo 3** – Contribuir para uma melhor compreensão do que é uma escola multisseriada.

1. Indique/Refira qual a contribuição dada pela escola multisseriada Antônio Marreiro a essa comunidade.
2. Destaque as dificuldades enfrentadas por vocês professores nesse contexto escolar?

- a. ( ) relacionadas as condições estruturais do ambiente de ensino;
  - b. ( ) relacionadas ao material de apoio pedagógico;
  - c. ( ) relacionadas ao respeito pelas leis salariais;
3. Em relação ao que lhe perguntei quer acrescentar alguma coisa ou quer corrigir alguma informação que tenha dado?



## **APÊNDICE B: FICHEIROS DE OBSERVAÇÃO DA ESCOLA MULTISERIADA ANTONIO MARREIRO**

### **PRIMEIRA VISITA: DIA 11.05.2017, ÀS 7:30HS**

A escola a ser apresentada é a Antônio Marreiro, esta é de pequeno porte, é um prédio antigo reestruturado, conta com quatro salas, um diretoria, uma cantina, dois banheiros, masculino e feminino, uma área no pátio serve para recreações das crianças, e fazer reuniões.

Os alunos são circunvizinhos da Escola, localiza-se na Zona Rural, no povoado Cabeceira do Magu, não utilizam transporte escolar, o horário de entrada no turno matutino é as 7:30hs, a essa hora a Gestora já esta na Escola há quinze minutos atrás. O Horário de aula da Educação Infantil segue o estabelecido por Lei, cumprindo assim três horas de aulas diárias, o Ensino Fundamental cumpre cinquenta minutos de aula, somando 4 horas/aulas por dia, por turno.

O quadro docente da escola é formado por uma gestora, contratada, graduada em Pedagogia, tem ainda três professoras, uma efetiva, graduada em Geografia, duas professoras são contratadas, uma delas é graduada em Pedagogia, e a outra possui nível normal, tem ainda uma cozinheira, e uma auxiliar de serviços gerais.

A escola inicia as aulas no turno matutino as 7:30hs/min, alguns alunos chegam acompanhados de seus responsáveis, outros chegam sozinhos, mesmo as crianças especiais algumas vem desacompanhadas na escola. Todas as professoras chegam no horário certo, e se encaminham para as salas com seus alunos.

A primeira sala é Educação Infantil, que nessa sala não é dividida por ano, funcionam então os três níveis da pré-escola, crianças de 3, 4, e 5 anos todas na mesma sala, mesmo juntos são somente 10. A professora é contratada e possui nível médio de formação. Durante minha estadia na sala me

confidenciou que pediu ajuda a direção da escola com atividades recreativas, jogos, atividades lúdicas, cantigas de roda, pois a mesma não tem experiência com turmas nesse nível de idade. Observei que apesar do pouco tempo de serviço da professora na sala de aula, (desde o início do ano letivo a diretora havia assumido a sala de aula até que se contratasse uma professora para a sala, o que durou dois meses) não há ornamentação lúdica nas paredes. As crianças são muito inquietas, não ficam sentadas, não fazem a atividade proposta, a professora não tem domínio de sala de aula, não controla a turma.

A segunda sala é multisseriada, funciona com 1º, 2º, e 3º ano do ensino fundamental, somando 15 alunos, tem 3 crianças especiais, duas com baixa visão, uma com Déficit de aprendizagem. A professora é contratada, graduada em Pedagogia.

A professora trabalha sozinha na sala de aula, mesmo com três crianças especiais frequentes, a auxiliar de sala devia ter chegado desde o início para facilitar o trabalho na sala. Nesta sala a professora reclama sobre falta de acompanhamento dos pais nas atividades de casa, reclama ainda sobre o fato da multisseriação da sala. Consequentemente faltam dicas de controle da turma, de rotinas de aulas para a sala, e observei que também falta a ornamentação da sala.

A terceira sala também é multisseriada, funciona com 4º e 5º ano do ensino fundamental, somando 16 alunos, tem cinco crianças especiais, uma criança com autismo, uma surda-muda, uma com epilepsia, uma com deficiência física, uma déficit de aprendizagem. A professora é graduada em geografia, efetiva, tem experiência com sala de aula. A relevância maior nessa sala é a quantidade de crianças especiais, esta sala também não recebeu uma professora auxiliar de sala. Até então, a professora trabalha como dar, sem resultados aparentes, e não há nenhuma ornamentação na turma.

A sala da diretoria é montada com livros, jogos, brinquedos, material didático, material lúdico, guardados em dois armários e uma estante. Os

instrumentos informáticos são uma televisão com dvd, dois computadores de mesa, um notebook, uma impressora, e uma máquina de xerox.

A cozinha é bastante pequena em espaçamento, porém é dividida em 3 compartimentos, um quarto onde ficam armazenados os materiais de limpeza e utensílios de cozinha, um quarto onde é guardada a merenda escolar, e um outro onde fica o fogão, o forno, o freezer, uma pia e um armário na parede

A escola não tem refeitório, as crianças lancham no pátio da escola, sentadas no chão. Não tem área de lazer, como quadras, ginásios.

O intervalo é dado as 9:15hs/min, obedecendo o informativo escolar, este dura quinze minutos. Após a merenda todos voltam para as salas de aula e o pátio da escola é limpo novamente. No horário de saída os mesmos pais que vem deixar seus filhos na escola, vem busca-los, e os demais saem sozinhos.

A escola fecha as 11:30hs/min, e encerrei minha visita junto com o trabalho de todos.

## **SEGUNDO DIA DE VISITA: 18.05.2017**

Segundo dia de visita 18/05/2017. Cheguei na escola às 7:45hs/min, todos já estavam nas salas, seguiam ritmo diário de sala de aula, hoje o foco seria observar a sala multisseriada do 1º, 2º e 3º ano, onde tem matriculado três crianças especiais.

A primeira criança chama-se Amanda, tem 8 anos, é filha primogênita de Francisca e Sebastião, mora no povoado, chega a escola com o irmão mais novo e acompanhados dos pais, está matriculada no 2º ano do ensino fundamental, ela tem deficiência visual visível, usa óculos há três anos, mais não facilita o processo de aprendizagem, ela não enxerga longas distancias, nem ao menos os dois metros que separam a cadeira dela na sala do quadro negro onde está escrito a atividade. Amanda não apresenta aprendizado equivalente asérie.

Chego a sala, e dispense apresentações, pois eles já me conheceram, a professora já está com atividades de leitura para todos, apenas são leituras com níveis diferentes para cada série, enquanto alguns poucos se concentram na atividade, a maioria está em outros assuntos, principalmente as crianças do 1º ano que são mais dispersas.

Na sala ainda tem o aluno Breno Rian Conceição Alves, também no 2º ano, mora com os pais Geovane e Ercinha, é o primogênito de três irmãos, este não usa óculos, tem diagnóstico e aparentemente é visível a deficiência do Breno, os olhos dele são sempre vermelhos, às vezes mais forte, as vezes mais fraco. Ele já consegue um pouco mais, na hora de tirar a atividade do quadro negro, porém, não consegue manter o foco, se perde, e fica sempre por última na atividade. A professora relata que nenhum aluno do 1º ou 2º ano sabe ler, ainda estão no processo de alfabetização, de soletração.

O terceiro aluno especial da sala é Wílias, está matriculado no 3º ano, é repetente, mora com os pais, Bernardo e Francisca também são o primogênito da casa, tem mais duas irmãs, na mesma sala estuda uma de suas irmãs que apesar de ser mais nova, o alcançou pelo motivo da repetência. Wílias é emotivo, chora com facilidade, não retém conhecimento, ele não conhece as letras do alfabeto. É diagnosticado pelos professores com Déficit de atenção, mas não tem laudo médico que comprove sua deficiência. Os pais não buscam recursos extras para cuidar do filho, é tido como lento.

A atividade de leitura da professora é bastante demorada, porque são quinze alunos, e a maioria não senta nem faz silêncio, dessa forma, a professora não sabe se toma leitura, ou controla a sala. Essa atividade demora em média uma hora.

A próxima atividade é ditado de palavras para todos, primeiro é apresentada a figura referente a palavra, todos identificam o que é, os alunos do 3º ano com exceção de Wílias tentam fazer, uma aluna do 1º ano faz sem ajuda, os demais esperam a professora dizer letra por letra da palavra, e assim ela acaba ditando todas as letras de todas as palavras do ditado. A aluna

Amanda e Breno, ainda precisa ser situada em qual linha do caderno devem escrever a palavra ditada.

Chega a hora do intervalo, todos os alunos da sala saem em fila para o lanche, alguns sentam no chão, outros não param quietos enquanto lancham, se misturam com os alunos das demais salas, como as professoras de todas as salas também lancham no pátio, ficam sempre chamando a atenção de um ou outro que querem se envolver numa briga. A diretora faz papel de fiscal, e arruma todos de uma vez, recolhe os pratos, o lanche nesse dia era arroz com frango, gerencia os alunos que querem repetir o prato, insiste com aqueles que sobraram muita comida para que comam mais, limpa a sujeira que alguém fez. Depois que termina de comer, a maioria começa uma brincadeira, que instiga os demais, em poucos minutos todos correm em volta do pátio, são quinze minutos de intervalo. Enfim já está na hora de voltar para a sala, em especial os meninos estão todos suados de tanto correr, a professora fica na porta esperando que todos entrem.

De volta a sala a conversaria está grande, algazarra geral, logo a professora chama atenção todos sentam, com exceção de um ou dois, que insistem em continuar conversando.

A atividade seguinte é matemática, estudar adição, a professora apresenta de forma contextualizada contando objetos diversos na sala, e ainda com exceção de dois alunos que não pararam de conversar, os demais consegue acompanhar. Enquanto a atividade é lúdica todos participam, as crianças especiais também. Depois que a professora escreve no quadro algumas somas, começa a dificuldade, as crianças com deficiência visual novamente ficam por último, o Wilias até acompanha na escrita, mas não responde. A professora novamente vai de cadeira em cadeira ajudando, incentivando, e a atividade toma bastante tempo.

A essa altura a professora me apresenta o plano de aula diário que deveria ser cumprido, porém, todos os dias sobra uma, e as vezes duas atividades que deviam ser repassadas pelo ano da turma, mas o nível de desenvolvimento das atividades não consegue concluir o plano diário.

A professora deixa uma parte da atividade de matemática como dever para casa, pratica um pouco de leitura com alguns alunos específicos, principalmente os especiais, verifica em todas as cadeiras se guardaram o material corretamente, e já é hora de ir embora.

A escola fecha as 11: 30hs/ min, e encerro mais um dia de visita.

### **TERCEIRO DIA DE VISITA: 25. 06. 2017**

Neste dia cheguei a Escola as 07h15min, já havia três alunos, são os que moram mais distante, e vem sozinhos a escola, entre eles tem duas crianças especiais, que são irmãos, Benerval e Daiane. Aos poucos os demais alunos vão chegando, e a Diretora também chega com dez minutos de antecedência, todos os alunos a chamam de Tia, e pedem a benção. O clima é agradável, todos conversam, os alunos vão chegando, caminhando ou com os pais de motocicleta.

A aula iniciou as 07h30min, na entrada é um alvoroço, alguns entram correndo direto para as salas, somente para despachar material escolar, e voltam correndo para o pátio, entre eles estão as crianças especiais da escola, todos se conversam, correm, brincam. Alguns pais que acompanham seus filhos especiais, entram até as salas, conversam com os demais sobre o dia anterior, e sobre o dever de casa, e assuntos corriqueiros do dia-a-dia.

A essa altura todos os professores já chegaram, uma professora prepara algumas xerox na diretoria, e conversa com a diretora sobre a reunião de pais que farão na próxima semana, combinam alguns tópicos e ficam de repassar as demais professoras e lhes perguntar sua opinião.

A escola não tem campainha, os professores se encaminham para as salas e os alunos entendem que está na hora de entrar para a sala de aula. Acompanho a professora do 4º e 5º ano, ela espera na porta todos os alunos, dois insistem em ficar fora e ela ameaça fechar a porta, então eles se encaminham e entram na sala de aula. Dentro desta, a conversaria é grande, a professora fala bom dia, e tem que repetir num tom de voz mais alto para que

todos ouçam e respondam, logo manda todos sentarem, fazerem silêncio, aos poucos eles vão se arrumando nas cadeiras. A professora me apresenta como observadora da sala aquele dia, e ressalva que todos os trabalhos serão cumpridos normalmente. A professora se vira para sua bolsa de material, e as crianças já estão começando a querer conversar novamente, quando ela me fala sobre as crianças especiais da sala. Tem como suporte de informação o diário de classe, e começa a definir um a um aqueles alunos.

A aluna Maria Daiane está matriculada no 4º ano, tem 13 anos, mora com os pais Raimunda e Pedro, no mesmo povoado, é irmã de Benerval, aluno da mesma sala. Esta tem uma deficiência adquirida, nasceu normal, aos três anos de ela contraiu uma doença chamada Meningite Aguda, quase veio a orbito, a consequência desta doença foia surdez e mudez. O corpo se desenvolveu corretamente, mas ela não fala, nem ouve. Frequenta a escola com ótima frequência, não falta, porém não sabe ler, não acompanha nenhuma atividade, escreve poucas coisas do quadro de giz, repete letras no caderno, pinta ou reproduz desenhos, como não pode ficar reprovada por conta da sua deficiência, ela é aprovada anualmente desde que começou a frequentar a escola. Ela não é acompanhada por nenhum médico especialista, os pais tem condições financeiras restritas, então ela cresce sem devido tratamento.

A professora relata ainda que sente muita dificuldade em trabalhar com ela, porque ela não fala, não sabe a Linguagem Brasileiras de Sinais, porque ninguém ensinou, nenhum outro professor anterior e bem como ela, não tem formação em educação especial, não tem cursos formativos voltados para essa área, então Daiane continua na sala de aula, é inserida na escola, porém, não é incluída. Os demais alunos, não falam com ela, ninguém a chama para brincar, senta sempre no mesmo lugar, próximo do seu irmão.

Sobre o irmão de Daiane, Benerval, este é matriculado no 4º ano, tem distorção idade serie, mora com os pais, Raimunda e Pedro. Benerval não tem nível da série em que se encontra matriculado, ele tem nível de alfabetização da educação infantil, não conhece nem todas as letras do alfabeto, só repete letras escritas no caderno, mas fala, porém, não interage, é sempre calado,

quieto, não brinca com as demais crianças, ele se comunica em uma linguagem de irmãos com Daiane, de forma em que ela sabe o que ele disse, e ele diz o que ela quer. O problema dele parece ser especial, mas Benerval não tem nenhum documento comprovativo de sua deficiência.

A professora enquanto fala, percebo a preocupação com o aprendizado dessas crianças presente, vez ou outra brinca com eles, fala alguma coisa que faz Benerval rir e Daiane acompanha.

Continuamos, a próxima aluna descrita é Liliane, está matriculada no 5º ano, tem a idade correta para a série, mora a avó materna Francisca no mesmo povoado da escola, tem uma deficiência adquirida, em 2013 quando saía dessa mesma escola correndo portão a fora, não viu que um carro passava na rua, este passou por cima de seu pé direito, deixando imediatamente todos os ossos a mostra, haviam muitas crianças fora da escola também, todas viram o acidente. Ela foi levada imediatamente ao hospital para um primeiro socorro, e encaminhada para um hospital mais preparado para recebê-la, no mesmo dia entrou na sala de cirurgia para reconstrução completa do pé, passou 45 dias nesse hospital. Quando retornou para casa, o pé ainda vinha, mais nunca mais seria o mesmo. Ela caminha com dificuldade, não firma o pé no chão, e o psicológico ficou abalado. Liliane não teve acompanhamento psicológico, nem fisioterapeuta.

O aluno Marcos Vinicius, mora com os pais Maria de Jesus e Bernardo, é o caçula de 4 irmãos, nasceu com problemas sem diagnóstico, sempre foi doentio, tem diagnóstico de epilepsia crônica, não retém conhecimento, não consegue aprender, na hora de avaliá-lo, ele não sabe o que estudou, está matriculado no 4º ano, mas passou 3 anos no 3º ano, então foi aprovado por não poder mais ficar reprovado, e este é o 3º ano no 4º ano do Ensino Fundamental, mas não tem avanço, é querido, conversa, brinca, joga bola, anda de bicicleta, mas na hora de ler não sabe nada. Quando era mais novo, tinha crises epiléticas, agora ele vive sobre efeito de medicação que controla sua doença.



A professora menciona ainda algumas crianças que não apresentam durante a aprendizagem algum tipo de transtorno, mas essas crianças não apresentam laudo médico que comprove tal suspeita, então não irei cita-las aqui.

A primeira atividade do dia é corrigir o dever de casa, poucos fizeram, alguns estão fazendo na sala, outros vem até a professora pedir ajuda, enquanto dois conversam distraidamente, percebo que há uma dispersão muito grande relacionada a dever de casa. A professora, por sua vez, corrige todos, os que precisam de ensinamento, ela ensina, e dar por fim esta atividade.

Depois é a hora da leitura, seis crianças que leem fluentemente são as primeiras dentre eles Liliane, depois os que soletram, dentre eles Marcos, após, os que a professora precisar dizer as letras as sílabas e a palavra e eles só repetem, entre esses Benerval. Daiane, não da leitura, tão logo não fala.

Já está a poucos minutos do intervalo, porque essas duas atividades anteriores levam muito tempo, é um trabalho individualizado, aluno por aluno. Já começam a terceira atividade com o Cabeçalho da Escola, todos escrevem, Daiane também. A professora vai acompanhar a escrita dos alunos, o alinhamento, letras maiúsculas, principalmente, com Benerval e Daiane. Chega a hora do intervalo, todos saem da sala, a professora fica organizando material na mesa.

Todos os alunos das outras salas já estão fora, esses alunos do 4º e 5º ano, não sentam no chão com as demais crianças, Benerval e Daiane lancham juntos, porém, longe dos demais alunos.

Sai da escola às 9:15hs/min, na hora do intervalo.

#### **QUARTO DIA DE VISITA: 05.07.2017**

O quarto dia de visita à escola Municipal Antônio Marreiro localizada no Povoado Cabeceira do Magu começou às 08h00min do dia 01/06/2017, foi o primeiro dia de aula após o planejamento referente ao mês de Junho, que

havia acontecido numa escola vizinha. Quando cheguei a escola as crianças já estavam em sala de aula, e o pátio estava vazio, a Diretora encontrava-se em uma das salas de aulas ajudando uma professora, fiquei a observar então o trabalho da cozinha.

A cozinha da escola é um ambiente pequeno, tem três compartimentos fechados, em um local armazena-se a merenda escolar, e no outro os materiais de limpeza, trabalham juntas uma auxiliar de serviços gerais, e uma cozinheira, ambas são efetivas do município de Santana. Preparavam uma merenda que continha arroz e frango. Logo a Diretora veio a meu encontro e nos dirigimos a Secretaria da escola.

Neste dia havíamos combinado que eu veria os planejamentos das professoras das salas multisseriadas que estudam as crianças especiais, este planejamento havia sido em um dia anterior e seria aplicado em toda extensão do mês de Junho. Os planejamentos são padronizados, obedecem a mesma formação, sendo: Objetivo, Conteúdo, Metodologia, Recursos didáticos, e Avaliação.

Iniciei pelo planejamento da professora da Educação Infantil, são crianças de 3, 4 e 5 anos da pré-escola, este é interdisciplinar com Linguagem Oral e escrita, matemática, natureza e sociedade e artes visuais. Os recursos usados pela professora são diversamente recreativos, jogos, brinquedos, cantigas de roda, musicinhas didáticas. Esses alunos não tem livro didático, então, me relata a diretora, a professora providencia suas atividades particulares, e segue o que acredita ser o nível de aprendizado das crianças.

O Planejamento da sala multisseriada do 1º, 2º e 3º ano, da professora Antônia Maria Marreiro da Silva Araújo, contratada, graduada pela Universidade Federal do Maranhão em Pedagogia, é um planejamento bastante contextualizado, é interdisciplinar, as disciplinas de Matemática e Ciências ficam juntas em um planejamento, a diretora explica e me mostra que o livro didático da série é interdisciplinar, e exatamente essas duas disciplinas ficam juntas. O outro planejamento da professora é de Português, História e Geografia, porque o livro também unifica estas disciplinas em sua

composição. O terceiro livro é da disciplina de Artes e Cultura, também há um terceiro planejamento para essa disciplina.

Na parte do planejamento a que se refere aos recursos utilizados a professora faz referência a inúmeros jogos didáticos para complemento dos conteúdos disciplinares. Sobre a avaliação é usado o método sistemático de prova escrita, adicionado a comportamento, interação, participação nas atividades e resolução das mesmas.

A professora de 4º e 5º ano fez planejamento por disciplina, divididos na mesma composição de Objetivos, Conteúdos, Metodologia, Recursos e Avaliação, porém é organizada por cada disciplina. Esta professora faz referência a pouco material didático como recursos, e o sistema avaliativo é o mesmo.

Enquanto víamos os planejamentos, a diretora precisou sair da sala da diretoria mais de 5 vezes para encaminhar alunos dispersos de volta as salas de aulas, sempre deixava na sala e falava com a professora e voltava para nossa conversa. Olhamos também a caderneta da professora de 4º e 5º ano que estava disponível na diretoria, esta cumpre os conteúdos programados no planejamento.

Já é hora do intervalo, 10 minutos antes, as funcionárias da cozinha estão contabilizando nas salas se estão presentes todos os alunos para que contabilizem a distribuição correta da merenda escolar. Primeiro saem as crianças da Educação Infantil, em fila, cantando uma musiquinha que fala da necessidade de se alimentar bem, seguem para o lavatório de mãos, a diretora e a professora dividem-se entre quem ajuda a lavar a mão e distribui a merenda, e ajudam a encontrar um lugar junto a parede para poder sentar-se e merendar quieto. A diretora relata que em nenhuma escola do município tem refeitório, e que está por ser tão pequena tem mais dificuldade em um dia ganhar uma obra dessas.

Em seguida, é a turma do 1º, 2º e 3º ano, também saem em fila, porém, não cantam, antes de chegar ao balcão da cozinha em que o lanche é servido a fila já está desfeita, pegam os pratos e se distribuem no pátio. A terceira

turma sai em seguida, sem fila, todos juntos e alvoroçados, pegam os pratos e logo alguém derrama um pouco do lanche no chão, a diretora repreende o aluno e vai limpar a sujeira, as crianças Benerval e Daiane lancham juntos, mas longe das demais crianças, os demais especiais se misturam com os coleguinhas. As professoras também lancham, sentam-se próximas e conversam sobre data comemorativa próxima, que é o Dia do Meio Ambiente, registrado no calendário escolar dia 05/06.

Logo todos terminam o lanche devolvem o prato, Benerval repete o prato de lanche e fica por último, ele não fala com as funcionárias, só aponta para o prato e elas entendem que ele quer mais comida. Os alunos já começaram a brincar, uma corrida sem nexos aparente, mas tentam pegar algum aluno que se afasta dos demais. As professoras decidiram que não comemoraram a data coletivamente, mas cada uma trabalhará nas suas salas de aulas com seus alunos de maneira formativa e recreativa.

Termina o horário do lanche que é de 15 minutos, as professoras se dirigem as salas, as crianças da educação infantil dão mais trabalho para retornarem as salas, precisa que a professora vá conduzi-los individualmente a sala de aula. A diretora foi resolver um problema com aluno na sala do 4º ano, alguém deixou cair o material escolar de um colega. As funcionárias da cozinha começam uma limpeza no pátio da escola.

A diretora retorna, vamos a secretaria e ela me mostra os materiais recreativos que a escola possui, são jogos de programas escolares enviados pelo Ministério da Educação, jogos com o alfabeto, com as sílabas, com palavras, todos os níveis de alfabetização, alguns faltam peças, mas não inviabilizam o uso das mesmas no trabalho em sala de aula. Há também jogos de Ciências que ensinam a montar o corpo humano, a construir as fases da vida animal, os jogos de matemática trabalham as operações básicas, material dourado, jogos de dama, de xadrez, de dominó. Material este guardado em armários na secretaria da escola, e uma parte acumulado em um dos banheiros interditados, e usado como depósito. Neste local também há livros usados para recortes de trabalhos em sala de aula, alguns livros de teóricos

disciplinares nunca usados ou lidos, e revistas referentes a dicas de trabalho escolar ainda com o saco que chegou a escola. A diretora diz ninguém procura para ler, ou mesmo como fonte de pesquisa.

Continuam a aparecer crianças que a diretora precisa retorna-los a sala. A turma da Educação Infantil encerra seus trabalhos escolares às 10h45min, encerrei minha visita junto com estes e deixamos marcado a próxima data para observação na sala da professora de 1º, 2º e 3º ano.

#### **QUINTO DIA DE VISITA: 18.07.2017**

Esta foi a quinta vez que compareci a Escola Municipal Antônio Marreiro para observar o trabalho da escola com as crianças especiais.

O registro da especialidade de cada criança encontra-se em poder da escola, no entanto, algumas crianças que não tem laudo médico comprovando sua deficiência, o motivo alegado pela família é sempre a dificuldade financeira, e como esta é uma região na zona rural, há 300 quilômetros da capital do estado, a Cidade de São Luís, todos os motivos são alegados para o atraso na documentação, a saúde é precária, não há ajuda do governo para a resolução desses casos, e ainda mais por parte da família, falta o cuidado com o aprendizado, o acompanhamento a escola, o simples entendimento do que é necessário para que a criança aprenda fica comprometido. Os pais não frequentaram a escola, os pais destes também não, os filhos é que estão tendo um primeiro acesso a educação, mais devido o histórico dos pais, o trabalho da escola torna-se mais amplo.

Neste dia 08/06/2017 cheguei a escola antes de começar a aula, todos os alunos estavam fora da escola, e duas professoras já haviam chegado, as crianças ficam brincando uns com os outros, quando cheguei alguns se aproximaram para dizer, “Tia você veio de novo? Você vai pra nossa sala?”.

Logo a diretora abriu o portão, porque na escola não tem porteiro, então a dona das chaves é a diretora, já dentro, observei que eles estavam agitados, correndo, falando, já chegavam as outras professoras e a diretora começava a

direcionar os alunos as salas. As professoras conversam sobre o comportamento de alguns alunos.

Já na sala de aula, o foco é acompanhar a aluna com Deficiência Visual Amanda, e o aluno com o mesmo problema Brenno Rian, estes sentam perto um do outro, mas próximos do quadro negro e mais perto da professora que os demais alunos, eles estão na mesma série, 2º ano do Ensino Fundamental.

A primeira atividade é correção do dever de casa, o caderno de Amanda é bagunçado, capa frontal já foi arrancada, as linhas são um pouco apagadas para a necessidade de visão dela. A atividade de casa foi respondida, era transcrever uma leitura e ler. A atividade de leitura era ler esta atividade transcrita. Quando chega a vez de Amanda ler, ela soletra as sílabas com dificuldade, a professora auxilia muito, os óculos ajudam a enxergar, mas atrapalha, ela fica inquieta, afinal de contas é uma criança usando uma lente com 8,0 graus de miopia em cada olho, ela é praticamente cega. Termina a leitura. É a vez de Brenno mostrar a atividade, ele também fez o dever, a letra dele é mais organizada, mais acima da linha que Amanda, ele não usa óculos, durante a leitura ele também só soletra sílabas, mas é disperso, qualquer atividade de outro aluno ele se vira para ver, a professora é bastante rígida, chama a atenção dele várias vezes, ele não consegue se concentrar, seus olhos são vermelhos, sempre vermelhos, as vezes mais forte, as vezes fraco.

A aula é de matemática e história, a professora começa com matemática, aula de centena, dezena e unidade, os alunos terão que reproduzir no caderno uma espécie de tabela onde preencheram com números equivalentes a centena, dezena e unidade. A aluna Amanda fica dispersa enquanto a professora está voltada para o quadro, Brenno consegue começar a rabiscar a tabela, mas um colega logo o distrai. Quando a professora termina a escrita no quadro, vai direto a cadeira de Amanda, escreve a primeira linha da atividade e explica como esta deve continuar. Vai até Brenno, e incentiva-o a continuar, passa ao lado dos demais para auxiliar um ou outro e volta para Amanda, esta já está começando a entender, a professora incentiva, fala sério, e a aluna entende a necessidade da atividade. Brenno já está distraído

novamente, a professora o retorna para o caderno e afasta a cadeira dele para mais perto do quadro, fala sério com ele também, parece que não surti efeito. A professora fala o tempo todo, com todos os alunos, olha na direção de Amanda, parece que ela está fazendo.

A professora acompanha o trabalho com Brenno de perto, corrige uma letra, apaga um risco, faz alguma palavra no meio da tabela, e sempre olha para Amanda. Quando esta foi conferir o caderno de Amanda, ela tinha feito tudo, de forma torta, e fora da linha, mas havia feito, reclamava sobre dor de cabeça, a professora disse a ela que ficasse quieta que a dor passaria. Volta a atenção para outro aluno na sala, de repente Amanda está chorando muito, com as mãos na cabeça, diz que dói muito. Ela não para de chorar, e os alunos param a atividade, a professora vai a diretoria e volta com a diretora, que fica na sala e a professora sai. Na casa vizinha a escola mora uma Tia de Amanda, a professora foi chama-la, esta aparece na sala e pergunta se pode leva-la para casa, todos concordam e Amanda sai da sala ainda chorando.

Os alunos ficam inquietos, agitados, aos poucos se controlam e voltam a atenção para a atividade, a professora tem ar de preocupação e nervosismo, a essa altura a maioria conclui a tabela, Brenno ainda não terminou, a professora pega seu caderno e começa a fazer por ele, e explica que já está quase na hora do intervalo e eles ainda estão na primeira atividade, diz também que isso acontece rotineiramente. Enquanto escreve e conversa comigo, Brenno se levanta e vai conversar com os colegas, ele parece não se importar com o que a professora fala.

Na sala, as crianças de 1º e 2º ano tem mesmo nível de aprendizado, tem crianças que sabem ler e escrever, mas a maioria não sabe, é um trabalho literal de alfabetização.

Eles já estão respondendo a tabela, chega a hora do lanche, Brenno se organiza na fila rapidamente, eles saem em fila, o lanche é chocolate com biscoito. No lanche todas as crianças falam sobre o ocorrido com Amanda, as crianças vizinhas a elas dizem que a dor de cabeça é normal. Logo passam a

tratar de outros assuntos, Brenno lancha com os coleguinhas e parece entrosado.

Na volta pra sala de aula eles concluem a atividade da tabela de matemática, a professora sempre voltando a Brenno para mostrar-lhe em qual linha devia escrever. A atividade seguinte era História, precisavam utilizar o livro didático, todos os alunos têm livro, a professora os localiza na página, e ela começa a ler, é um conteúdo sobre moradia, logo todos falam sobre suas próprias casas, o assunto se generaliza e a professora controla os mais agitados, Brenno também interage. Então o dever para casa é sobre esse assunto, as crianças iram reproduzir suas próprias moradias, a professora marca no livro de cada um a página da atividade.

A discussão sobre o assunto da aula de história demora um tempo, então antes de ir pra casa cada aluno escreve seu próprio nome no quadro, a professora ainda precisa auxiliar aqueles que não sabem o sobrenome correto.

A mãe de Amanda chega para buscar o irmão dela que estuda na mesma sala, e fala com a professora que já soube do que aconteceu, e a tranquiliza dizendo que sempre acontece em casa. Porém, está preocupada com o estado de saúde da filha, não ver resultado em usar apenas óculos, precisa corrigir o problema visual com cirurgia, mas a família é humilde e não tem condições de pagar por um atendimento particular.

Logo chegam os demais pais e um a um os alunos vão saindo da sala, se despedem com abraços, e votos de cuidado a professora. Esta quando chega a diretoria fala novamente sobre o caso de Amanda, a diretora ouve, e concorda que precisam de ajuda. Já está na hora de fechar a escola, todos saem as 11h30min, e encerro mais um dia de visita.



## **SEXTO DIA DE VISITA: 21.06.2017**

Dia 21/06/2017, às 07h45min, cheguei a Escola Municipal Antônio Marreiro para mais um dia de visita, desta vez direcionada ao acompanhamento da criança matriculada no 4º ano do Ensino Fundamental, Maria Daiane, e seu irmão Benerval.

Quando cheguei a escola todos os alunos já estavam no pátio brincando, a esta altura já haviam sido contratadas duas auxiliares de sala, uma para cada turma do fundamental. Essas professoras já estavam na escola quando cheguei. Alguns alunos conversavam sobre o feriado prolongado que havia começado dia 16/06, na sexta-feira passada, e só haviam retornado pra escola hoje. As professoras também conversavam sobre o feriado, haviam emendado o aniversário da cidade comemorando os 21 anos de emancipação política, com o decreto municipal de ponto facultativo após as festividades. Um ótimo descanso, segundo elas. Mas as crianças estavam agitadas. Conversavam, brincavam, abraçavam as professoras com saudades das aulas.

Logo se dirigiram as salas de aulas, as professoras do 4º e 5º ano convidam os alunos a entrarem para a sala, Maria Daiane e seu irmão Benerval já estavam dentro da sala, os demais sentam-se e a professora se dirige carinhosamente a todos, cumprimenta-os falando seus nomes e questionando ou admirando algo diferente em cada aluno, quando se dirige a Maria Daiane elogia seu cabelo arrumado e cheiroso, ela retribui com um sorriso, aparentemente, ela entendeu o comentário da professora.

Quando pergunto sobre o diagnóstico de Maria Daiane a professora só sabe o que foi contado a ela por terceiros, ela não reside no povoado da escola. Maria Daiane nasceu uma criança normal, com três anos contraiu meningite, quase morreu, ficou em estado crítico, teve um tratamento básico somente para lhe salvar a vida, mas a doença causou-lhe a perda da voz e da audição. Após a doença ela não teve tratamento nenhum, então se tinha chance desses problemas retrocederem já passou, agora Daiane tem 15 anos.

Seu irmão Benerval é mais novo que ela, mas começou a frequentar a escola com 7 anos, não passou pela alfabetização da pré-escola, foi matriculado direto no 1º ano por conta da idade, e nos anos seguintes foi aprovado pelo sistema educacional, ficou 3 anos repetente no 3º ano, não tem diagnóstico médico, mas não consegue avançar no aprendizado, segundo a professora ele chegou esse ano sem saber nem as letras do alfabeto, já avançou, mas não e a nível de 4º ano, ele é introspectivo, não interage com os colegas, nem interage nas aulas, é sempre quieto, calado, não responde, isso na sala de aula. A professora não sabe contar como é a relação familiar deles, os pais raramente vão à escola, quase nunca, nem as reuniões de Pais e Mestres.

Esses relatos sobre as crianças tomaram muito tempo, a professora se apressou em iniciar a aula, começou com a correção do dever de casa, poucos responderam a atividade, a professora auxiliar já havia iniciado essa tarefa com Benerval e Daiane, ambas eram para repetir letras do alfabeto, os dois haviam feito a tarefa, a letra de Daiane é muito bonita, caligrafada, já Benerval ainda reproduz sem muitas perfeições as letras.

A atividade seguinte é de leitura, os demais alunos conseguem ler historinhas pequenas, salvo Marcos Vinicius um aluno especial, Jeane a crianças com autismo, Daiane e Benerval, para estes a leitura é diferenciada, Daiane não ler nada, tampouco não fala, já Benerval se recusa a ler letras do alfabeto, que ele não conhece.

Após esta atividade a tarefa é tabuada de multiplicação, como há muita diversidade de níveis de aprendizado na sala da professora, esta atividade só é direcionada para os alunos mais ativos, os demais fazem atividade diferenciada, Daiane irá copiar um pequeno poema de um livro para seu caderno, a professora auxiliar lhe mostra no livro onde começar e no caderno mostra em que linha deve iniciar a tarefa. Para Benerval a atividade é escrita no caderno pela professora, terá que copiar sílaba escrito com letras cursivas, para o nível de aprendizagem dele, essa é uma tarefa difícil, visto que ele considera mais fácil as letras de forma.

A professora auxiliar ajuda as crianças especiais a acompanhar a atividade, mais sempre volta para ver como estão trabalhando Benerval e Daiane.

Daiane já havia terminado a atividade de copiar o poema, quando chegou a hora do intervalo, e os demais alunos saem para o lanche todos juntos, e rapidamente, Benerval e Daiane saem quase por último, são acanhados em relação aos demais alunos, lancham juntos perto um do outro, mais longe dos demais.

As demais professoras já estão todas no pátio da escola, conversam sobre o prolongado feriado municipal, o intervalo está mais agitado que os outros dias, as crianças comemoram estarem vendo os colegas das outras salas.

Saí da escola às 09h30min, e encerrei mais um dia de visita.

#### **SÉTIMO DIA DE VISITA: 25.06.2017**

Cheguei para a 7ª visita à Escola no dia 25/06/2017, às 7h30min, os alunos já estavam entrando no prédio escolar Antônio Marreiro acompanhado de seus respectivos professores, a Gestora da Escola, e alguns pais, a maioria deles tem os filhos na Educação Infantil, estava também a mãe de Amanda e Jonas.

Logo na entrada todos falavam sobre a possibilidade de produzirem um arraiá apenas com os alunos da escola, no calendário escolar anual da Secretaria Municipal de Educação as aulas do primeiro semestre só findariam dia 14/07/2017, então havia ainda três semanas de aulas. Os pais ficaram de decidir se os filhos participariam, a diretora alegava que faltava pouco tempo para os ensaios, mas que as atividades culturais da escola serviam exclusivamente para os alunos, para seu crescimento social. O argumento pareceu convencer os pais.

As crianças estavam agitadas por conta do início dos ensaios, demoraram entrar nas salas, as professoras combinavam sobre tipo de roupa, e os lanches que seriam servidos, após 15 minutos as crianças já estavam bastante

agitadas no pátio da escola, então as professoras combinaram de acertar os detalhes no horário do intervalo.

Nesta visita o foco foi acompanhar o desenvolvimento escolar do aluno Marcos Vinicius diagnosticado com um tipo de Epilepsia, matriculado no 4º ano do Ensino Fundamental. Logo na entrada para a sala de aula a professora precisa falar em tom de voz mais alto para que as crianças entendessem que a brincadeira havia terminado, era hora de estudar. Todos entraram, sentaram-se, e a professora que já havia apresentado a turma, focou no caso de Marcos visto que o foco da visita era ele.

O aluno mora no povoado da escola com os pais e mais 4 irmãos, é o caçulo da família, nasceu com problemas, até então não identificados, tinha crises epiléticas, convulsivas e sempre foi tratado como doente, mas não teve acompanhamento médico desde criança. Na escola é uma criança repetente desde o 3º ano, passou três anos nesta série, e este é o quarto ano no 4º na do fundamental. Ele não consegue acompanhar o ritmo das crianças, copia as atividades do quadro negro no caderno, mas não sabe ler, não tem conhecimento para o ano matriculado, aparentemente ele não assimila conhecimento, estuda os conteúdos mas não aprende. É um rapazinho, já tem 13 anos.

A professora pede o caderno dele para que vejamos a organização das letras na linha, na folha, caligrafia excelente, tudo organizado, muito bem escrito. Quando a professora pergunta pelo dever de casa ele sorri, disfarça e diz que não teve tempo para responder, volta para sua cadeira. Confidencia-me a professora que ele é ótima pessoa, gentil, educado, não briga com os demais, como é grande tanto em tamanho como em idade, sempre a ajuda a controlar a turma, mas o aprendizado é severamente comprometido.

Retornando a turma a professora pergunta pelo dever de casa aos alunos, as falas divergem entre quem respondeu e os que não conseguiram e tinham uma desculpa. As professoras, a titular e a auxiliar de sala corrigem os deveres de todos nas cadeiras, ajudam quem não havia feito resolvido a tarefa que era assunto de ciência sobre as partes da planta. A correção da atividade demora

muito tempo, mesmo dividindo a correção dos deveres, a turma é formada por 16 alunos.

A atividade seguinte é sobre história, todos os alunos tem livros didáticos, as professoras ajudam os alunos a encontrarem a página referente ao assunto, quando a professora inicia a leitura do texto sobre a formação da família, alguns alunos estão conversando. Quando ela para de ler eles percebem o incomodo param de conversar também. A professora reinicia a leitura e durante o assunto os alunos interagem, contam como são suas famílias, a professora norteia o assunto. A tarefa escrita referente ao assunto é escrever algumas questões do quadro negro, Marcos começa logo a escrever a tarefa, na mesma sala Benerval, Daiane e Jeane fazem atividade diferente, a professora auxiliar os acompanha. Neste exercício em uma das questões os alunos teriam que descrever os componentes que formam suas famílias, na outra teriam que descrever como é sua casa, estrutura física, e na última questão teriam que reproduzir sua casa, desenha-la, para essa última tarefa teria uma folha chamex para que a reprodução pudesse ficar exposta no mural da sala de aula.

As professoras empenham-se no processo dos alunos de entender e conseguir resolver as questões, alguns querem iniciar com a atividade do desenho, mas as professoras explicam que a sequência das resposta facilitara a reprodução do desenho. Marcos já queria fazer o desenho, mas a professora o retornou para a questão da composição da família, ele sabe dizer quem são seus pais, seus nomes e de seus irmãos, mas não sabe escreve-los. Com o auxílio da professora ele escreve os nomes, na segunda questão que é a descrição da casa a professora o auxilia mais ainda, porque ele deve descrever com frases, um processo mais complexo, enquanto a professora se afasta por um tempo ele compõe as frases com palavras incompletas, tais frases tem sentido lógico, mas a escrita está incorreta.

Chega o horário do lanche, todos abandonam seus cadernos e saem famintos, a merenda é achocolatado com biscoito. Marcos tem tamanho maior que os demais alunos, se destaca com relação aos demais, é sempre

gentil, sorri para todos os colegas, os alunos menores que pegam lanche o acompanham para lanche sentados na calçada da escola, fora das vistas da gestora da escola.

As professoras já conversam sobre o arraial, sobre lanche, roupa, local apropriado, são muitas ideias e pouco consenso, a diretora me conta que Marcos não tem tratamento apropriado, os pais não dão tanta importância quanto deveria para a doença, a escola que até ano passado era sob outra gestão não conseguia inclui-lo, ele sempre foi aprovado ano após ano sem conseguir aprender. A essa altura as professoras decidiram onde seria o local do arraial, numa área dentro do espaço escolar, sem cobertura, que precisava ainda ser limpa.

Todos retornam para as salas, a professora corrige as frases erradas de Marcos e ele passa a desenhar sua família, um pai baixo, uma mãe baixa gordinha, duas irmãs iguais, e dois irmãos iguais também. Pinta-os, a professora elogia muito, os demais colegas também, ele expõe seu trabalho no mural da sala, orgulhoso do seu trabalho.

Enquanto as professoras encerram a atividade com as demais crianças ele puxa papo com os amigos de perto de sua cadeira, falam sobre irem tomar banho no rio depois da escola e do almoço, de bicicleta.

Sai da escola às 10h30min, antes de encerrar a aula da turma.

#### **OITAVO DIA DE VISITA: 06.07.2017**

Quando cheguei à escola todos já estavam nas salas de aula, dia 06/07/2017, às 08h00min, já no mês de férias, porém como o Informativo Escolar 2017 orientava que acontecesse duas semanas de aulas em julho para assim cumprir o exigido na Lei de Diretrizes e Bases sendo o mínimo 200 dias letivos e 800 horas aulas.

Esta visita foi direcionada ao acompanhamento do sai letivo da aluna Liliane, matriculada no 5º ano do Ensino Fundamental, esta tem uma deficiência física adquirida em 2013.

Quando chego a sala de aula, as professoras da turma multisseriada de 4º e 5º ano com cinco crianças especiais, já haviam iniciado a correção das atividades de casa. Direciono a atenção a Liliane que já teve a tarefa corrigida, e conversa com uma colega a frente. Ela é uma menina linda, grande, sorridente, sempre à disposição para conversa. Mostra-me o caderno, letras caligrafadas, muito organizado em disciplinas.

A professora conta que a deficiência não atrapalha o aprendizado, ela aprende bem, acompanha a turma, sabe ler e escrever corretamente, participa da aula, das atividades. Ao caminhar ela puxa pela perna, caminha com certa dificuldade, mas está sempre disposta a participar de tudo, brinca com as colegas, corre, e até arrisca jogar bola.

Já é hora de fazer a próxima atividade de Português, terão que interpretar um texto escrito num papel chamex distribuída uma cópia para cada, na folha ainda tem desenhos que instigam a encontrar o sentido da interpretação. Poucos alunos parecem saber o que deve ser feito, Liliane é uma delas, logo escreve o título do texto no caderno e observa bem os desenhos, as colegas pedem ajuda para alguma palavra ou frase, e a deixa um pouco atrasada, as professoras estão acompanhando os demais, contam que como ela sempre sabe o que deve ser respondido só são chamadas para confirmar a linha de interpretação do texto.

As demais crianças demoram a concluir a tarefa, o trabalho com as figuras não ajudam muito, o texto é longo e o trabalho devagar, Liliane já conversa com as colegas que ajudou a concluir a atividade. A professora corrige as tarefas no caderno do grupinho e estão corretas, salvo erros de caligrafia.

Quando todos concluem a atividade dizem estar cansados para a professora, ela faz graça para a turma, todos riem, e esperam sentados, a hora do intervalo, com a professora contando histórias engraçadas, faltam pouco menos de 10 minutos. As crianças parecem apreciar bastante o tempo recreativo. Quando é hora de sair para o lanche a professora sugere-me que ouça a história de Liliane pela Diretora da escola, pois na época do acidente sua professora era ela.

No intervalo todos estão agitados, após o lanche eles iram fazer os ensaios para o arraial da escola, que será dali a poucos dias. Liliane lancha rodeada de meninas, sorriem, falam das roupas que usaram nas apresentações, e passos que faram nas danças.

A diretora diz que conversara comigo após o lanche porque depois do intervalo os alunos ainda iram na sala para receberem o dever de casa. As professoras falam sobre assuntos diversos, relacionados ao arraial, fazem uma lista de compras do lanche que será servido para a comunidade e para os alunos. O tempo passa rápido entre tantos detalhes.

Quando as crianças retornam para as salas, vamos a diretoria para o relato do acidente de Liliane, a diretora parece ficar emocionada só por ter que falar no assunto novamente.

Na época do acidente, no ano de 2013, a diretora trabalhava como professora na escola, Liliane estudava na sua turma, ela é filha de pais separados, por isso mora com a avó materna. Sua casa fica no povoado, mas é longe da escola, ela vinha caminhando para a escola, vez ou outra chegava de motocicleta, no dia do acidente a aula já havia terminado, todos os alunos da sala saíram da sala, alguns para fora da escola, Liliane foi uma delas, quando saiu portão a fora não viu o carro que já estava perto demais, o pneu dianteiro esquerdo parou em cima do pé direito dela e deu ré para sair de cima, um grito tirou a professora da sala que organizava os últimos detalhes antes de sair, quando avistou a criança no chão o pé já estava coberto e as demais choravam muito, todas. O mesmo carro do acidente as levou, professora e aluna, ao hospital imediatamente, ficava a 33 quilômetros do povoado. Os primeiros socorros foram para retirar a areia e reorganizar os ossos e a pele de forma que nada fosse perdido, foi imobilizado e seguiu para outro hospital onde seria possível fazer o processo cirúrgico, este ficava a 345 quilômetros. A viagem durou 5 horas, e ela foi encaminhada a cirurgia, a princípio para a retirada do pé. Por bênçãos de Deus, o pé voltou da primeira cirurgia, ainda passou por mais três cirurgias e 60 dias internada. A professora a acompanhou por 25 dias durante o tratamento hospitalar.



Quando voltou para casa o pé ainda vinha, precisava de tratamento fisioterapêutico, porém não teve, então a medida que sarava foi ficando deformado, a pele não sarou corretamente, ela não firma o pé no chão, usa-o de lado. Passou os três meses que faltavam para encerrar o ano letivo em casa, e a escola a aprovou.

Atualmente é uma criança deficiente, ao caminhar notasse gravemente a deficiência, mas não atrapalha o aprendizado, uma aluna excepcional. A diretora emociona-se várias vezes ao relatar a história delas.

A esta altura todas as turmas da escola estavam ensaiando para o arraial, então saímos para ajudar. As apresentações seriam 3, uma quadrilha, uma dança country, e uma dança infantil. Todas as turmas se mesclaram para as danças. Havia ainda detalhes para serem organizados, e todos falavam ao mesmo tempo. Liliane dançava na quadrilha junina, uma das primeiras da fila, sempre sorrindo.

Os ensaios encerraram às 11h15min, e encerrei mais um dia de visita.

#### **NONO DIA DE VISITA: 14.07.2017**

No oitavo dia de visita aconteceu o Arraial da Escola, como havia sido agendado na última visita cheguei na Escola às 16h00min do dia 14/07/2017, já tinham muitos pais, e pessoas da comunidade, o pátio fora da área coberta da escola estava toda ornamentado com bandeirinhas, hastes de palhas verdes, uma mesa com várias cadeiras para convidados especiais, muitas cadeiras ao redor para que todos sentassem-se.

Já na entrada da escola várias alunas já vestida a caráter de suas danças deram-me boas-vindas, e seguiram para rodas de conversas, todos da escola estavam alvoroçados, a diretora me recebeu rapidamente com um abraço e seguiu retocando a trança das meninas, as professoras cuidavam dos últimos detalhes, as auxiliares da cozinha preparavam os detalhes finais do lanche.

Este Arraial era o primeiro realizado dentro da escola, com grande amplitude, a gestora passada era religiosa, por isso não permitia a atividade cultural. Estavam todos animados, muitas mães com filhos de colo.

As apresentações começaram com meia hora de atraso, formaram a mesa de convidados, e a primeira apresentação foi da turma da Educação Infantil, todos os alunos participaram, dançavam e coreografavam uma musiquinha infantil, ao final todos aplaudiram.

A segunda apresentação foi uma Dança Country, com meninos e meninas, muito bem coreografadas. A terceira apresentação foi a Quadrilha Junina, com grande maioria dos alunos da escola, entre eles, Amanda, Natilla, Wilias, Breno, Liliane, Marcos, e Jeane. Surpreendente a inclusão das crianças especiais na atração, os pais aplaudiam e dançavam no ritmo da música, durante a apresentação os movimentos mais complicados eram acompanhados de perto pelas professoras.

Ao final das apresentações foi servido o lanche para todos que estavam na escola, despediram-se e saíram rindo e comentando sobre as apresentações, começava o processo de férias, restrito a 15 dias, professoras e alunos se despediam desejando boas férias uns aos outros.

A escola ficou com muita sujeira acumulada, o corpo docente providenciou a limpeza rapidamente, todos juntos. Encerraram as tarefas já ao anoitecer, e encerrei mais um dia de visita.

#### **DÉCIMA VISITA: 25.08.2017**

Cheguei a Escola as 7h20min, do dia 25/08/2017, haviam poucos alunos, aguardamos fora da escola para que os demais chegassem, as aulas do segundo semestre já haviam começando a duas semanas, não falavam mais em férias.

A visita foi decidida na sala da diretoria, não havia ficado combinado do semestre passado, a diretora não estava na escola, nem a professora titular do 4º e 5º ano, então a professora de 1º e 2º ano manifestou interesse que

fosse observar sua sala, especialmente a aluna Amanda, argumentando que esta continua no mesmo nível de aprendizado.

Quando chegamos a sala os alunos estão em volta de uma cadeira, rodeando um aluno, a professora cumprimenta-os e eles sentam-se, ela faz uma rápida apresentação sobre meu trabalho e indica uma cadeira onde posso sentar-me. Para começar a aula, a professora pergunta sobre o dever de casa, diz que corrigirá depois, alguns alunos contam histórias curtas, somente para distração, Amanda e Jonas seu irmão chegam nesse instante, a professora novamente cumprimenta-os, e eles se sentam, Amanda ocupa uma cadeira destacada, mas a frente que a dos demais colegas.

O conteúdo do dia era a letra “C”, a professora cópia no quadro a família silábica, dividindo as sílabas por sons, chama o primeiro aluno para ler é Railson, ler todas as sílabas sem ajuda da professora, e assim segue a leitura das demais, muitas crianças tem dificuldade, a letra no quadro é bastante grande, fácil de visualização, quando é a vez de Amanda ler, ela tem dificuldade, havia passado a leitura toda desatenta, mas enxerga bem as letras no quadro, a professora a auxilia, logo que termina ela pede uma segunda vez para ir ao banheiro e a professora permite. Após leitura de todos, a atividade seguinte é formar palavras com a família silábica do “C”. A professora diz que ela não foi atrás de Amanda ou algum dos alunos, ela fica muito tempo fora da sala de aula, então começa a atividade de palavras, todos os alunos participam, com exceção de uma aluna, sempre quieta, que também se recusou a fazer a primeira leitura.

Após uns quinze minutos Amanda entra na sala, contando as cerâmicas da sala, coloca um pé após o outro contando-as de uma a uma, as crianças continuam na atividade e a professora chama Amanda a participar, ela olha para o quadro, pouco tempo, se distrai brincando com outro aluno.

Durante a atividade, Amanda levanta da cadeira, senta no chão, pinta alguma coisa numa folha a parte, a professora a chama para a atividade vez ou outra, ela não se concentra, fica distraída, pede outra vez para ir ao banheiro, a professora não deixa. Aos poucos a professora vai aumentando o

tom de voz para cobrir o barulho que a turma está fazendo. Quando chega a vez de Amanda ler as palavras, apesar de não ter ajudado a construí, ela conhece as sílabas e forma as palavras.

Amanda já está pintando novamente, a próxima atividade ainda é sobre a família silábica em estudo, apresentada em folha chamex com atividade xerocada, eles terão que ler palavrinhas, uma atividade para cada criança, a professora vem até mim e mostra no livro a sequência de atividade com os mesmos conteúdos, porém de forma diversificada, muito interessante.

Após, a professora sai da sala por um instante e as crianças se dispersam, Amanda olha fixamente para fora da sala de aula, as demais crianças são parcerias, quando não conseguem identificar a palavra vão aos demais perguntar como se ler a palavra. Quando a professora retorna, senta próximo da aluna que se recusa a ler e auxilia ela na leitura, aluna participa.

Nesse momento chega na janela da sala uma vizinha a escola com uma doença chamada Catapora, a principal característica são carocinhos que surgem por todo o corpo, nessa pessoa na janela haviam tantos desses carocinhos que todos os alunos foram vê-la através da janela, segundo eles ela estava irreconhecível, as crianças ficaram impressionadas. Quando a pessoa saiu eles continuaram falando muito tempo sobre o assunto.

Amanda pede novamente para sair da sala e a professora permite, dessa vez vou até a porta ver até onde ela irá, primeiro bebe água na cantina, após vai ao banheiro, volto para dentro da sala. As crianças são muito carinhosas com a professora, abraçam-na, a professora faz leitura com outro aluno, de repente se dar conta que falta Amanda na sala, sai a sua procura e a encontra na cantina conversando.

Em seguida a professora vai ao quadro explicar a atividade no quadro para todos os alunos, Amanda ainda não entrou na sala, durante a explicação no quadro ela precisa ir a cadeira de alguns alunos para indicar onde devem escrever a resposta, Amanda chega na sala, já está atrasada no dever. Ela não se concentra, limpa os óculos, brinca com papel higiênico, de repente sai da sala de novo e a professora para a explicação para ir busca-la, dessa vez

trazela e senta-a na cadeira para que foque na leitura. Chegamà hora do intervalo, as crianças saem em fila. Preciso sair neste horário, despeço-me da professora e dos alunos e saio às 9h30min.

#### **DÉCIMO PRIMEIRO DIA DE VISITA: 18.08.2017**

Esta visita estava agendada desde a semana anterior, será na sala da professora de 4º e 5º ano, está sala tem uma professora auxiliar. Cheguei a escola as 7h15min, na sexta-feira dia 18/08/2017.

Quando me aproximava da escola chegava também uma das professoras da escola, a Diretora, e uma mãe que gostaria de fazer uma reclamação, dando-lhe a palavra, a Senhora Mãe falou sobre a dificuldade em ter que vir buscar seus dois filhos em horários distintos na escola, a criança que sai primeiro da escola frequenta a Educação Infantil, saindo as 10h30min, a segunda criança frequenta o ensino fundamental, saindo as 11h30min. A Diretora então explicou que são os horários determinados pela SEMED, e quando a mãe tiver dificuldade para vir em horários distintos, que converse com os professores para que liberem as duas crianças em horários iguais.

Durante a conversa chegaram os demais alunos e as professoras, a última chegou exatamente às 7h30min, saudou a todos com bom dia e foi direto para a sala de aula, os alunos a acompanharam. Ao chegar na sala a professora apresentou rapidamente meu trabalho aos alunos, para que lembrassem novamente como seria feita a observação das visitas, sentei-me ao lado.

A observação é voltada para a aluna Jeane, uma criança diagnosticada com Autismo, esta criança apresenta histórico de brigas, violência contra professoras, palavras de baixo escalão, xingamentos. Já morou fora do município por alguns anos, a família não aceita o diagnóstico, acredita que ela é rotulada de forma equivocada. Ainda segundo a professora, as histórias sobre a vida escolar dela eram aterrorizantes. Jeane faz uso de medicamentos controlados de alto grau, não afetou seu crescimento, ela é grande, e forte.

Quando a professora pergunta pelo dever de casa, ela diz que não fez, porque não teve tempo, estava sentada ao fundo da sala acompanhada da professora auxiliar, levanta-se com o caderno na mão e ocupa uma cadeira vazia próxima a professora titular, começa a conversar, contando histórias variadas. A professora auxiliar chama Jeane de volta, ela reluta, mais volta, vai até meia distância e joga no caderno na mesa da professora. Nenhuma das duas professoras diz nada a respeito. A professora titular, doravante denominada professora 1, está escrevendo no caderno de outras duas crianças especiais da sala, um dever. Esse tempo em que passa escrevendo, Jeane está conversando com ela. As demais crianças estão lendo historinhas para apresentarem na sala nos instantes seguintes.

A esta altura Jeane está contando que agrediu fisicamente duas crianças no dia anterior, quando a professora pergunta por que, ela simplesmente diz que não gosta delas. Vai iniciar a leitura com a turma, então a professora 1 diz a ela que vá sentar com a professora auxiliar, doravante denominada professora 2.

Começa a leitura com as crianças, a exigência da professora 1 é que as crianças leiam em voz alta e em pé, são escolhidas pelo número de frequência escolar. As três primeiras leem bem, durante uma leitura e outra Jeane fala com a professora, chamando-lhe a ver algo, pede para sair, a professora 1 permite, ela sai da sala e as crianças seguinte começa a leitura.

A professora 2 sai da sala a procura de Jeane, volta e diz que ela não está no pátio, e entra para a sala, continua a leitura, passam-se 10 minutos e Jeane retorna. Quando é chamada para fazer o dever no caderno pela professora 2, ela diz que não trouxe lápis, quando é olhado na sua bolsa, realmente não há lápis.

A professora 1 auxilia mais duas crianças especiais na sala a lerem, elas só conseguem repetir o que a professora 1 fala silabicamente. Jeane interrompe pedindo para sair novamente, leva o caderno junto, a professora permite. Ela sai, deixa a porta da sala completamente aberta, dessa vez vou observar até onde ela vai. Ao procurá-la na secretaria da escola, ela está sentada com a

Supervisora pedagógica da escola fazendo a atividade escrita pela professora 2.

A atividade refere-se a letras do alfabeto, Jeane terá que repetir na linha várias vezes a mesma letra, ela começa a fazer o dever, a supervisora me fala sobre acreditar está errado aquele tipo de atividade, mas não faz referência a uma possível correção. Enquanto Jeane faz a atividade conversamos sobre outros alunos com deficiência na escola, a falta de acompanhamento das famílias, o que dificulta a parceria no trabalho.

Jeane não terminou a atividade, mas decidiu voltar para a sala, esse tempo fora da sala de aula demorou por volta de 15 minutos, em nenhum momento nenhuma das duas professoras veio conferir onde ela estava, a Supervisora confirmou que é sempre assim.

Voltamos para a sala, Jeane pinta um desenho e vem me mostrar, pergunta de que cor deve pintar o chapéu do homem no desenho, falo uma cor e ela volta para procurar. As crianças da sala já estão em outra atividade no quadro.

Chega o horário do intervalo, todos saem, desordenados mais comportados. As professoras sentam-se na diretoria, e as crianças lancham no pátio da escola. Jeane está sempre perto da professora 1, abraça-a, beija-a, não sai de perto.

Na volta para sala de aula as crianças já estão mais dispersas, conversam muito, riem, a professora 1 pede a todos que sentem, relutam, quando pede novamente e ai eles obedecem. Jeane coloca todo seu material na mochila, quando a professora 2 pede seu caderno novamente ela diz que não fará mais nada. Puxa assunto com uma aluna, ou outro, levanta-se, pede para sair da sala. As crianças já estão na atividade de outra disciplina, onde exige reflexão, eles precisam participar, mas o interesse parece pouco.

As crianças terão que escrever numa folha a parte a reflexão do texto, a professora 2 entrega para cada criança uma folha, na folha de Jeane ela rapidamente faz um risco de lápis e a joga no chão. A professora 2 pega a folha, fala com ela sobre respeito, e apaga o borrão, incentiva-a a fazer um desenho bem bonito.

As crianças começam a fazer seus deveres, as professoras sentam-se próximo de um ou outro para ajudar, Jeane pede várias vezes em seguida para sair da sala. Faz graça para as crianças da sala e todos riem.

A visita terminou as 11h00min. Confirmo com a Diretora a visita seguinte para a sala da Professora do 3º ano.



**APÊNDICEC: CARTA DE APRESENTAÇÃO**

**INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO  
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM ESTUDOS PROFISSIONAIS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO:  
ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES EDUCATIVAS**

**OFÍCIO 001/2017**

**Porto/PT, 12 junho de 2017**

**Ilmo. Sr. Gestor da Escola.....  
São Luís/Maranhão**

Pelo presente, apresentamos....., aluna devidamente matriculada no mestrado em Estudos Profissionais Especializados Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto/PT, que realizará pesquisa empírica tendo como objeto de investigação.....a Escola.....no município de ..... Para tanto, precisamos coletar dados sobre o referido objeto de investigação em documentos, bem como aplicar questionários, realizar entrevistas e outras atividades de observação do campo de investigação, que requer a permissão dessa entidade para que a investigadora tenha sua entrada e permanência garantida por algum tempo. Desse modo, esperamos contar com sua autorização e apoio dos seus professores, coordenadores e alunos que atuam nessa escola. Esperamos que esta pesquisa possa produzir análises que contribuam com a melhoria da educação na rede pública do município.

Certa de seu deferimento, aguardamos a autorização e apoio de V. S. para o início da realização do trabalho e manifestamos antecipadamente nosso agradecimento, votos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Profa. Dra  
Orientadora

Mestranda.....

Imo. Sr(a).....  
Gestor (a) .....



#### **APÊNDICE D: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Estamos realizando junto ao Mestrado em Estudos Profissionais Especializados em Educação: Especialização em Administração das Organizações Educativas, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, uma pesquisa intitulada “Avaliação das aprendizagens em uma escola da rede privada no município de São Luís-Maranhão” e queremos convidá-lo(a) a participar da mesma. A pesquisa tem por objetivo fornecer dados sobre a gestão da avaliação das aprendizagens. Sua participação é opcional. Caso aceite participar deste projeto de pesquisa gostaríamos que soubesse que a análise dos resultados obtidos através do questionário e da entrevista será utilizada na elaboração dessa Dissertação de Mestrado, podendo ser divulgados em periódicos ou congressos científicos, com garantia de identidade preservada dos sujeitos envolvidos. Para autorizar sua participação preencha o espaço abaixo:

Eu,.....portador(a) do  
RG: .....aceito participar da pesquisa acima  
especificada. Declaro ter recebido as devidas explicações sobre a referida  
pesquisa e estou ciente de que minha desistência poderá ocorrer a qualquer  
momento sem que ocorram quaisquer prejuízos. Declaro, ainda, estar ciente  
de que a participação é voluntária e que fui devidamente esclarecido(a)  
quanto aos objetivos e procedimentos desta pesquisa. Certas de podermos  
contar com sua autorização, colocamo-nos à disposição para qualquer  
esclarecimento.

Mestranda Investigadora: .....

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

.....

Assinatura do(a) Participante



**APÊNDICE D: FORMULÁRIO 1 – CARACTERIZAÇÃO DA(S) ESCOLA(S)**

**INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO  
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM ESTUDOS PROFISSIONAIS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO:  
ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES EDUCATIVAS**

Nome da Escola(Fictício).....

Localização.....

Responsável pelas Informações .....

Data: ...../...../.....

1) Quando a escola foi criada?

.....  
.....  
.....

2) Quais os níveis e modalidades de ensino que a escola oferece?

.....  
.....  
.....

3) Quantos alunos estão matriculados na escola? Qual o número de estudantes por nível/ano/?

.....  
.....  
.....

4) A escola possui espaços arejados, conservados e bem iluminados?

.....  
.....  
.....

5) A escola possui cozinha, banheiros, refeitório, salas computação, laboratórios? Quais as condições físicas e de uso?

.....  
.....  
.....

6) A escola oferece merenda escolar? Em qual periodicidade e como ocorre a distribuição/É suficiente para o consumo?

.....  
.....  
.....

7) Qual a origem, tratamento e disponibilização da água servida aos alunos e utilizada na escola?

.....  
.....  
.....

8) A escola possui biblioteca? Em caso positivo como a mesma é utilizada?

.....  
.....  
.....

9) Como é o mobiliário da sala de aula Quais as condições de uso?

.....  
.....  
.....

10) Caracterize o quadro de professores, coordenadores pedagógicos, supervisores e gestores da escola quanto a formação inicial, continuada, pós- graduação, tempo de serviço na escola.

<b>Pessoal da Escola</b>	<b>Formação Inicial</b>	<b>Formação Continuada</b>	<b>Pós-Graduação</b>	<b>Tempo De Serviço</b>
Gestores				
Coordenadores				
Supervisores				
Professor de .....				
Professor de .....				
Professor de .....				
Professor de .....				
Professor de .....				
Professor de .....				
Professor de .....				
Professor de .....				
Professor de .....				
Professor de .....				
Professor de .....				

Obrigada, pela colaboração, caso seja necessário pode ampliar o espaço de respostas, por isso deixamos este instrumento em word.

Mestranda.....